

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**AS RELAÇÕES AFETIVAS NA APRENDIZAGEM
EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

ADRIANE PIRES RODRIGUES

Pelotas, 2008.

ADRIANE PIRES RODRIGUES

**AS RELAÇÕES AFETIVAS NA APRENDIZAGEM EM
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador : Prof^ª. Dra. Magda F. Damiani

Pelotas, 2008

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Magda Floriana Damiani

Prof^a. Dr^a. Marly Mallmann

Prof^a. Dr^a. Rosária Sperotto

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu amigo, autor de minha vida.

Aos meus pais João Carlos e Nancy pelos valores que sempre me ensinaram e pela ótima educação que me deram, a quem dedico está dissertação.

Ao meu amor Luciano o grande incentivador para que eu fizesse o mestrado, pela paciência e dedicação.

À todos os meus familiares e em especial aos meus sobrinhos Lucas, Samanta, Andressa, Marcela e Nikole meus amados, por existirem, fonte de vida e inspiração para mim.

A instituição Dalmanutá e em especial ao Pe. German Varela pela sua dedicação e auxílio no decorrer da caminhada.

A minha Orientadora Magda por toda a aprendizagem e carinho.

Aos amigos, Adriana, Maria da Glória, Nara, Itturiet, Simone Garcia, Marilda, Fabiane, Rafael, pela amizade.

Ao CEFET-RS, em especial, aos colegas do Curso Técnico de Sistemas de Informação, por toda a ajuda.

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
 1 INTRODUÇÃO	 08
2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	17
2.1 Por que “Educação a Distância” e Não “Ensino a Distância”?	17
2.2 O que é EAD?	18
2.3 Histórico sobre a EAD	20
2.4 Aprendizagem em EAD	23
2.5 O perfil do Professor e o do Aluno na EAD	27
3 AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO	31
3.1 Afetividade e Educação a Distância	40
4 CAMINHO METODOLÓGICO	44
4.1 Estudo Piloto	44
4.2 Estudo Principal	52
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	55
5.1 Os pontos fracos da EAD	57
5.2 Os pontos fortes da EAD	60
5.3 Percepção da presença de trocas afetivas na EAD	62
5.4 Percepção da importância das trocas afetivas na EAD	67
5.5 Percepção acerca das relação afetividade e aprendizagem	71
5.6 Percepção da relação entre motivação para permanecer no curso e realizar as tarefas e as trocas afetivas	73
6 REFLEXÕES FINAIS	79
7 REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE	87
Apêndice A	88
Apêndice B	89

ANEXOS.....	90
Anexo A.....	91
Anexo B.....	98

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de investigar a percepção de um grupo de tutores e alunos de EAD sobre: a) a ocorrência de trocas afetivas nessa modalidade de educação; b) a importância a ela atribuída pelos sujeitos entrevistados; e c) a influência dessas trocas na aprendizagem. Como a EAD é importante, porque contribui para a democratização da educação, possibilitando que mais alunos possam ingressar no ensino superior, é essencial fazê-la com qualidade. Com esta pesquisa, pretendo trazer contribuições que promovam essa qualidade. A revisão teórica que deu suporte à pesquisa incluiu uma discussão breve sobre a EAD, sobre afetividade e educação e sobre a importância da afetividade na EAD. Para isso foram utilizadas as idéias de autores como Belloni, Kenski, Vigotski, Freire, Arantes e Moran. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, com três tutores e quatro estudantes envolvidos em cursos a distância e selecionados visando a compor um grupo de sujeitos que apresentasse variabilidade, conforme as diretrizes que guiam os processos de amostragem nas pesquisas qualitativas. Os resultados, baseados em categorias teóricas e empíricas provenientes da análise dos dados das entrevistas, foram complementados pelas informações obtidas em um estudo piloto que serviu também para orientar a coleta de dados do estudo principal. As trocas afetivas, segundo os participantes da pesquisa, ocorrem na EAD. Elas aparecem entre os alunos e tutores, presenciais ou a distância, e entre os alunos, em especial nos trabalhos em grupo. A presença das trocas afetivas é considerada importante para impulsionar a aprendizagem e a motivação dos alunos.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to investigate the perception of a group of tutors and pupils of EAD about: a) the occurrence of affective exchanges in this modality of education; b) the importance attributed to it by the individuals interviewed; and c) the influence of these exchanges in learning. Since the EAD is important because contributes for the democratization of education, allowing that more pupils can attend university, it is essential to do it with high quality standards. With this research, I intend to contribute with information that can lead to this quality. The theoretical revision which supported this research includes a short debate about the EAD, about affection and education and about the importance of affection in the EAD. For this reason, it has been used the ideas of authors such as Belloni, Kenski, Vigotski, Freire, Arantes and Moran. The data was collected by semi-structured interviews, with three tutors and four pupils enrolled in distance learning courses aiming to make a group of individuals that could present variety, according to the rules which guide the processes of sampling in the qualitative researches. The results, based in theoretical and empirical categories come from the analysis of data of the interviews, it has been complemented by the information obtained in a model study that also contributed to orientate the collection of data of the main investigation. The affective exchanges according to the individuals who have participated in the research, took place in the EAD. They are showed among the pupils and tutors, in presencial and distance learning, and among the pupils, especially in group work. The presence of affective exchanges is considered important in order to develop the learning and the motivation of the pupils.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar a ocorrência de relações afetivas na Educação a Distância (EAD) e como essas podem auxiliar o processo de aprendizagem nesta modalidade de ensinar. Como há, na educação presencial, inúmeras evidências da importância da afetividade, nas relações aluno-professor e aluno-aluno, parece ser tarefa relevante se essa importância também se verifica na EAD.

No meu início de docência, refletia muito sobre o que é ser professora. Essa reflexão levou-me a perceber que a palavra professora não me agradava. Quando ouvia essa palavra, me vinha a idéia de que ser professora era somente se preocupar com o conteúdo, com o cronograma, com a sala de aula. Parecia que ser professora implicava só em repassar informações, como se o aluno fosse um banco de dados e a relação professor-aluno fosse algo meramente burocrático. Eu não aceitava essa idéia e queria dar a devida importância ao aluno, como pessoa que é. A partir dessas reflexões, percebi que, como professora, queria ser mais do que aquilo que em geral, as pessoas pensam sobre o ser professor. Foi então que me deparei com a palavra Educador no livro de Paulo Freire, “Pedagogia da Autonomia” (1996). Embora ele utilize a palavra Educador como sinônimo de professor, no meu interior, a palavra educadora deixava-me mais realizada. Perguntei-me, por quê? Por que educadora me parecia ser uma palavra com sentido mais amplo. Para mim, educar é interferir nas atitudes do aluno, na sala de aula, tanto em relação a si próprio como em relação aos colegas. Educar é exigir responsabilidade e pontualidade nas tarefas que devem ser realizadas, mas também é ter flexibilidade para perceber quando o aluno não pode realizá-las

por motivos justos, inclusive afetivos; é considerar o outro como uma pessoa digna; é amar e dar exemplo e, principalmente, é tentar ao máximo não exigir do aluno aquilo que o próprio professor não faz, pois, do contrário, o professor torna-se hipócrita. Educar é perceber que o aluno é um todo, é razão, é afetividade, é espiritualidade, ou seja, ele não é apenas intelectualidade. Educar é ter muita paciência com os alunos. Educar, então, começou a ter o meu significado, que implica em pensar no aluno como um ser humano, como aquele que tem qualidades, defeitos, limites, experiências boas e más em suas relações inter-pessoais, nas suas aprendizagens, no contexto em que vive. Portanto, importam-me suas atitudes, não apenas sua avaliação com uma nota. Importam-me, seus sentimentos, sua motivação na sala de aula, sua responsabilidade. Então, para mim, ser educadora é olhar os alunos como pessoas e comprometer-me com elas ajudando-as a ultrapassar suas limitações, podendo até, em algumas ocasiões, auxiliá-las em suas vidas fora da escola; é, muitas vezes, dialogar sobre assuntos que surgem na sala de aula (e que podem estar até fora do conteúdo da disciplina) sobre os quais é necessário conversar, discutir, levando os alunos a desenvolver um pensamento crítico sobre eles. Esses assuntos envolvem aspectos afetivos e, em geral, situações pelas quais os alunos estão passando - na sua família, na sua escola, na sua vida - e sobre as quais torna-se necessário falar, senão nem conseguem prestar atenção na aula.

Educar é olhar para todos sem distinção e isso não é fácil, pois temos nossas afinidades com determinados alunos e com outros não e necessitamos que aprender a lidar com isso. Sempre que entramos em uma nova turma, devemos reconhecer nossos preconceitos para lidar com os alunos e tentar fazer com que tais preconceitos não nos atrapalhem, pois o professor também tem defeitos e muitas vezes acaba olhando o aluno conforme as representações criadas ao longo de sua experiência de vida e não como o aluno é. Ao olhar um aluno com o cabelo comprido, por exemplo, o professor pode pensar que esse aluno é malandro, que não irá aprender. Porque equaciona cabelo comprido com desleixo em relação à aparência, pode ampliar tal equação relacionando desleixo pessoal com desleixo nos estudos, quando, possivelmente, o aluno tem cabelo comprido simplesmente porque gosta. O professor pode também olhar uma aluna toda “arrumadinha” e pensar que ela

não é estudiosa, porque relaciona a preocupação demasiada com a aparência com a despreocupação com o estudo. Pode, ao contrário, pensar que ela, porque está vestida assim, é estudiosa, associando o bem-vestir com a preocupação com o estudo. Assim, acredito que temos, também, que nos conhecer bem como pessoas e entendermos nossos vieses, não deixando que prejudiquem nosso processo de conhecer o aluno como ele é, não nos deixando levar pela sua aparência, maneira de se expressar, ou outras características que apresente. Assim, comecei a entender que o Educador, como escreve Moran,

[...] é um especialista em conhecimento, em aprendizagem. Como tal, espera-se que, ao longo dos anos, aprenda a ser um profissional equilibrado, experiente, evoluído, que construa sua identidade pacientemente, integrando o intelectual, o emocional, o ético, o pedagógico (2007, p.74-75).

Acredito que devemos ser responsáveis por esse espaço que designamos Escola, fazendo com que nossos educandos se sintam bem nele e aprendam não apenas para si, e para sua profissão, mas para a sua vida cotidiana, na sua família ou no ambiente onde estiverem. Penso que algumas pessoas podem ainda não ter entendido que quando nós professores educamos, devemos buscar fazer com que nossos alunos utilizem o que aprenderam em suas vidas e também que se tornem capazes de usar suas aprendizagens em favor de outros, da humanidade.

Quando comecei a pensar que ser Educadora é muito bom, percebi que minha prática deveria ser aprimorada a partir de minha reflexão sobre ela e nela. Como diz Freire (1996, p.38), “a prática docente crítica, implicante de pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Dessa forma, acredito que pensando, repensando, ouvindo os alunos, observando e analisando a nossa prática hoje é que podemos melhorar nossa prática de amanhã.

A partir desse momento, senti a necessidade de obter formação pedagógica, uma vez que meu curso de graduação, por ser em Ciência da Computação, não tem em seu currículo disciplinas que discutam o aprender e o ensinar. E eu queria saber mais sobre Educação. Perguntava-me: qual a melhor maneira de ensinar para que o aluno aprenda?

Assim, logo após a conclusão desse meu curso, fui fazer o de Formação Pedagógica, na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Nessa época, era professora substituta no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS), no Curso de Eletrônica. Nesse período, participei também do Curso de Educação Especial a Distância, promovido pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), que tinha como objetivo a preparação para o trabalho com Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (PNEEs), algo que eu considerava importante. Esse curso era por correspondência. Recebia em casa todo o material didático, que consistia em volumes relativos aos os temas a serem discutidos. Cada volume continha também as tarefas a serem realizadas. Eu lia e respondia as questões propostas e enviava os textos para os professores, que as devolviam corrigidas. O curso também previa um estágio em escolas de Pelotas que trabalhavam com PNEEs.

Eu gostei do curso, sentia-me incentivada para fazer as tarefas, considerava os textos bem elaborados. Foi uma das minhas primeiras experiências com o ensino a distância. Com ele, dei continuidade a minha formação de educadora. Entretanto, dentro de mim, desejava algo mais. Sempre quis unir as duas áreas, Educação e Informática, e assim fui fazer curso de especialização em Informática na Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Apesar desse gosto pela Informática, o que mais amo é ver um aluno aprender. É muito gratificante. Por isso, penso que esses dois gostos podem se unir. Eu sempre busquei uma Informática “humanizada”. Acredito que a tecnologia tem que ajudar o ser humano e não o escravizar, ou seja, a tecnologia tem que ser um instrumento bem utilizado para que as pessoas cresçam e se ajudem e não um meio de alienação ou exclusão.

Voltando ao curso de especialização realizado na UFRGS, é interessante observar que era a distância, embora tivéssemos encontros presenciais, no início e no fim de cada semestre. Tive disciplinas relacionadas à Educação e também disciplinas ligadas às Tecnologias - ferramentas para suporte à Informática Educativa e Educação a Distância. Tais ferramentas possibilitavam a utilização de *Webcam*, o compartilhamento de editor de texto, videoconferências com os professores, o que criava oportunidades para uma comunicação *on-line* agradável. Nessa especialização, pude perceber o quanto

é importante a comunicação *on-line* e como é possível efetivar uma nova maneira de ensinar e aprender, mesmo a distância. Isso despertou meu interesse por essa modalidade educativa.

A experiência vivenciada nesse curso de especialização, para mim, foi muito importante. O grupo de colegas ajudava-se bastante as pessoas também aprendiam umas com as outras.

Recordo-me que nesse curso tivemos um momento muito interessante, ao utilizarmos o Programa *Netmeeting*: foi possível compartilhar o uso do programa *Powerpoint* em um trabalho organizado a partir de eslaides que nosso grupo havia produzido. Tanto nós, as alunas, como as professoras, podíamos modificar os eslaides que estavam sendo mostrados nas telas de todas as participantes da reunião. Esses eslaides haviam sido criados para a apresentação de um trabalho de uma disciplina, por mim e mais três colegas. Essa apresentação ocorreu por meio de uma conexão discada com nossas professoras em Porto Alegre. As professoras podiam ouvir nossas vozes enquanto, íamos passando os eslaides, como se fosse uma apresentação presencial. Alguns problemas ocorreram: a conexão caiu uma vez e, em nossos microfones, não podíamos fazer comentários entre nós sem que as professoras nos ouvissem, mas o resultado foi bastante satisfatório.

Nesse curso, tínhamos tutores de suporte, para tirar eventuais dúvidas em horário integral. Esses técnicos eram fundamentais quando o professor não estava *on-line* porque, muitas vezes, tínhamos apenas um determinado tempo para fazer as tarefas e, se não conseguíamos devido a algum recurso que não sabíamos usar, então pedíamos explicação *on-line* e conseguíamos fazer a tarefa. O que percebi de especial e positivo, tanto nesse curso de especialização a distância *on-line*, como ao curso da UCPEL, que era a distância por correspondência, foi que disponibilizaram tempo para ler e fazer as tarefas em casa. Os professores corrigiam as tarefas e me enviavam de volta com observações sem que isso envolvesse dispêndio de tempo e energia em deslocamentos. Durante os dois cursos, comecei a desenvolver minha habilidade de escrita e isso foi fundamental, pois ela é uma importante ferramenta para desenvolver o pensamento, segundo a perspectiva sócio-histórica.

O que observei de negativo nesses cursos foi a maneira como, muitas vezes, os professores se expressavam. Penso que o trabalho com alunos a distância deveria iniciar, por exemplo, com uma saudação os comentários, dos professores acerca dos trabalhos dos alunos. A meu ver, também deveriam incluir elementos extra-conteúdo, manifestações pessoais, pois são uma maneiras de aproximar aluno e professor.

Outro aspecto importante, que tive que aprender como aluna de EAD, foi a organização do tempo de resolução das tarefas para que elas não se acumulassem. Aprendi também que era possível uma comunicação a distância divertida e que a distância tornava-se menor quando o professor tinha um laço de amizade com seus alunos. Ali comecei a ter interesse por essa modalidade de ensino.

Quando me efetivei como professora no CEFET-RS, no curso de Técnico em Sistemas de Informação, existia um núcleo chamado NEAD – Núcleo de Educação a Distância¹. Nessa época, por estar mais diretamente ligado às tecnologias e também porque vários de seus professores participavam do núcleo antes existente, nosso curso resolveu convidar todos os seus professores para trabalharem nesse núcleo. A partir daí, integrei-me, junto com meus colegas, no Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, projetado na modalidade a Distância, pelo MEC/SEED, em parceria com as Universidades Federais e Centros Federais de Educação Tecnológica. Esse programa tem como objetivo, conforme o portal do MEC², proporcionar formação continuada aos profissionais de educação para o uso das diferentes tecnologias da informação e da comunicação, de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para a formação de um leitor crítico e criativo, capaz de produzir e estimular a produção nas diversas mídias.

As mídias envolvidas neste programa são: a televisão, o rádio, a informática e o material impresso. O Rio Grande do Sul ficou com o Módulo da mídia informática - coordenado pela Prof.^a Liane Tarouco, da UFRGS - tendo várias subdivisões, de acordo com os temas a serem desenvolvidos e os materiais didáticos. Nós, do CEFET-RS, ficamos com o Módulo 5, que se

¹ Esse núcleo passou a denominar-se CEAD - Coordenação de Educação a Distância, em 2005.

² <http://portal.mec.gov.br/default.htm>.

intitulava “Ferramentas de Autoria para a Produção de Hipertexto na Educação”. Participei, portanto, da elaboração do material desse módulo e percebi, ao realizar tal atividade, que gostaria de investigar temas relacionados à aprendizagem na EAD, já que eu estava montando o material didático para alunos que iriam se envolver nela.

Aos poucos, fui percebendo que tinha duas preocupações: a aprendizagem e a afetividade na EAD. A aprendizagem começou a me preocupar ao elaborar material para o curso de Mídias na Educação, que já comentei antes. Ao desenvolver esse material, muitas vezes, perguntava-me: qual a melhor forma para este conteúdo? Um texto, um tutorial animado, um tutorial não animado, um vídeo ou um material de outro tipo? O que poderá ajudar o aluno em seu processo de aprendizagem? Embora se encontre artigos, tutoriais e informações na Internet que apresentam diretrizes para o desenvolvimento de material didático para EAD, eles ainda são poucos e não oferecem subsídios suficientes. A montagem dos materiais, então, fica a critério de cada professor. Daí ficam as perguntas: ao elaborar um material para EAD, o conteudista³ pensa nos processos cognitivos implicados nas aprendizagens que pretende promover? Ele reflete acerca de todos os fatores que podem influenciar na aprendizagem? Os passos que o conteudista coloca no tutorial e que para ele são claros, podem não sê-lo para outras pessoas. Talvez nem todos consigam aprender determinado conteúdo apenas por meio de um tutorial, sendo necessário muito mais. Nessa perspectiva, creio que a aprendizagem a distância precisa ser estudada, discutida e muito bem planejada, também porque essa aprendizagem não depende apenas das informações organizadas pelos professores e recebidas pelos alunos. Ela depende do modo como são desenvolvidas as aulas e outras atividades. Portanto, está também relacionada com o segundo aspecto que me interessa estudar, a afetividade. Por que me preocupo com isto? Porque já fui aluna a distância e senti, muitas vezes, a diferença entre as aulas dos diferentes professores. Em algumas aulas aprendi mais, senti-me mais valorizada e incentivada do que em outras. Qual seria o motivo? Para mim, eram as atitudes

³ Conteudista é a pessoa que elabora, planeja o material didático para EAD. Esta pessoa poderá também ser o professor ou não da Disciplina para qual está montando o material.

dos professores, a maneira de responder as dúvidas, a maneira de corrigir os erros. Penso que a forma como que o professor lida com esses procedimentos faz com que o aluno queira ou não continuar ou refazer a tarefa, se necessário. Havia, na minha experiência, professores que apenas se manifestavam por meio de frases do tipo: “Refaz novamente que, está ruim”. Isto falado presencialmente, olho no olho, muitas vezes pode ser até bom, mas apenas escrito, chegava a dar um choque. Primeiro porque, freqüentemente, nem sabia o que estava errado. Outras vezes, porque embora sabendo, não sabia como fazer para corrigir o erro. Esses tipos de atitude fria também era notada nos tutores, que ficavam em tempo integral *on-line*, conosco: alguns sabiam como explicar e tinham paciência e sensibilidade; outros não. Vi muitos colegas desistirem por causa dessas maneiras de agir por parte de professores e tutores.

Os cursos e as experiências que experimentei despertaram-me a vontade de estudar mais a fundo a importância da afetividade na EAD, explorando as percepções de outros alunos relativas a essa modalidade de ensino. Minha vontade de estudar os efeitos da afetividade sobre seus processos de aprendizagem foi crescendo cada vez mais.

Como a EAD é importante, porque contribuir para a democratização da educação, possibilitando que mais alunos possam ingressar no ensino superior, é essencial fazê-la com qualidade. Percebo que são criados vários cursos a distância sem a preocupação com a metodologia a ser utilizada, simplesmente transferindo o material usado nos cursos presenciais para o computador. Isso é preocupante. Acredito que não se pode simplesmente fazer essa transferência, porque os contextos em que as duas modalidades ocorrem são imensamente diferentes. Conforme explica Kramer:

[a Educação a Distância] terá que ser encarada como parte de um sistema que, embora conservando semelhanças com os sistemas tradicionais de educação, particularmente quanto aos objetivos que pretende realizar, se organiza de forma diferente e original para suplantir as dificuldades decorrentes do distanciamento entre o professor e o aluno (1999, p.36)

Assim, com esta pesquisa, pretendo trazer contribuições para professores, tutores e “conteudistas” Minha contribuição será no sentido de

trazer dados e reflexões acerca da importância das trocas afetivas para o processo de aprendizagem dos alunos de EAD. Como educadora, acredito nessa importância, pois penso que, por meio das relações afetivas, é possível criar uma ponte entre a informação e a aprendizagem. Se a afetividade é essencial na educação presencial, penso que, mais importante ainda se torna na educação a distância, onde o aluno trabalha isolado, necessitando assim de maior auxílio, motivação e interatividade com seus professores e colegas.

Expressas minhas intenções nesta dissertação, passo a descrever como ela se organiza.

Depois desta introdução, apresento o referencial teórico sobre Educação a Distância - EAD (capítulo 2), para que se tenha uma visão geral do que vem a ser esta nova forma de Educação e da aprendizagem que possibilita, discutindo também o perfil do professor e do aluno de EAD. No capítulo 3, incluo um referencial teórico básico sobre a Educação e Afetividade, principais temas enfocados pela pesquisa. No capítulo 4, apresento o caminho metodológico desta pesquisa, apresentando também o estudo piloto realizado para uma primeira aproximação empírica da realidade a ser estudada. No capítulo 5, descrevo a análise e a discussão dos dados coletados. No capítulo 6 são apresentadas minhas reflexões finais acerca do estudo realizado.

2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neste capítulo, antes de explicar o que é Educação a Distância, apresentar as várias definições utilizadas pelos autores que com ela trabalham e em histórico dessa modalidade de ensino, discuto a diferença entre Educação a Distância e Ensino a Distância. No final do capítulo, discorro sobre a aprendizagem em EAD e sobre os perfis de professores e alunos dessa modalidade.

2.1 Por que “Educação a Distância” e não “Ensino a Distância”?

A palavra Educação é mais abrangente do que a palavra Ensino. Esta dá muita ênfase ao professor, como se ele e suas práticas fossem os únicos elementos responsáveis pela aprendizagem dos alunos. Já Educação engloba ensino e aprendizagem - portanto aluno e professor - estrutura física dos cursos, materiais utilizados didaticamente, valores morais e éticos, entre outros aspectos (MORAN, 2006c). Ensino e educação são conceitos diferentes, conforme explica Moran:

No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão da totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos (2000, p.12).

Educar, então, é preparar professores e alunos para que a sua vida seja uma aprendizagem através de cada texto que leiam, música que ouçam, situação de que participem, imagem que vejam.

Há quem pense ser difícil educar, tanto em um ambiente presencial como a distância, devido à essa abrangência do conceito. Como escreve Kenski (2003, p.12): “educação é algo imenso e muito complexo, dificilmente é possível alcançar e refletir sobre todo o seu universo”, acrescentando que “o momento restrito que a pessoa de todas as idades dedica ao estudo, em situações formais ou não-formais de ensino, na escola ou fora dela, é [...] uma parte muito pequena do que vem a ser educação” (p.12).

A educação tem maior valor do que o ensino na medida em que o ensino é uma parte da educação. O ensino é algo mais imediato e a educação algo mais prolongado. Em relação à modalidade a distância, Polak e Martins (2000, p.1) alertam: “pode ser que, ao quisermos fazer educação a distância nos limitemos a uma prática de ENSINO A DISTÂNCIA. Isso seria uma preocupação essencialmente em transmitir conteúdos, numa desvinculação do ensino com a necessária busca da aprendizagem” (grifo das autoras). Tal postura considera o aluno como um mero banco de informações e isto não condiz com o papel do educador. O pensar apenas em ensinar, por parte dos professores, leva os alunos a pensar apenas em ser aprovados, não considerando o aprender como algo a utilizar na sua vida. Nesse sentido, prefiro utilizar a expressão Educação a Distância e não Ensino a Distância.

2.2 O que é EAD?

Moran (2006b) descreve a educação presencial como aquela que acontece nos cursos regulares, em qualquer nível, onde professores e alunos se reúnem num local físico, a sala de aula. Temos ainda a educação semipresencial, que acontece parte em sala de aula e parte a distância, auxiliada pelas devidas tecnologias. Por fim, há a educação a distância, onde os alunos e professores estão separados fisicamente no espaço e no tempo, podendo interagir por meio de ferramentas e ambientes de aprendizagem que permitam a comunicação. A educação a distância poderá ter ou não momentos presenciais, mas diferencia-se da semipresencial, pois envolve apenas alguns

momentos com esta característica; a característica semipresencial é definida pelo percentual de horas presenciais em relação às horas a distância.

Conforme Belloni (2006), que realizou um amplo estudo sobre o assunto, há diferentes e variadas definições para EAD. Vejamos alguns exemplos, entre os vários que a autora apresenta.

O termo educação a distância cobre várias formas de estudo, em todos os níveis, que não estão sob a supervisão contínua e imediata de tutores presentes com seus alunos em salas de aula ou nos mesmos lugares, mas que não obstante beneficiam-se do planejamento, da orientação e do ensino oferecidos por uma organização tutorial (HOLMERG, 1977).

Educação a distância é uma relação de diálogo, estrutura e autonomia que requer meios técnicos para mediatizar esta comunicação. Educação a distância é um subconjunto de todos os programas educacionais caracterizados por: grande estrutura, baixo diálogo e grande distância transacional. Ela inclui também a aprendizagem (MOORE, 1990)

Educação a distância é um método de transmitir conhecimento, competências e atitudes que é racionalizado pela aplicação dos princípios organizacionais e de divisão do trabalho, bem como pelo uso intensivo de meios técnicos, especialmente com o objetivo de reproduzir material de ensino de alta qualidade, o que torna possível instruir um maior número de estudantes; ao mesmo tempo, onde quer que eles vivam. É uma forma industrializada de ensino e aprendizagem (PETERS, 1973).

Nas diversas definições transcritas por Belloni (2006), a EAD é definida a partir de uma perspectiva baseada no ensino convencional presencial. Um dos argumentos comuns em todas elas é a distância concebida em termos de espaço e não de separação entre professores e alunos no tempo, o que Belloni denomina “comunicação diferida” (p.27) que, na EAD, é uma característica fundamental. Esta comunicação diferida é importante para os processos de ensino e de aprendizagem a distância e, segundo Belloni, talvez seja mais importante do que a não-contigüidade espacial.

Muitas das definições apresentadas pela autora também têm como parâmetro a EAD do país onde foram elaboradas, estando de acordo com estrutura dos cursos realizados, com influências de todo o tipo. Por esse motivo, penso ser interessante investigar o que a legislação de nosso país defini como Educação a Distância:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (Decreto de Brasília, nº 2494, Art.1998).

No decreto citado acima, percebemos que a definição de Educação a Distância apresenta ênfase na auto-aprendizagem, mediada pelos recursos didáticos sistematicamente organizados por um professor mediador.

É importante saber qual meio será utilizado, quando se for definir a metodologia de um curso a distância, pois, dependendo do tipo de meio, muda a estrutura do curso, muda a maneira como professores e alunos irão interagir, muda a forma de ensinar e de aprender. Poderá um meio de transmissão, ser mais utilizado do que os outros, também poderão ser utilizados vários meios em um mesmo curso. Esses meios de transmissão, segundo Kramer (1999, p.87-p.98), são: material impresso, correspondência, rádio, televisão, videocassete, audiocassete, telefone, fax-símile, computador. Hoje em dia, temos outros meios mais avançados, como vídeo e teleconferência.

2.3 Breve histórico da EAD

A breve história da EAD no Brasil, que aqui apresento, foi baseada no livro de Kramer (1999).

A EAD começou, entre os séculos XVIII e XX, com cursos por correspondência e tinha por objetivo atender ao mercado de trabalho, possibilitando uma formação profissional, capacitando pessoas para o exercício de certas atividades e para desenvolver determinadas habilidades profissionais. Nessa época, havia o Instituto Universal Brasileiro e também o Instituto Radiotécnico Monitor, que organizavam esses cursos a distância. Os alunos procuravam tais cursos com o interesse de verificar se haviam aprendido os conteúdos adequados ao exercício profissional durante a formação formal adquirida. A metodologia dessa época induzia ao aperfeiçoamento continuado e dispensava a presença do professor, no caso de ser um curso de autoverificação, como era o caso dos cursos de eletrônica e

contabilidade. Ao professor, cabia apenas a correção das tarefas e o correspondente retorno aos alunos.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o rádio foi muito utilizado na educação. No meio rural, foram formados núcleos de recepção radiofônica, levando as pessoas a se reunirem em locais determinados para acompanhá-los, com orientação de um monitor local. Um exemplo de curso desta época é o organizado pelo Movimento de Educação Base (MEB), formado através de um convênio entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o ministério da Educação, implantado no Nordeste. Por meio dele, eram levadas instruções e noções religiosas às pessoas daquela região.

Um dos mais conhecidos cursos transmitidos pela TV, o Telecurso de Segundo Grau, lançado através da Fundação Roberto Marinho, associado à Rede Globo de Televisão, tinha como objetivo preparar os alunos para exames desse nível de ensino. Hoje ele ainda existe, mas passou a chamar-se Telecurso 2000, podendo ser acompanhado por fascículos comprados em bancas de jornais. Nessa mesma linha, o serviço de Ensino a Distância da Universidade de Brasília (UNB), desde 1981, também oferece vários cursos, tanto em fascículos impressos como em videocassetes, e material a ser trabalhado no computador.

Em 1995, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), no Ministério da Educação e da Cultura (MEC), que atua como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e das técnicas de educação a distância aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, essa secretaria promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras.

A Secretaria de Educação a Distância, segundo o seu próprio sítio⁴, representa a clara intenção do atual governo de investir nessa modalidade de ensino e nas novas tecnologias como uma das estratégias para democratizar e elevar o padrão de qualidade da educação brasileira. A Secretaria desenvolve hoje vários programas e projetos, a saber: ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação -, Rived - Rede Interativa Virtual de Educação -, TV

⁴ <http://portal.mec.gov.br/seed/>

Escola, Salto para o Futuro, Proinfantil, Proformação, Domínio Público, Rádio Escola, Mídias na Educação, Paped, Prolicenciatura, Proletramento.

Hoje, no Brasil, já temos Cursos de Graduação a Distância gratuitos, organizados pelo (MEC) com apoio da SEED, juntamente com municípios brasileiros. Eles compõem a UAB⁵ - Universidade Aberta do Brasil.

Para finalizar este brevíssimo histórico da EAD, penso ser também interessante rever como esta modalidade de ensino foi regulamentada no Brasil.

Conforme o sítio SEED, as leis, os decretos e as portarias que regulamentam a EAD no Brasil são: lei nº 9394 de 1996, Decreto nº 5.622, de 2005, decreto nº 2.561, de 1998, decreto nº 2.494, de 1998, Portaria nº 4.363, de 2004 e portaria nº 301 de 1998. Também regulamentam a EAD as resoluções e pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE), que são as seguintes: resolução nº 1 de 2001, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação; e resolução nº 1 de 1997, que fixa normas para a validade de diplomas de cursos de graduação e de pós graduação oferecidos em instituições brasileiras ou estrangeiras nas modalidades semipresenciais ou a distância.

No decreto nº 5.622, que regulamenta o art. 80 da lei nº 9.394, o artigo 2º informa que a educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades: educação básica, educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional, cursos técnicos de nível médio e de tecnólogos de nível superior. No nível superior, a educação a distância pode ser ofertada nos seguintes cursos e programas: seqüenciais, de graduação, de especialização, de mestrado e doutorado. Ainda, é informado no art. nº 3 desse decreto, que os cursos e programas a distância deverão ser projetados com a mesma duração definida para os cursos na modalidade presencial. A avaliação do desempenho do estudante, para fins de promoção e conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados, dar-se-á mediante o cumprimento das atividades propostas e a realização de exames presenciais. Seus certificados terão validade nacional.

⁵ <http://www.uab.mec.gov.br/>

2.4 Aprendizagem em EAD

Para ensinar e aprender em ambientes virtuais e, em especial, na EAD, é necessário mudar de atitude e dar-se conta de que precisamos utilizar uma abordagem pedagógica diferente daquela adotada em uma sala de aula tradicional. Muitas vezes, os professores que se deparam com uma situação pedagógica totalmente nova, têm dificuldade para adaptar-se e a situação os deixa inseguros. Os que não têm sensibilidade pedagógica, não percebem que é preciso novos pré-requisitos e condições de aprendizagem na EAD e continuam trabalhando do mesmo modo como trabalhariam no ensino presencial. Outros podem tentar adaptar os modos convencionais de ensinar à nova realidade, mas acabam replicando o modo antigo. Mas um número cada vez maior de professores está começando a compreender que os espaços virtuais de aprendizagem requerem novas abordagens (PETERS, 2003a).

Para que estas novas abordagens aconteçam, é preciso refletir sobre alguns aspectos, como explica Moran:

a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. A tecnologia reveste-se de um valor relativo e dependente desse processo. Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém (2000, p.139).

A tecnologia (recursos) a ser utilizada na sala de aula, tanto presencial como virtual, será apenas o meio, instrumento, pelo qual se irá desenvolver o processo de aprendizagem. Portanto, essa tecnologia não pode, por si só, resolver os problemas de aprendizagem, nem tampouco fazer com que os alunos aprendam apenas por que estão usando algo novo. Conforme escreve Peters:

o mais poderoso ambiente informatizado de aprendizagem, equipado com os dispositivos mais modernos, continua não passando de uma aparelhagem vazia se for utilizado apenas para transportar dados ou informações. Ambos têm que ser convertidos em “conhecimento”. (2003a, p.157)

O que irá fazer da tecnologia um elemento de mediação da aprendizagem é a maneira como iremos utilizá-la. Também é importante que se escolham técnicas apropriadas para cada caso, conforme apresenta Moran:

As técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam. Como o processo de aprendizagem abrange o desenvolvimento intelectual, afetivo, o desenvolvimento de competências e de atitudes, pode-se deduzir que a tecnologia a ser usada deverá ser variada e adequada a esses objetivos (2000, p.143).

Em primeiro lugar, é importante percebermos que as técnicas, conforme é explicado na citação acima, precisam ser variadas porque nem todos os alunos aprendem da mesma maneira. Assim, a variedade possibilita abranger mais alunos no aprender. Em segundo lugar, é igualmente importante percebermos que o recurso mal empregado poderá atrapalhar o processo de aprendizagem e desmotivar o aluno. Muitas vezes o professor dá uma aula utilizando a Internet para pesquisa por exemplo. O aluno pode, nessas circunstâncias, apenas copiar o que encontra, sem produzir nada seu. Se o professor não auxiliar o aluno no processo, ensinando o que tem que fazer com as informações que achou, o uso do computador e da internet poderá ser um recurso mal utilizado. Ao escolher e utilizar um recurso, temos que ter uma concepção pedagógica bem definida, saber onde queremos chegar com a sua utilização. Não se trata de, simplesmente, utilizar computador para que a aula seja moderna, mas utilizar o computador como um mediador do processo de aprendizagem. Se bem utilizado, ele poderá despertar a motivação para o processo do aprender.

Na EAD, existe uma diversidade de ambientes de aprendizagem, de ferramentas, que permitem que se constituam diferentes espaços de aprendizagem. Mas é preciso ter noção de como a aprendizagem acontece no ensino virtual, para bem escolher *softwares* e ferramentas de acordo com o objetivo que cada curso pretende.

Um dos conceitos que é utilizado na educação convencional e que poderá ser transferido para EAD é a da Mediação Pedagógica. Conforme escreve Moran:

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem - não uma ponte estática, mas uma ponte "rolante", que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (2000, p.144).

Segundo esta perspectiva, professor deve ser aquele que auxilia, media, o processo de aprendizagem do aluno, até mesmo porque a metodologia utilizada na EAD será focada no aluno, pois este será mais responsável pelo seu processo de desenvolvimento e aprendizagem do que o professor. Esse processo de aprendizagem centrado no aluno, entretanto, conforme escreve Belloni,

significa não apenas a introdução de novas tecnologias na sala de aula, mas principalmente uma reorganização de todo o processo de ensino de modo a promover o desenvolvimento das capacidades de auto-aprendizagem (2006, p.102).

Percebe-se que a estrutura do curso e o processo de ensino deverão levar o aluno a ser o mais autônomo possível, mostrando a ele o caminho e não a chegada. Isto significa que o material didático construído, as tarefas, as atividades, as palestras, enfim, tudo que é necessário um curso de EAD, têm que ter esta concepção.

Neste processo onde o aluno é o protagonista da sua aprendizagem, ele precisa também refletir sobre sua própria maneira de aprender e esta é uma faceta importante e valiosa da EAD, se bem aproveitada. É o que chamamos de metacognição, ou seja, como definem Damiani, Gil e Protásio (2006, p.2), em revisão da literatura relativa ao assunto, “um processo que envolve a simultaneidade da tomada de consciência e do controle da própria cognição (autocontrole)”. Em relação a esse aspecto, argumenta Peters:

Quanto mais os estudantes aprendem a aprender independentemente de seus professores para se tornarem autônomos, mais cumprem tarefas que tradicionalmente foram destes professores. Acima de tudo, devem adquirir a habilidade e o hábito de observar e avaliar sua própria aprendizagem. Psicólogos da aprendizagem chamam a isso de “metacognição” (2003a, p.201).

Para que o aluno aprenda a realizar a metacognição, é necessário que ele observe a si mesmo na aprendizagem. Outro fator para o desenvolvimento do processo de metacognição é o *feedback* do professor nas tarefas, provas e atividades realizadas pelos alunos, pois, por meio desse procedimento, o aluno

poderá observar o que aprendeu e o que não aprendeu. (PETERS, 2003b, p.146)

A auto-aprendizagem do aluno só poderá acontecer com a metacognição, mas, antes de chegar nela, o aluno precisa se desvincular da posição que ocupava no processo do ensino tradicional, de modo que não fique esperando as informações serem transmitidas pelo professor. O aluno tem que entender que é necessário pesquisar, buscar, aprender a aprender e mudar de atitude para que a autonomia aconteça. Portanto, nesse primeiro momento, torna-se importante que professor motive o aluno. Conforme Peters (2003a), quando um aluno está acostumado com aulas presenciais e com o ensino tradicional, ao mudar de modalidade de ensino, deve ser motivado, pois, até se adaptar, terá dificuldades em administrar seu tempo, os recursos, a maneira de construir o conhecimento e de interagir com professores e colegas. Esta realidade, o autor acrescenta, constitui um paradoxo porque, se os alunos tiverem autonomia, a promoção da motivação, por parte do professor, não necessitará ser intensa. Entretanto, o que se percebe é que os alunos são dependentes dos professores, herança de um ensino tradicional e ainda não estão acostumados a andarem sozinhos o que mostra que, neste primeiro momento de transição, é necessária essa promoção de motivação.

Outra característica da aprendizagem do aluno a distância é envolver um processo coletivo, distribuído na rede, no qual cada aluno está em um lugar diferente, mas suas opiniões e reflexões estão disponíveis para todos os que participam desse processo. Segundo Lévy (1999, p.158), na EAD, “o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva na rede”. Assim, nota-se que é importantíssimo, para o crescimento pessoal e profissional dos alunos, os trabalhos em grupos, tanto a distância como nos pólos. Tais trabalhos, além de ajudar em os alunos na superação do isolamento em que se encontram, ajuda-os também a se relacionarem e a trabalharem em colaboração: o que um não sabe o outro sabe e a reflexão, o pensar para resolver um problema feita em conjunto mostra as diversas formas de construir um raciocínio lógico e isso é altamente pedagógico (DAMIANI, 2007). Segundo o que Palloff e Pratt argumentam, o professor deve criar este sentido de grupo e de comunidade *on-line*:

O professor, então deve ter três prioridades *on-line*: incentivar e desenvolver um sentido de comunidade, manter os alunos envolvidos com o curso e com os colegas e capacitar os alunos a adotar e manter o processo de construção da comunidade (2004, p.141)

A importância do diálogo com colegas e professores é enfatizada também por Kenski:

Local em que se partilham fluxos e mensagens para a difusão dos saberes, o ambiente virtual de aprendizagem se constrói com base no estímulo à realização de atividades colaborativas, em que o aluno não se sinta só isolado, dialogando apenas com a máquina ou com um instrutor, também virtual. Ao contrário, construindo novas formas de comunicação, o espaço da escola virtual se apresenta pela estruturação de comunidades *on-line* em que os alunos e professores dialogam permanentemente, mediados pelos conhecimentos (2003, p.55).

Na EAD é fundamental que haja interação entre os participantes do processo de aprendizagem, pois, segundo Carvalho (2007), “a complexidade no processo de ensino-aprendizagem na modalidade a distância reside na interação entre professores, tutores, ferramentas tecnológicas e alunos” (p.1). Essa idéia da importância do trabalho colaborativo já vem sendo defendida por Vigotski (1982) há muitos anos, embora voltado ao ensino presencial já escrevia sobre a importância do trabalho colaborativo uma vez que esse oferece aos componentes de um grupo o que uma aprendizagem solitária não é capaz de oferecer. Cada componente do grupo, por meio do auxílio mútuo, estará, em seus pensamentos e aprendizado, sendo influenciado pela relação com os outros. Também Wells (2001) escreve que, quando elementos de um grupo têm um objetivo em comum, são capazes de criar um elo entre eles que permite se superarem em suas capacidades para chegar em sua meta. Segundo este autor, é de suma importância este processo para a aprendizagem.

2.5 O perfil do professor e do aluno de EAD

Na EAD, professores e alunos são artífices de seu próprio desenvolvimento, dentro de um processo interativo de trocas de saberes (KRAMER,1999, p.40).

Quem ensina a distância? O professor a distância têm múltiplas faces que, muitos que participam desta modalidade de ensino, não conhecem. O professor que ensina a distância não é o mesmo professor que ensina convencionalmente e nem poderia sê-lo, devido ao contexto em que se encontra: um contexto que depende das tecnologias, de material pré-elaborado, que envolve separar textos e imagens para o ensino, preparar material para uso em multimídia, para facilitar a auto-aprendizagem do aluno e o suporte técnico para que as aulas assíncronas aconteçam, por exemplo.

Segundo Belloni (2006, p.79), “o uso mais intenso dos meios tecnológicos de comunicação e informação torna o ensino mais complexo e exige a segmentação do ato de ensinar em múltiplas tarefas, sendo esta segmentação a característica principal do ensino a distância”. Assim, o professor poderá selecionar o conteúdo a ser trabalhado, mas não ser a pessoa que o prepara para uso em multimídia, ou que o aplique, embora isso fosse o ideal. Ele poderá, também, ser o regente da disciplina, mas não, necessariamente, o que tira as dúvidas do aluno, presencialmente ou a distância, pois pode haver tutores que fazem isso. Pelo que foi apresentado, pode-se entender que todos os papéis tradicionais de um professor, agora, são divididos com outras pessoas e o trabalho é feito coletivamente, necessitando sincronicidade, para que a aprendizagem aconteça. O professor convencional não poderia abranger todas estas áreas sozinho. Também com relação ao professor na EAD, ele sempre será importante. Ao contrário do que alguns pensam, os recursos tecnológicos nos cursos a distância não poderão substituí-los. Como escreve Carvalho, “os professores que atuam na educação a distância desempenham múltiplos papéis e ao contrário do senso comum, são imprescindíveis para o sucesso na aprendizagem do aluno”. (2007, p.1).

É a estrutura do curso a distância que irá definir as diversas faces deste novo “professor coletivo” (BELLONI, 2006). As funções docentes, no trabalho em EAD, poderiam ser organizadas em três grupos, conforme Belloni :

o primeiro é responsável pela concepção e realização dos cursos e materiais; o segundo assegura o planejamento e organização da distribuição de materiais e da administração acadêmica (matrícula, avaliação); e o terceiro responsabiliza-se pelo acompanhamento do estudante durante o processo de aprendizagem (tutoria, aconselhamento e avaliação) (2006, p.84).

Devido a essa multiplicidade de funções, o trabalho docente em EAD necessita ser realizado em colaboração entre os professores, o que é importante para o desenvolvimento tanto pessoal como profissional dos que trabalham na construção do curso (BELLONI, 2006). Esse trabalho colaborativo, entretanto, não se restringe apenas aos professores. Ele se estende também aos alunos. O professor de EAD necessita abdicar da postura de quem ensina e passar a fazer parte de um grupo de aprendizagem. Segundo Belloni (2006, p.81), esse professor necessita tornar-se “parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica”. Dessa forma, em EAD, alunos e professores trabalham em conjunto, em colaboração, fazendo de seus saberes trocas que levam todos a caminhar com um mesmo objetivo: o conhecimento.

No tocante à relação professor-aluno no ensino tradicional, supõe-se que o professor tenha facilidade em perceber quando um aluno está com dificuldades na aprendizagem ou com os colegas, por estar mais diretamente ligado a ele, presencialmente. Entretanto, embora envolva processos mais complexos também com os alunos *on-line*, na EAD, é possível perceber quando o aluno está com dificuldades, embora eles apresentem comportamentos específicos e diferentes daqueles de um aluno presencial. Palloff e Pratt (2004, p.27) apresentam exemplos desses sinais que podem indicar problemas nos alunos: “mudanças no nível de participação; dificuldade em começar o curso; inflamar-se com outros alunos ou com o professor pela expressão inadequada de emoções, especialmente raiva e frustração; dominar a discussão de maneira inadequada”.

Assim como o papel do professor de EAD é distinto daquele do docente convencional, há também distinção entre os papéis dos alunos nessas duas modalidades de ensino. Os cursos de EAD, ao contrário do que pensamos, não foram feitos para qualquer tipo de aluno. Aquele que se inscreve em um curso a distância deverá ter um perfil diferente daquele de um aluno presencial. Esse perfil deve ser tal que lhe garanta uma maior possibilidade de continuidade no curso e potencialidade para concluí-lo. Não podemos afirmar que um aluno que não tenha este perfil irá desistir, apenas se pode afirmar que um aluno que

quiser ser bem sucedido em EAD, deverá desenvolver atitudes específicas para poder se adaptar ao curso.

Segundo Palloff e Pratt (2004), a *Illinois On-line Network* (2002) publicou uma lista de qualidades que, em seu conjunto, descrevem o perfil do aluno virtual de sucesso. Qual seria este perfil? O aluno virtual precisa: ter acesso a um computador e a um modem ou à conexão de alta velocidade e saber usá-los; ter a mente aberta e compartilhar a vida, o trabalho e outras experiências educacionais; não se sentir prejudicado pela ausência de sinais auditivos ou visuais no processo de comunicação; ter automotivação e autodisciplina; desejar dedicar quantidade significativa de seu tempo semanal a seus estudos; saber como trabalhar com os colegas para atingir seus objetivos de aprendizagem e os objetivos do curso; ter capacidade de refletir, ler os textos, discutir e analisar as opiniões dos colegas e professores; pensar criticamente; e, por fim, acreditar na possibilidade de uma aprendizagem de alta qualidade acontecer em lugar diferenciado dos tradicionais.

Baseada nessas informações, acredito que, ao criar um curso a distância, devemos deixar claro aos alunos como eles devem se portar, suas responsabilidades e deveres; como o curso irá funcionar, sua metodologia.

3 AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO

Começo discutindo a afetividade, que é o foco desta pesquisa, passando depois a discutir seu papel na EAD.

Gabriel Chalita, em seu livro “Educação: a solução está no afeto” sugere que os três pilares da educação são a habilidade cognitiva, a habilidade social e a habilidade emocional, sendo esta última a mais importante por aprimorar as anteriores. Segundo o autor, o afeto impulsiona a aprendizagem e faz a felicidade do educador e do educando. O autor argumenta ainda que “não é possível combater a insensibilidade, o desrespeito, a falta de solidariedade, a apatia, a não ser pelo afeto” (CHALITA, 2004, p.260).

O Dicionário de Filosofia de Abbagnano designa afeto como sendo

o conjunto de atos ou atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura e etc., que, no seu todo podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa “toma cuidado de” ou “nutre solicitude por” uma outra pessoa ou em que esta outra responde, positivamente, ao cuidado ou à solicitude de que foi objeto (1962 p.19).

Muitas vezes, somente esse lado positivo do afeto é levado em conta. Entretanto, não podemos esquecer de seu lado negativo.

O dicionário Aurélio, apresenta esse lado, definindo afeto como um

conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza (1993, p.55)

O afeto pode ser negativo, então, quando for relacionado a algo que não está bem, manifestando-se sob a forma de insatisfação, medo, ansiedade, desmotivação, raiva, ciúmes, frustração, tristeza.

Em nosso meio social, estamos sempre rodeados de pessoas em relação às quais exercitamos nossa afetividade. No meio escolar, isso ocorre, da mesma forma. Penso que a afetividade é fator importante na educação e pode ter efeitos marcantes nos alunos, tanto potencializando suas capacidades e sua motivação – se for positiva – quanto levando-os à desmotivação e ao fracasso – se for negativa. Em relação a isto, escreve Fernandes:

Se os educadores fossem argüidos sobre a importância da área afetiva, não hesitariam em enfatizá-la. O professor, cômico da responsabilidade formativa de que foi investido, não emprestará papel secundário a um campo que é grandemente responsável pelos comportamentos que integram o homem no universo das relações psicossociais (1978, p.16).

Segundo Vigotski, as lembranças mais marcantes que temos estão relacionadas com vivências afetivas a elas ligadas. Trazendo esta idéia para a sala de aula, podemos pensar que os alunos se recordarão mais efetivamente dos conhecimentos que forem trabalhados, construídos em ambientes marcados por uma afetividade positiva. Conforme esse autor escreve,

Se quisermos que nossos alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tentem afetar seu sentimento (2003, p.121).

Acredito que é o professor quem deve propiciar o aparecimento do afeto na sala de aula, para que o aluno possa recordar o que foi ensinado. Isto pode ocorrer por meio de práticas que estimulem as realizações, as conquistas, as trocas, fazendo com que o aluno possa sentir que é capaz de aprendizagens e realizações. Isso pode aumentar sua auto-estima.

O professor, em suas aulas, deve investir na afetividade, mas não em uma afetividade banal, do tipo “tapinha nas costas”. Penso que o professor que deixa o aluno fazer o que quiser, não lhe exigindo um comportamento sério,

comprometido e estudioso, não é afetivo, mas irresponsável. Paulo Freire descreve que ter afeto em relação ao aluno não significa fugir dos deveres e responsabilidades para com ele, como educador:

o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (1996, p.160).

Ter afeto é preparar uma aula de modo que nela seja criado um clima amistoso, mas que leve à aprendizagem, conforme descreve Saltini:

O educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação de diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar idéias e colocá-las ao serviço de sua vida (1997, p.62).

Utilizar o afeto no trabalho com os diferentes conteúdos é essencial. Se conseguirmos isso, tanto para dar significado a esses conteúdos, quanto para prender a atenção dos alunos, poderemos beneficiar a todos. Paulo Freire (1996) chama a atenção para a importância que, muitas vezes, um pequeno gesto do professor pode ter. Vigotski explicava que

As reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. Antes de comunicar algum conhecimento, o professor tem de provocar a correspondente emoção do aluno e se preocupar para que essa emoção esteja ligada ao novo conhecimento. Este só pode se solidificar se tiver passado pelo sentimento do aluno (2003, p.121).

Lafortune e Saint-Pierre (1996) descrevem a expressão “domínio afetivo” como sendo uma categoria geral formada por outros componentes que servem para compreender e definir esse domínio. Entre esses componentes e subcomponentes elas destacam os seguintes: atitude, emoção, ansiedade, motivação, atribuição. A esses, acrescentam a confiança em si mesmo, afirmando a é primordial para a aprendizagem. Para as autoras, a atitude é um estado de espírito, uma disposição interior em relação a si ou ao seu contexto, de maneira a estar ou a agir favorável ou desfavoravelmente; emoção é uma

reação afetiva, feliz ou triste, que se manifesta de diversas formas; ansiedade é um estado afetivo, que tem como característica um sentimento de inquietação, de perturbações físicas difusas e insegurança com relação a um perigo perante o qual nos sentimos impotentes; motivação é uma somatória de desejo e de vontade que leva a pessoa a realizar uma tarefa ou objetivo de acordo com uma necessidade; atribuição é um processo pelo qual o indivíduo relaciona um comportamento, seu ou de outra pessoa, a causas internas ou externas; confiança em si mesmo é um sentimento pelo qual um indivíduo dará provas de sua ousadia e de segurança ao sucesso de uma experiência.

As autoras descrevem ainda outras emoções como medo, cólera, alegria, tristeza, surpresa, desgosto e angústia e também as relacionam com a aprendizagem. Segundo escrevem, os alunos sentem prazer, satisfação, quando conseguem realizar um exercício, cólera e desgosto, quando percebem que seus esforços não deram em nada, e inquietação, mal estar e medo, antes de uma avaliação ou teste. Há as manifestações de ansiedade em relação à aprendizagem. Quando entram em pânico, podem ficar paralisados e ocorrer a desorganização mental. Ao estudar, o aluno necessita compreensão para organizar suas idéias e esforço para organizá-las na memória. Assim, ao deixar-se dominar pela ansiedade, há um momento de tensão e uma diminuição da confiança.

Freitas, Costa e Faro (2003) escrevem que a motivação é a força que coloca a pessoa em ação. Estes autores fazem uma ligação entre afeto e motivação, demonstrando que, se não existe afeto não existe interesse, necessidade e motivação. Eles afirmam que, nos processos de ensino e de aprendizagem, o afeto em relação ao professor é indispensável para que o aluno se envolva com um projeto, por exemplo. Esses autores afirmam que, nas salas de aula onde os professores interagem com seus alunos de forma próxima e afetiva, aumentam as possibilidades de construção de conhecimento e de desenvolvimento do gosto por aprender.

Os alunos podem demonstrar uma motivação para determinados trabalhos porque neles existe um investimento afetivo. Esse investimento poderá ser a sua vontade de aprender, a sua curiosidade, o prazer em exercer sua habilidade para realizar determinada tarefa. Quando o aluno já tem dentro de si a motivação, torna-se mais fácil para o professor continuar alimentando-a.

Mas, quando o aluno não a tem, cabe ao professor tentar despertar essa motivação e o afeto pode ser um caminho para isso.

Um incentivo do professor poderá despertar a razão que está faltando para que o aluno realize uma tarefa com mais energia e vontade. Um exemplo disto seria um aluno que precisa desenvolver determinada tarefa para a qual está preparado, mas não consegue realizá-la porque, em seu pensamento, não acredita ser capaz. Ao ouvir o professor dizer que ele é capaz, pois é um bom aluno, um aluno inteligente, a relação do aluno com a tarefa poderá modificar-se.

Mas o que muda? Muda o afeto, pois o aluno antes tinha um pensamento negativo, estava dominado por um afeto negativo em relação a sua capacidade de realizar a tarefa. Isso ocasionava desmotivação e o deixava sem causa interior para realizá-la. Com o incentivo do professor, ele passa a ver-se de forma diferente, começando então a motivar-se para a ação. As palavras do professor podem assim despertar uma causa no interior do aluno. Aqui percebemos a importância do estímulo, pois neste caso em especial, ele fez com que o aluno passasse a ter disposição de realizar sua ação. Se, ao contrário, o professor dissesse as seguintes palavras: “você nunca faz nada na aula”, “não presta atenção”, “nunca faz as tarefas”, a reação do aluno provavelmente seria diferente e ele, talvez, nem conseguisse desenvolver a tarefa.

Com relação à motivação, Lafortune e Saint-Pierre (1996) distinguem dois tipos: a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. A extrínseca é aquela que produz resultados mais rápidos, podendo-se dizer que uma pessoa está motivada desta maneira quando “executa o que uma outra pessoa lhe pede; é recompensado por ter feito alguma coisa; quer impressionar alguém e agradá-lo” (p.35). Já a motivação intrínseca é aquela que produz resultados mais duradouros e permanentes. Pode-se dizer que uma pessoa está assim motivada quando “faz alguma coisa porque realmente quer; retira prazer daquilo que faz; considera a atividade em que trabalha como um fim em si; está suficientemente interessada para que sejam inúteis pressões exteriores” (p.35).

Quando falam de auto-confiança, as autoras explicam que ela surge da representação que o indivíduo tem de si mesmo em relação a sua capacidade de realizar uma ação. Este aspecto afetivo está ligado à estima por si mesmo,

que resulta do auto-conceito, sendo que este último pode ser positivo ou negativo ou mesmo apenas um conceito aproximado, devido à falta de conhecimento de si.

Segundo Oliveira e Rego (2003), Vigotski aconselha que se atente para a relação entre o pensamento e a dimensão afetiva, mas isto não basta: é necessário que esta relação seja examinada ao longo da história do desenvolvimento humano. Segundo a visão da psicologia histórico-cultural, devemos considerar o ser humano como “produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos (constituídos na história anterior do sujeito) e externos (referentes às situações sociais de desenvolvimento em que o sujeito está envolvido)” (p.19).

Segundo as autoras, Vigotski também faz, através de suas reflexões sobre os macacos, a diferenciação qualitativa entre as emoções dos animais e as dos seres humanos, das crianças e dos adultos. Explica que as crianças teriam emoções inferiores e os adultos emoções superiores. As emoções primitivas originais seriam medo, raiva, alegria e as emoções superiores o despeito e a melancolia. Neste contexto, Vigotski ainda traz uma novidade: a de que as emoções primitivas podem se transformar em emoções superiores, acontecendo de acordo com o aumento consciência e dos processos cognitivos da criança. As mudanças qualitativas que acontecem também dizem respeito ao aumento de controle do homem sobre si e este controle Vigotski atribui à razão e ao intelecto. A afetividade humana é construída culturalmente e isso pode ser visto por meio do medo da morte, que terá uma articulação diferente dependendo da cultura onde a pessoa estiver inserida. No ocidente, por exemplo, chora-se a morte; no oriente ela é comemorada.

Também a linguagem é importante como instrumento para a constituição da afetividade, uma vez que precisamos dispor de palavras para dar nome às emoções e para expressar nossos sentimentos aos outros. As palavras, dependendo de sua natureza e de como são pronunciadas, podem desempenhar reações diferentes nas pessoas. Se uma palavra for pronunciada com carinho, paciência e atenção, muitas vezes, poderá veicular mais efeito do que um gesto, uma ação de ajuda. Como escreve Vigotski (2003, p.117), “as palavras pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de maneira diferente que as pronunciadas sem vida”.

No contexto escolar, podemos pensar que as palavras têm grande influência na motivação e na ação dos alunos em geral: elas tanto podem edificar como destruir, de acordo como as interpretamos e também de acordo com o sentido que damos a elas. Entretanto, devemos considerar que o sentido que lhes é dado dependerá da experiência de cada pessoa. Uma mesma palavra poderá ter sentidos diferentes para duas pessoas, de acordo com suas experiências em relação a essa palavra ou ao que ela revela. Por exemplo, uma palavra pode remeter diferentes pessoas a lembranças, situações, imagens diferentes. Conforme escreve Oliveira (1997, p.50): “O sentido da palavra liga seu significado objetivo ao contexto de uso da língua e aos motivos afetivos e pessoais de seus usuários”.

Cada palavra tem seu significado, que está nos dicionários das diferentes línguas, e um sentido, que é particular e depende de como cada um de nós a interpreta a partir de as nossas experiências. Conforme descreve Oliveira:

O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo. Composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo (1997, p.50).

O sentido dado a uma palavra, por uma pessoa, faz com que, ao ouvi-la, a pessoa seja remetida à vivência vinculada a essa palavra: uma situação indesejada, triste ou uma situação alegre e de felicidade. Ele pode também ser neutra. A palavra seria como uma flecha que remete a uma situação, momento, lembrança. Percebemos, pois, que o sentido é recordado porque tem ligação afetiva com a pessoa.

Penso que, na relação professor-aluno, as palavras têm suma importância e devem ser escolhidas cuidadosamente para que não venham a atrapalhar o desenvolvimento do aluno e a relação afetiva existente entre ele e seus professores. Não se pode esquecer que o afeto tem como efeito a motivação para a realização de uma ação. Também a afetividade, na relação com o professor, ajuda o aluno a gostar da disciplina e fazer as tarefas com vontade. Poderia se dizer que essa é uma das causas de motivação. Uma das coisas

que mais motiva o aluno é gostar do que faz e ter um sentido para o que está fazendo (FREITAS, COSTA, FARO, 2003).

A maior parte das propostas educacionais da atualidade fazem a separação do aluno em duas partes, a cognitiva e a afetiva, dando prioridade ao que se relaciona diretamente com o intelectual, com a razão (VASCONCELOS, 2007). Paulo Freire também concorda com essa idéia e escreve “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (1996, p.160).

Em seu artigo acerca da relação entre afetividade e cognição Arantes (2007) começa fazendo uma reflexão acerca da natureza dos conhecimentos cognitivos e afetivos e vai-se posicionando no sentido de dizer que eles não são apenas de um desses tipos. Nessa perspectiva Arantes assume a intrínseca relação entre os dois tipos de processos no funcionamento psíquico humano e utiliza a expressão conhecimentos cognitivo-afetivos para referir-se a eles. Descreve duas razões para esta relação cognitivo-afetiva. A primeira é de cunho psicológico: “acreditamos que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos” (p.1). A segunda razão aparece no campo educacional: se os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade constituem universos opostos não há como afirmar a idéia de que existem saberes vinculados à racionalidade ou à sensibilidade.

partimos da premissa de que no trabalho educativo cotidiano não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional pois alunos e alunas não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam “latentes” seus sentimentos, afetos e relações interpessoais quando pensam (ARANTES, 2007, p.1)

Arantes (2007) ainda acrescenta que, desde a Grécia antiga, Platão e outros filósofos, tais como Descartes e Kant, sugeriram a possibilidade de separação entre a razão e a emoção, ou, melhor definiram uma relação hierárquica entre a elas, na qual o pensamento tinha maior valor. Também na psicologia, por influência da filosofia, durante décadas estudou-se separadamente os processos cognitivos e afetivos. Existiam os cientistas comportamentais, que centralizavam seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos e colocavam em segundo plano as

emoções. Havia, por outro lado, as teorias que privilegiavam os aspectos afetivos nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

Segundo Arantes (2007), tanto no campo da neurologia como no campo da psicologia, algumas perspectivas teóricas e científicas questionam os tradicionais dualismos do ocidente e apontam caminhos e hipóteses que prometem inovar as teorias sobre o funcionamento psíquico humano, na direção de integrar dialeticamente cognição e afetividade, razão e emoções. A autora acrescenta que Piaget, Vigotski e Wallon, em seus escritos, se aliam no que diz respeito à razão e à emoção estarem intrinsecamente ligadas.

Arantes (2007) ainda referencia, no campo da neurologia, Joseph LeDoux, que tem como premissa a indissociação dos processos afetivos e cognitivos. No campo da psicologia, os autores que compartilham da mesma idéia são: Greenberg que, ao escrever sobre esquemas emocionais, explica que eles não levam em conta apenas as emoções, mas o afeto, cognição, motivação e ação. Greenberg diz que, enquanto a emoção evidencia o que está nos afetando e mostra a meta a alcançar, a cognição ajuda a dar sentido a essa experiência e também ajuda-nos a escolher o melhor caminho para que possamos alcançar a meta. Arantes autor, a seguir, Howard Gardner, com a idéia de inteligências múltiplas, ou seja, a idéia de que a inteligência é composta por uma diversidade de competências e linguagens. Depois, aparecem Daniel Goleman, com seu trabalho sobre inteligência emocional; Nico Fridja, que explica a forte influência que as emoções exercem sobre as crenças, escrevendo que “enquanto o pensamento racional não é suficiente para a ação, as emoções induzem as pessoas a atuarem de uma determinada maneira” (ARANTES, 2007, p.7). Por último, apresenta a teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento - Moreno, Sastre, Bevet e Leal - que defendem a idéia de que “o sujeito elabora e organiza sínteses complexas de significados a partir de processos afetivos e cognitivos” (ARANTES, 2007, p.7).

Os modelos organizadores do pensamento, seriam conjuntos de representações mentais que as pessoas fazem de situações e que as levam a entender a realidade, bem como discernir o que está acontecendo, agindo a partir de sua conclusão. Eles incluem os desejos, as representações sociais, os sentimentos, os afetos e os valores de quem os constrói.

Segundo Veiga e Weiduschat (2007) descrevem em seu artigo, até a maneira como a sala de aula está arrumada influencia os aspectos afetivo e cognitivo. "A aula precisa ser um lugar bonito e aconchegante" (p.1), escreve o autor.

3.1- Afetividade e Educação a Distância

Na educação a distância, quando iniciamos um curso, geralmente os participantes se conhecem no início ou no encontro presencial ou ainda nos pólos presenciais, existentes em alguns dos cursos desse tipo. Mas é **difícil** manter um contato mais próximo com todos os colegas que estão fazendo o curso e com eles criar elos de amizade. Uma das estratégias para fomentar os contatos entre colegas na EAD é criar, nos ambientes de aprendizagem, um perfil do aluno, com sua foto. Este perfil é como se fosse uma apresentação da pessoa aos outros. Quanto a isso, comenta Kenski:

um ponto importante é a necessidade existente no ensino a distância, baseado em ambientes virtuais, de que os alunos se apresentem, mostrem suas personalidades, seus interesses, e possam estabelecer elos e relações sem se conhecerem fisicamente [...] as descrições sobre si mesmos são formas de incorporar informações e estabelecer relações entre o que os alunos dizem textualmente e suas imagens e jeitos de ser. Essa compreensão da personalidade e da imagem "virtual" de cada um facilita o diálogo entre todos. Ajuda a entender melhor o posicionamento de cada um nos debates virtuais (2003, p.67)

Conforme escreve Borba (2006), as instituições que trabalham com EAD estão preocupando-se muito com os aspectos tecnológicos, com a qualidade estética dos cursos *on-line*, mas dando pouca importância às relações afetivas. Ele acrescenta ainda que os professores dão respostas intelectualizadas aos alunos sem demonstrarem preocupações com a parte afetiva e com as necessidades destes. Para solucionar este problema, Borba aconselha aos professores conhecerem a história de seus alunos, bem como aprenderem a ouvi-los para então descobrir como motivá-los.

Martins e Batista (2006) argumentam que as novas tecnologias estão criando outras formas de relações sociais mediadas pelos recursos e não por uma comunicação oral direta. Como as pessoas já não ocupam mais o mesmo

espaço físico, nos espaços virtuais “buscam formas de fazer com que o outro perceba, do outro lado de uma máquina, afetos e sentimentos” (p.2).

Ao comunicar-se por meio da forma escrita, os sujeitos criam símbolos gráficos para expressarem o que gostariam de dizer ou comunicar por meio de gestos. Muitas vezes, novas maneiras de se expressar vão sendo criadas pelos grupos de pessoas que interagem a distância. Nesta perspectiva, participantes, alunos e professores, de ambientes virtuais, também tentam demonstrar seus afetos nos textos e materiais construídos, bem como nas mensagens postadas ou enviadas. Hoje em dia, nos ambientes virtuais, temos maneiras gráficas e muitas vezes até uma linguagem específica para tal expressão na a comunicação *on-line*, como os *emoticons* ou *smileys*⁶.

Com escrita, pode-se expressar sentimentos, mas é preciso experiência e habilidade, para que o texto, em suas entrelinhas, demonstre isso. Este é um desafio para os professores que são chamados a construir material didático para EAD. Como comenta Moran,

alguns professores, chamados para escrever textos [conteudistas], percebem que não basta serem especialistas em sua área; precisam aprenderem a escrever de forma coloquial para os alunos, a comunicar-se afetivamente com eles, a preparar atividades detalhadas (Moran, 2007, p.138).

Segundo Palloff e Pratt (2004) na EAD podemos encontrar muitos alunos que não sabem escrever direito e, segundo a experiência que tiveram, editar ou comentar as mensagens escritas por esses alunos pode diminuir a participação dos mesmos no curso, pois gera neles o que os autores denominam “angústia do desempenho”. Isso não quer dizer que não devemos exigir dos alunos textos com boa qualidade em termos de gramática, formatação, ortografia e tudo o que seja necessário para que o trabalho seja considerado bem realizado. Devemos, entretanto, entender que as mensagens escritas equivalem à oralidade, conforme explicam, e que isso deve ser levado em conta

da mesma forma que a maior parte dos professores não pensaria em corrigir a gramática de um aluno que estivesse falando na sala de aula presencial, nós não corrigimos a ortografia e a gramática de

⁶ Emoticons ou smileys são pequenos ícones que representam as emoções. Em bate-papos e mensagens, com eles, demonstramos o que estamos sentindo.

uma mensagem, porque ela é o equivalente à fala no curso *on-line* (PALLOFF e PRATT, 2004, p. 79).

Carvalho e Alves (2006) ao escreverem sobre os aspectos motivacionais dos alunos com relação a EAD mencionam fatores como a flexibilidade de tempo, que permitem a pessoas que não dispõem de tempo para fazer o curso presencialmente, o uso de tecnologias, a entrada no curso superior como forma de oportunidade de trabalho futuro, a facilidade por realizarem o curso em casa, são fatores motivacionais na escolha do curso a distância, ou seja, são fatores motivacionais iniciais. Mas, para manter o aluno no curso um dos fatores a ser trabalhado, segundo os autores é a interação, que “passa a ser a base, tanto da aprendizagem, quanto da motivação pelo curso. O aluno pode sentir-se bem, criar laços afetivos e empenhar-se nos estudos motivado pelas interações com os colegas e com o professor” (p.5). Outro aspecto da interação professor – aluno que eles julgam importante, em especial no início do curso, é a possibilidade de respostas dos professores aos alunos em tempo hábil “principalmente no início de um curso o aluno sente-se inseguro quanto a suas respostas e espera por um *feed-back* do professor” (p.5). É interessante notar, segundo Carvalho e Alves, que

cada pessoa se sentirá motivada por diferentes aspectos dependendo de suas experiências de vida, de suas necessidades e valores. À medida que o planejamento do curso puder diversificar as atividades interativas, estabelecer relação entre teoria e prática e demonstrar interesse pelo aluno em suas necessidades individuais o curso vai estar mais propenso a atingir o interesse de um número maior de alunos diminuindo a possibilidade de evasão (2006, p.6)

Serra (2007) comenta nas reflexões finais de sua dissertação que tem como título “Afetividade, Aprendizagem e Educação Online” que, independente da forma de educação presencial - ou a distância -, a afetividade é um importante elemento do processo de ensino-aprendizagem. Também descreve que, em um ambiente virtual de aprendizagem, é mais difícil perceber e cultivar as relações pedagógicas cheias de afetividade, devido aos sentidos não estarem presentes. Afirma, entretanto, que nem por isso são impossíveis ou indesejadas. Em suas investigações, observou que os professores que dão importância à afetividade conseguem estabelecer relações pedagógicas mais proveitosas nos ambientes da aprendizagem.

Criar um espaço onde o conhecimento e o reconhecimento sejam mútuos, de forma que os sujeitos do processo sintam que naquele espaço existe uma comunidade de aprendizagem, é fundamental. Serra também demonstra preocupação em relação aos cursos que são somente *on-line*. Ela acredita serem importantes os momentos presenciais, não apenas para a avaliação, mas para o desenvolvimento de relações afetivas. Pois segundo a autora o ciberespaço não parece ser um lugar capaz de propiciar a construção da afetividade.

Nascimento (2008) foi outro pesquisador que investigou as relações que ambientes de educação a distância permitem e como construir o diálogo e a interação onde não se tem a interação face-a-face. Seu estudo tinha como objetivo investigar a presença de uma dimensão sócio-afetiva na interação de grupos analisando as mensagens postadas em fóruns de discussão do ambiente virtual de aprendizagem. Os resultados encontrados sugerem que os fóruns de discussão favorecem trocas de experiências na qual está presente a dimensão sócio-afetiva. Os participantes estudados não trocavam apenas informações a respeito das tarefas ou de questões técnicas, mas seus sentimentos relacionados aos orientadores, colegas, trabalhos, dificuldades, além de reflexões sobre sua aprendizagem. Assim, escreve Nascimento, “pode-se considerar ainda que essa forma de interação é capaz de proporcionar um contexto de relações onde um ambiente de apoio e incentivo e de estabelecimento de vínculos afetivos é possível” (p.9).

Neste trabalho foi possível perceber que existem ainda algumas dificuldades relacionadas com a tecnologia e com a manutenção da comunicação ficando evidente a necessidade de encontrar novas ferramentas que auxiliem na melhora da comunicação, e da troca entre grupos de forma *on-line*.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresento a metodologia da pesquisa que embasou esta dissertação.

Para aproximar-me mais da realidade da pesquisa que iria realizar, resolvi, no início do desenvolvimento desta dissertação, fazer um estudo piloto de maneira que pudesse me auxiliar a definir, mais especificamente a forma de investigar a opinião dos participantes dessa modalidade de ensino sobre a existência da afetividade na EAD e sua influência na aprendizagem. Assim, antes de apresentar o estudo principal, descrevo esse estudo piloto.

4.1 Estudo piloto

No estudo piloto, apliquei um questionário (Apêndice B) a um grupo de alunos de um curso semipresencial a distância da área de ciências exatas. O questionário foi aplicado presencialmente, por uma tutora do curso. Esse curso conta com aulas a distância, com professores formadores, e encontros presenciais, em pólos que se localizam em cidades próximas a Pelotas. Os sujeitos deste estudo piloto foram os 12 alunos, que compareceram à aula no dia da aplicação do questionário. Eram 5 homens e 7 mulheres, de uma turma de 35 alunos, com idade entre 18 anos e 35 anos.

O contato com a tutora foi feito durante evento no qual se discutia Educação a Distância. Ela era uma das organizadoras do evento e se apresentou como tutora presencial de um curso a distância. Entrei em contato com ela, depois do evento, e lhe enviei o questionário por *e-mail*. Ela, então,

aplicou-o em aula presencial, em um dos pólos do curso, aos alunos acima descritos. Tal aplicação ocorreu ao final de uma aula presencial.

O questionário era composto por uma pergunta fechada e três perguntas abertas e versava sobre a percepção dos estudantes acerca da importância das relações afetivas nos cursos a distância. A seguir, apresento os resultados da análise realizada a partir dos dados coletados por meio desse questionário.

O foco da primeira questão, que era fechada, era saber se os alunos percebiam a presença do afeto na Educação a Distância. Considero esta pergunta de extrema importância para esta investigação, porque penso expressar uma das dúvidas existentes entre as pessoas envolvidas nesta modalidade de ensino.

Todos os 12 alunos responderam que percebem a presença de afeto na EAD, embora haja diferenças entre suas respostas. Sete alunos acrescentaram comentários as suas respostas, embora a pergunta não solicitasse isso. Não se tem elementos para explicar tal comportamento, mas se pode pensar que ele signifique uma dificuldade de dar uma resposta única, taxativa, que escolhesse apenas umas das alternativas. Nesses comentários, observa-se que há uma tendência a especificar as situações em que as relações afetivas aparecem ou não aparecem. Os comentários dão ênfase à presença do afeto entre os alunos e entre estes e os tutores, com quem têm um contato presencial. Os trechos que seguem, ilustram os comentários espontaneamente acrescentados⁷, à questão:

Eu acho que é bem formal, pois não há um vínculo entre professor X aluno, mas se pensarmos em relação aos colegas e professores do pólo, aí sim há uma relação de afeto, até pelo fato de convivência diária entre alguns. (Estudante 7)

Existe uma grande presença de afeto entre a turma (pólo), pois, com os professores é puramente formal. Não sei, se é por causa do pouco tempo que tem com os alunos ou por pouco tempo para preparar a matéria a ser dada. (Estudante 8)

Na segunda pergunta, aberta, cujos resultados estão expressos na Figura 1, o interesse era saber em que situações os alunos percebem que há troca de afetos ou interações afetivas. Cabe ressaltar que, ao analisar estas respostas,

⁷ As transcrições dos depoimentos mantêm-se fiéis à escrita original dos alunos.

os alunos foram inseridos em mais de uma categoria, já que alguns citaram mais de uma situação.

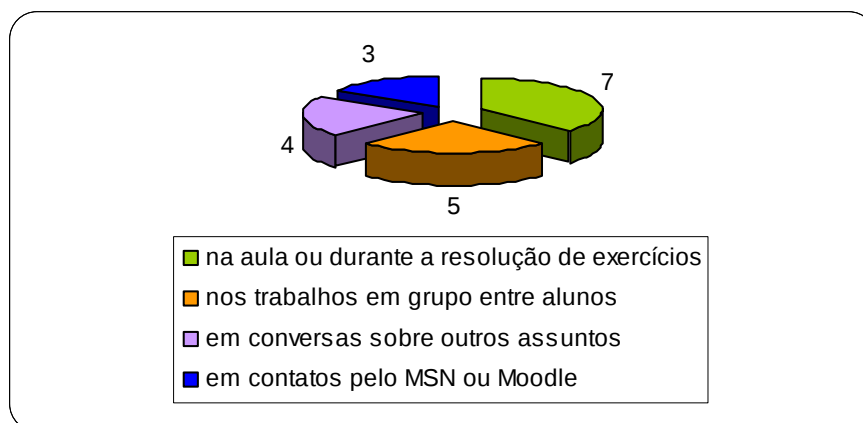


Figura 1: Situações em que os sujeitos percebem existir trocas afetivas em suas experiências em EAD

Na categoria **na aula ou durante a resolução de exercícios**, 7 alunos forma incluídos. Entre eles, estão os que apresentaram as seguintes respostas:

Professor que auxilia na resolução dos exercícios (tarefas) mesmo sem dizer a resposta mas mostrando o caminho nos chamando atenção necessária. (Estudante 3)

Em aula, temos liberdade de conversar sobre assuntos além da sala de aula, temos liberdade de brincar... Há aqueles professores que se preocupam em trazer o melhor, preocupam-se com nossa aprendizagem, o que mostra que eles preocupam-se conosco. (Estudante 2)

No pólo, principalmente nas resoluções das tarefas e no auxílio nas dúvidas sobre as diversas matérias. (Estudante 8)

Cinco dos alunos responderam que percebem trocas afetivas **nos trabalhos em grupo entre alunos**. Como exemplos das respostas incluídas nesta categoria, temos:

[Nas] trocas na resolução das tarefas e estudos em grupos. (Estudante 12)

Na realização das tarefas com uma integração de nós alunos. (Estudante 10)

Ao trabalharmos em grupo e estudarmos juntos; Na troca de experiências e ajuda em alguns trabalhos. (Estudante 7)

Esta categoria menciona o aparecimento do afeto apenas entre alunos. As próximas já incluem também os professores ou tutores, além dos alunos.

Na categoria **em conversas sobre outros assuntos** foram classificadas as respostas de 4. Como exemplo das respostas, incluídas nesta categoria, temos:

Em algumas aulas tivemos oportunidades de falar sobre assuntos não referentes as aulas fazemos brincadeiras, etc... (Estudante 6)

Com os tutores já criamos um grande vínculo de amizade, me sinto a vontade para conversar outros assuntos (pessoais) com a [...]. Mas com os professores a relação é puramente formal, sem muita aproximação. (Estudante 4)

Na categoria **em contatos pelo MSN ou Moodle**, foram incluídas as respostas de 3 alunos que ali perceberam a presença de afeto. Nota-se, assim, a importância de ferramentas como o MSN, de comunicação em tempo real, e do Moodle, que é um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como meios para possibilitar as trocas afetivas, conforme mostram os extratos, apresentados a seguir:

Em várias situações. Por exemplo em consultas através do MSN. (Estudante 1)

Seguidamente converso com professores pelo MSN e não só sobre assuntos de aula. (Estudante 9)

Nas resoluções das tarefas, no Moodle e também nas dúvidas através do MSN. (Estudante 11)

Quando se analisa os dois conjuntos de respostas: as emitidas em relação à pergunta 2 e os comentários espontâneos que apareceram junto à pergunta 1, nota-se que, no primeiro caso, 9 dos 12 alunos mencionam situações ligadas ao pólo, para exemplificar momentos em que as relações afetivas estão presentes. No segundo caso, isso aparece em 5 dos 7 comentários espontâneos.

Estes depoimentos parecem fortalecer a idéia de que as relações afetivas aparecem não só durante os contatos com os colegas, mas também entre alunos e professores tutores. Talvez isso se deva ao fato do contato com os

professores da disciplina, também chamados de “professores formadores”, serem somente virtuais. São os tutores que vão até os pólos, tiram dúvidas e assim mantêm um contato presencial e pessoal com eles.

Na terceira pergunta, interessava-nos examinar a opinião dos alunos acerca da importância das relações afetivas na Educação a Distância (Figura 2). Aqui, também, os alunos foram incluídos em mais de uma categoria e a maioria das respostas, de 4 alunos, foi classificada na categoria **para ajudar no aprendizado**. Como exemplo das respostas classificadas nesta categoria, escolhemos:

É importante para criar um vínculo de confiança e confiando o aluno aprende mais e melhor. (Estudante 9)

É importante por que incentiva os alunos, e torna a aprendizagem mais dinâmica. (Estudante 7)

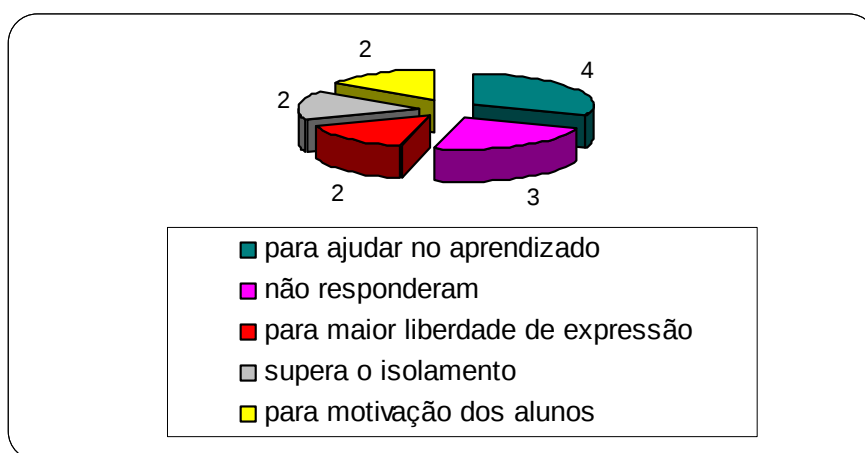


Figura 2: Determinantes da importância as relações afetivas na EAD, conforme a opinião dos sujeitos.

Foram incluídos na categoria **não responderam**. Os três comentários que não responderam à pergunta como deveriam. Como exemplo desta categoria, escolhemos:

É primordial para o desenvolvimento do curso (Estudante 11)

Dois estudantes deram respostas que foram incluídas na categoria **para ter maior liberdade de se expressão**. Como exemplo dela, temos o seguinte:

A importância das relações afetivas no Ensino é muito grande, quanto mais amigos nos tornamos, nos sentimos mais à vontade e com mais liberdade de nos expressar. (Estudante 4)

Respostas como a que segue foram incluídas na categoria **supera o isolamento na EAD**:

Temos nesse método um certo grau de isolamento, mas aí é importante o relacionamento afetivo ou até mesmo de confiança principalmente entre os colegas. (Estudante 3)

O depoimento do estudante 3 mostra bem a importância de comunidades *on-line*, formadas por colegas e professores, ou seja, a importância da comunicação dos alunos entre si e com os professores para que não se sintam sós e isolados nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Dois alunos deram respostas enquadradas na categoria, **para a motivação dos alunos**. Uma delas foi a seguinte:

Acredito que é muito importante o vínculo, porque estamos nos adaptando a esse tipo de ensino e precisamos muito de apoio e motivação por parte tanto de nós mesmos quanto dos professores. (Estudante 5)

É interessante observar que três dos entrevistados equacionaram afeto com confiança, não no sentido de dizer que um gera o outro, mas parecendo entender que são a mesma coisa, como mostram os extratos a seguir:

É muito importante que tenhamos uma relação afetiva, que os professores e alunos tenham confiança entre si pois ajuda muito o nosso aprendizado. (Estudante 2)

Temos nesse método um certo grau de isolamento mas aí é importante o relacionamento afetivo ou até mesmo de confiança principalmente entre colegas. (Estudante 3)

Na quarta questão (Figura 3), queríamos saber se os alunos percebiam alguma relação entre as trocas afetivas e a motivação para permanecer no curso e realizar tarefas. Nas respostas, 5 estudantes foram incluídos na categoria **relação direta e importante**. Para exemplificar esta categoria, escolhemos as seguintes manifestações:

Na minha opinião a motivação é importante para continuarmos a nossa caminhada e as trocas afetivas nos ajudam a ter vontade de permanecer. (Estudante 5)

Devido o bom relacionamento dos colegas e professores, pois se não fosse o bom relacionamento e o apoio dos colegas e alguns professores já teria desistido. (Estudante 6)

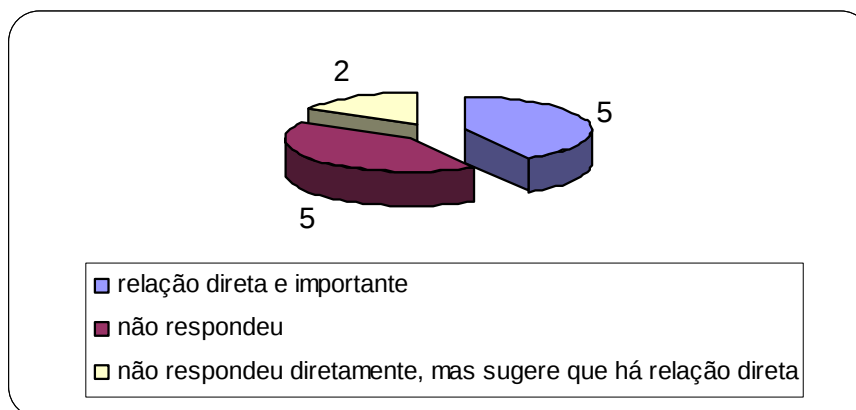


Figura 3: Relação entre trocas afetivas e motivação dos alunos para permanecer no curso e realizar suas tarefas, conforme percepção dos sujeitos.

Quatro alunos foram classificados na categoria **não responderam**. Nesta categoria está o estudante 4, que não escreveu nada, e outros 3, que desviaram sua resposta da pergunta, como no exemplo que segue:

Meu relacionamento com professores é bom, mas só presencial porque virtual não tenho muito relacionamento é precário por não acessar muito o ambiente. (Estudante 3)

O que o aluno quis dizer é que tem um bom relacionamento com o tutor do pólo, mas não com os professores a distância, aqueles com os quais ele se relaciona através das ferramentas de comunicação no ambiente de aprendizagem. Isso reforça o que já foi mencionado sobre a relação de alguns alunos ser melhor no ambiente presencial, mas não responde a pergunta feita.

É interessante notar que os alunos que não responderam à questão advertiram para o acúmulo de tarefas em semanas de provas em seus relatos. Como exemplos dessas respostas escolhemos as seguintes:

Nas semanas de provas se torna difícil fazer tarefas pois o tempo para se deixar os estudos se torna muito reduzido. (Estudante 10)

Quando somos imbuídos a realizar tarefas em semana de prova; as tarefas ficam em 2º plano, para termos tempo para a prova. (Estudante 11)

Entender o conteúdo; por exemplo tarefas em (dia de prova) digo, semana de prova se torna impossível estudar levando em conta as atividades paralelas entre trabalho e estudo. (Estudante 12)

Cabe aqui perguntar por que os alunos resolveram não responder a questão, escrevendo sobre tarefas e provas. Isto me leva a pensar que talvez eles quisessem dizer que não houve diálogo para resolver o problema que citam ou mesmo que não houve trocas afetivas suficientes para que os professores e organizadores do curso percebessem que não era possível realizar tudo ao mesmo tempo.

Dois estudantes não responderam diretamente a pergunta feita, mas sugerem que há uma relação direta entre trocas afetivas e a tendência a permanecerem no curso e realizar as tarefas. Entre os classificados nesta categoria - **não respondeu diretamente, mas sugere que há relação** - chamou atenção este depoimento de um dos alunos:

É sempre bom ter um amigo nas horas difíceis e como o curso é (um pouco) difícil uns incentivam os outros (Estudante 9)

Neste relato, percebe-se a importância atribuída à da amizade, que é uma troca afetiva, para que o trabalho e o desenvolvimento pessoal e profissional se desenvolvam.

Os resultados do estudo piloto indicam que o grupo pesquisado percebe a existência de relações afetivas na aula durante a resolução de exercícios, nos trabalhos em grupo entre alunos, em conversa sobre outros assuntos, em contatos pelo software MSN ou no ambiente virtual de aprendizagem Moodle.

Nas respostas ao questionário, observei que os alunos confundem muito o professor da disciplina com o tutor a distância e por essa razão, tive o cuidado de investigar, no estudo principal, a quem os entrevistados se referiam quando falavam em professor.

Pelas respostas dos alunos à questão 4 (relação entre trocas afetivas e motivação para permanecerem no curso e realizar tarefas), notei que ela não ficou bem formulada. Não consegui extrair o que queria das respostas, de nenhum dos alunos. Muitos não a responderam, talvez por não a terem entendido. Assim, ao abordar esse tema na entrevista, preoquei-me em

verificar se haviam entendido bem o foco da pergunta e se o haviam abordado de forma adequada.

O estudo piloto também me fez perceber a importância da entrevistar um tutor a distância e um professor da disciplina, além do tutor presencial, pois os dados indicam que os alunos percebem marcadas diferenças entre esses três tipos de professores em termos das relações afetivas que com eles estabelecem.

Embora os dados coletados nesse estudo tenham sido úteis para uma primeira aproximação à temática, percebi, por meio deles, que não eram suficientes para abranger a multiplicidade de formas que podem tomar os cursos a distância. Assim, como o objetivo desta pesquisa era analisar as relações afetivas na EAD, independentemente do tipo ou da estrutura do curso em que elas ocorrem, pensei que seria conveniente trabalhar com diferentes alunos e professores de cursos a distância, dando conta, na medida do possível, da diversidade que apresentam.

4.2 Estudo Principal

Para realizar a pesquisa que, recordando, tem o objetivo de investigar a existência de trocas afetivas na EAD e, em caso positivo, a importância que os sujeitos atribuem a ela e a sua influência na aprendizagem, optei por uma abordagem qualitativa. Esta opção ocorreu porque, neste tipo de abordagem, não há intenção de enumerar ou medir eventos, não se emprega instrumento estatístico para a análise dos dados, seu foco é mais amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação e o objeto de estudo. Portanto, na pesquisa qualitativa, geralmente, o pesquisador procura entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situa sua interpretação dos fenômenos estudados (MINAYO, 1992).

Os dados, portanto, foram coletados através de entrevistas presenciais semi-estruturadas (Apêndice A) voltadas para investigar a opinião de alunos, professores e tutores sobre a temática em foco. Seus dados foram gravados em áudio e depois transcritos. Os entrevistados, formam 4 alunos e 3 professores/tutores, escolhidos a partir do critério de variabilidade, isto é, na

possibilidade de apresentarem características distintas relativas ao que se supõe sejam fatores que podem influenciar a presença das relações afetivas na EAD. Como a pesquisa qualitativa não está preocupada em construir um corpus representativo da população que investiga, a variabilidade dos sujeitos, mais do que seu número é um aspecto a ser levado em conta (BAUER e GASKELL, 2002). A pesquisa, pois, não tem ambições de generalização.

As variáveis (relativas à variabilidade acima mencionada) que balizaram a escolha dos alunos foram: idade; sexo; curso que envolva interação professor/aluno; existência (ou não) de contato presencial para além dos momentos de avaliação dos alunos. Quanto aos professores, a variabilidade buscada relativa aos seguintes aspectos: tipo de professor (tutor presencial, tutor a distância e professor da disciplina); sexo; e tempo de experiência em EAD. Foram, então, selecionados, um professor ou professora de cada tipo e, pelo menos um deles, deveria ter mais do que dois anos de experiência em EAD.

Quanto às questões (Apêndice A) do roteiro da entrevista cada uma tinha seu objetivo específico que aqui iremos expressar: a primeira questão tinha como objetivo capturar os dados pessoais dos entrevistados. A segunda questão tinha como objetivo saber em que curso a distância o aluno ou professor estava envolvido, (área e o nível - extensão, graduação, curso básico) e também como era a estrutura do curso, já que os cursos a distância variam muito quanto à estrutura e metodologia. Esta informação visava a contextualizar as respostas que seriam dadas no desenvolver da entrevista. Já a terceira questão tinha como objetivo capturar a percepção dos entrevistados sobre os pontos fortes e fracos da EAD. A questão foi formulada dessa forma porque se queria saber se os aspectos afetivos e sua importância seriam espontaneamente mencionados. Caso isso acontecesse, sua importância, como ponto fraco ou ponto forte ficasse bem demarcada.

O objetivo da quarta questão era saber se os entrevistados percebiam a presença de trocas afetivas no curso com o qual estava envolvido, descrevendo situações e exemplos onde ela se manifestava. A quinta questão voltava-se à percepção da importância das trocas afetivas na Educação a Distância numa visão geral e não apenas em seu curso, enquanto a sexta

investigava opinião dos entrevistados sobre a relação entre aprendizagem e afetividade de forma geral. A sétima questão, investigava essa relação na EAD.

Por último, a oitava questão investigava a opinião dos alunos e professores sobre a relação existente entre a motivação para permanecer no curso e realizar as tarefas e as trocas afetivas que nele acontecem.

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados a partir de um procedimento de análise conteúdo (GIL, 1999; MINAYO, 1992), “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (GIL, 1999, p.165).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de apresentar e discutir os achados desta pesquisa – relativos à percepção dos sujeitos participantes referentes à: a) ocorrência de trocas afetivas na EAD; b) importância a elas atribuída; e c) sua influência na aprendizagem – descrevo esses sujeitos (3 professores e 4 alunos) e forneço algumas informações acerca da estrutura dos cursos que realizaram/realizam, como forma de contextualizar os dados analisados. Essas informações foram fundamentais para entender as opiniões por eles formuladas durante as entrevistas e podem ser resumidas da seguinte maneira:

Tutor A (presencial): sexo masculino, 35 anos, graduado em Administração de Empresas, tendo pós-graduação em Marketing e trabalhando há aproximadamente dois anos na EAD. Atualmente, desempenha sua função em curso de graduação.

Tutor B (a distância): sexo feminino, 44 anos, licenciada em Matemática, trabalhando há aproximadamente cinco anos em EAD. Atualmente, trabalha em curso de formação continuada.

Tutor C (presencial, a distância e professor formador): sexo feminino, 37 anos, licenciada em Matemática, com mestrado e doutorado em Engenharia da Produção e trabalhando há aproximadamente três anos na EAD. Atualmente, exerce todas suas funções em curso de graduação.

Aluno A: sexo masculino, 23 anos. Faz o curso de Administração de Pequenas e Médias Empresas a distância. Está no terceiro dos 5 semestres do curso. Nesse curso, o aluno tem um tutor de sala - que podemos considerar como um tutor presencial – e um tutor eletrônico - que podemos considerar como um tutor a distância. Os alunos encontram-se uma vez por semana,

presencialmente, para assistir a uma vídeoaula (gravada), apresentada pelo tutor de sala, que está à disposição para tirar suas dúvidas. Isso também pode ser feito pelo tutor eletrônico, através de e-mail. Após a vídeo aula, são feitos trabalhos em grupos, presencialmente. Trabalhos individuais também são realizados e enviados ao tutor eletrônico.

Aluno B: sexo feminino, 56 anos. É pedagoga aposentada, formada também em Ciências Sociais Licenciatura Curta e trabalha 20 horas no laboratório de informática de uma escola estadual. Fez o curso a distância de Mídias na Educação - Ciclo Básico. Nesse curso, os alunos têm um encontro presencial no início e outro no término; contam com tutor a distância, mas não com tutor presencial.

Aluno C: sexo feminino, 39 anos. Formada em Português e Inglês e respectivas Literaturas. Fez curso de extensão, a distância, que tinha como objetivo a aprendizagem do uso dos recursos da internet e das mídias do computador para utilização em aulas de língua estrangeira. Nesse curso, o aluno tem um encontro presencial no início e outro no término e conta com tutores a distância. Também é relevante saber que o Aluno C já utilizou recursos como o MSN e Orkut com seus alunos.

Aluno D: sexo masculino, 42 anos. Bacharel em Teologia e também Técnico em Eletrônica. Está fazendo curso de Computação a distância. Nesse curso, os alunos contam apenas com tutores a distância (cada disciplina tem o seu) e não têm tutor presencial.

Nos cursos a distância de graduação, como por exemplo o curso do Aluno A e do Tutor C, por norma da Secretaria de Educação a Distância do MEC, pelo menos uma das avaliações de cada disciplina tem que ser presencial. Assim, não podemos dizer que esses cursos são totalmente a distância, porque não podemos considerar essas avaliações como encontros presenciais.

O Tutor A e o Aluno A são do mesmo curso de graduação: Administração de Pequenas e Médias Empresas. O Tutor B e o Aluno B também são do mesmo curso: Mídias na Educação - Ciclo Básico. O Tutor C e os Alunos C e D são de cursos distintos, não havendo nenhuma relação entre eles.

É relevante saber que os alunos B, C, e o D, embora alunos em cursos a distância, são também professores no ensino presencial. Dessa forma, por mais que tenham sido entrevistados na posição de alunos, o ser professor deve

ter igualmente influenciado suas respostas.

Tendo apresentado as características básicas dos sujeitos da pesquisa, passo a discutir os pontos fortes e pontos fracos da educação a distância, na opinião desses sujeitos. Cabe observar, antes de apresentar o conteúdo dos depoimentos dos entrevistados, que houve muita diversidade de opiniões acerca desses pontos fracos e fortes e que ninguém mencionou diretamente aspectos relativos às trocas afetivas. Tais aspectos, entretanto, a meu ver, estão implicados, ainda que indiretamente, nas falas de alguns sujeitos.

A seguir, apresentarei os dados relativos a esse tópico do roteiro de entrevista, antes de apresentar os dados substantivos da investigação, que estão focados nas trocas afetivas e sua importância para a aprendizagem na EAD. Devido à já referida diversidade de opiniões (que resultou em um conjunto de dados extenso) e também ao fato destas informações não serem o foco da pesquisa, considereei inadequado incluí-las integralmente. Assim, os pontos fracos e forte da EAD, na opinião dos sujeitos entrevistados, serão trazidos de forma resumida e voltada para sua relação com as trocas afetivas.

5.1 OS PONTOS FRACOS DA EAD

As opiniões de tutores e alunos foram agrupadas segundo categorias empíricas, isto é, provenientes dos próprios dados (MINAYO, 1992). Essas categorias tinham dois focos principais: um relativo aos alunos e outro relativo aos cursos.

O principal ponto fraco, apontado por dois tutores e por um aluno, foi a **difículdade de administração do seu tempo de estudos** enfrentada pelos envolvidos na EAD, como exemplifica a fala que segue:

quanto ao aluno, é a questão de organização: eles têm que planejar o tempo deles, organizarem uma hora por dia. Eu vou me dedicar para aquilo ali ou, se eu não vou usar uma hora por dia, eu vou na segunda, na quarta e na sexta, eu vou pegar duas horas por dia, dar uma revisada no domingo. Se não, não tem como ir o curso. Tem que estar com um planejamento, umas datas, aonde algumas atividades têm que serem concluídas naquele período. (Tutor B).

Quanto a esse aspecto, também mencionado pelo Aluno C, a idéia é que os professores devem cobrar sistematicamente os trabalhos dos alunos, pois

essa cobrança pode sinalizar para estes que aqueles valorizam e dão atenção ao seu trabalho.

Os aspectos relacionados aos cursos foram bastante variados. Os tutores apontaram os seguintes: **problemas na estrutura e/ou no planejamento; falta de qualificação dos profissionais para atuarem na EAD; resistência e/ou falta de confiança nessa modalidade de ensino; e perda da privacidade por parte do tutor.** Os alunos, por seu turno, mencionaram: **dificuldades na utilização dos recursos tecnológicos necessários à EAD (em especial a internet e os ambientes de aprendizagem); dificuldades para organizar encontros *on-line* com os colegas; falta de interação com os professores; e alto índice de evasão.**

A seguir, apresento e comento os dados referentes aos pontos fracos da EAD que, a meu ver, por sua relação com as trocas afetivas, indicam que os entrevistados atribuem importância a elas.

O Tutor B, por exemplo, falando sobre um curso do qual estava participando como aluno, apontou problemas de estrutura que ele acredita dificultarem a organização dos alunos, as interações entre as pessoas nele envolvidas e as aprendizagens:

tem material impresso, tem material em CD... o ambiente é bem legal de ver, a aparência dele: um ambiente claro. Só que a maneira como eles estão organizando é a seguinte: foram disponibilizados todos os módulos, desde o primeiro dia do curso, e as atividades, todas elas, são previstas: as entregas, para o último dia do curso.[...] porque as pessoas ficam deixando, deixando para o final, porque aquilo não tem uma agenda, não tem uma organização. Ainda, eu questionei algumas coisas, mas elas me disseram: “Não, mas é ensino a distância! Pode fazer a qualquer hora, a hora que ele quiser”. Mas, quer dizer, se perde até a questão da interação: tu não tem como interagir, não tem como ir acompanhando, dia-a-dia, aquele aluno. A tutora, particularmente, tem feito poucas intervenções: alguns e-mails, fórum, mesmo. Como está lá até o dia quinze, tá aberto, o pessoal só vai colocando, assim, informações, mas não há uma interferência, um questionamento lá dentro, uma sugestão de fazer que aquele pessoal interaja um pouco entre eles. (Tutor B).

No curso citado pelo Tutor B, o aluno faz atividades e as posta no ambiente, sem que ninguém faça intervenções relativas ao trabalho realizado. A fala desse Tutor aponta para a falta de interação aluno/tutor e também aluno/aluno, aspecto que considera de fundamental importância. Sem essas interações, cada aluno acaba trabalhando sozinho e eu me pergunto: Como um

aluno consegue chegar até o final de um curso com esta estrutura? Onde fica a sua motivação para realizar as tarefas? Não seriam as interações importantes para motivar os alunos a continuar no curso? Quando os colegas trocam idéias, quando os tutores emitem seus comentários acerca das atividades feitas pelos alunos, quando os alunos e tutores participam de *chats* e de fóruns, a motivação para continuar no curso não é incrementada? Parece que a fala do Tutor B traz implícita estas idéias.

O Aluno C, ao discorrer sobre sua percepção com relação aos pontos fracos da EAD, não se manifestou como aluno, mas falou como professor, já que também atua como tal. Como ponto fraco ele apontou que o professor perde a privacidade, caso não se cuide, em consequência da intensa procura de contato por parte dos alunos:

a gente entra em algumas questões, assim, que o ensino a distância, por um lado, ele é bom, por um lado... Mas, por outro, ele vai te sugar bastante, sabe? Ele tira a tua privacidade, que eu acho essencial, e tu levás mais trabalho para casa também. Que tu estás ali. Vários alunos já disseram para mim: professora tu tens orkut? Não, não tenho. E MSN? Ah! Também o meu não está funcionando. Não é que eu não tenha, eu tenho vários recursos... aí tu chegas em casa tu acessas, tu queres falar com alguém teu, assim, mais próximo, a pessoa... Aí, quando tu vês, tá lá aquela lista de pessoal, de aluno, sabe, com assuntos que não são de teu interesse... Nenhum sabe... (Aluno C)

Se há essa acentuada busca de comunicação com os tutores e professores, pode-se pensar que é porque, por meio dessa comunicação ocorrem coisas importantes para os alunos – talvez as trocas afetivas. É possível pensar que, se não fossem importantes e não trouxessem algum ganho, tais contatos informais não seriam buscados.

O Aluno B, ao apontar, como ponto fraco, as dificuldades para organizar encontros *on-line* com os colegas, também mostra dar importância a contatos e trabalhos em grupo, possivelmente porque neles ocorrem processos de troca que são valorizados:

ponto fraco: a falta de tempo. É muito pouco tempo e dificuldade de poder conversar com os colegas, no mesmo horário. Porque, às vezes, não coincidia. Porque, às vezes, eu estava livre na quarta e o meu colega não estava [...] Essa dificuldade da gente entrar em contato com os colegas, né? Porque aí a gente trocava, através do MSN, através do bate-papo, que era marcado, né? Mas, às vezes,

por exemplo, marcava às 21 horas e tinha alguém que trabalhava à noite, tu entendes? Então... aí já fica difícil... (Aluno B).

A importância das interações aparece, da mesma forma, no depoimento do Aluno D:

o ponto fraco - não sei se dá para dizer fraco - é toda essa interação com o professor, que tu não tem, né? Numa sala de aula, tu recebes a disciplina. Tudo bem! Depois, tu vais para a casa para fazer exercício. Mas, em um curso a distância, o início de uma disciplina é contigo e uma apostila. Então, para mim, é o ponto mais crítico. O pessoal desiste bastante e a evasão se dá bastante porque o pessoal não acompanha, não consegue. Tem muita gente, que eu vi, algumas colegas, eu vi, postaram: eu sou dona de casa, queria ter contato com a informática e entraram em uma área de programação, que é complicado. Então, muita gente, muitos evadiram em função disso. [...] a falta do início da disciplina com o professor. O ideal seria uma aula, nem que fosse a distância, nem que fosse uma videoconferência. Então o professor estaria ali, nem que fosse um final de semana, sei lá, ou, então, até uma aula gravada dessa videoconferência, que tu pudesse acessar. Bom, foi feito assim, assim, assim... Você não tem isso, você segue a apostila (Aluno D).

Infelizmente, existem cursos que se organizam a partir da idéia de que, sendo a distância, o aluno pode ser deixado sozinho e acredito que isto deve ser repensado. Em seu relato, o entrevistado explica que, no início das disciplinas, o aluno conta apenas com uma apostila, o que não lhe parece adequado. Concordo com a sua opinião quando argumenta que uma disciplina deve ser iniciada em encontro presencial ou, se isso não for possível, deve haver uma apresentação por meio de uma videoconferência ou, até mesmo, de um vídeo motivacional. Acredito que esse tipo de procedimento é importante para que o aluno não se sinta sozinho e tenha maior motivação para começar a disciplina.

Tendo examinado o que os entrevistados apontaram como pontos fracos e sua relação com a efetividade na EAD, passo agora às suas opiniões sobre os pontos fortes dessa modalidade educacional.

5.2 OS PONTOS FORTES DA EAD

As opiniões dos entrevistados sobre os pontos fortes da EAD também não mencionaram as relações afetivas diretamente. Essas opiniões foram, igualmente agrupadas em categorias relativas ao aluno e ao curso. Os pontos

fortes relativos ao aluno apontados pelos professores foram: **flexibilidade (relativas ao tempo, às possibilidades de acesso aos cursos, à escolha do tutor) e aprendizagens para além dos conteúdos das disciplinas que a EAD fomenta (escrita, comunicação, domínio das tecnologias e dos recursos comunicacionais disponíveis e auto-didatismo)**. Em relação ao curso, os pontos citados foram: **participação e interação, não dispersão da atenção, avaliação interdisciplinar**.

O ponto forte citado por todos os tutores foi a flexibilidade. O excerto que segue exemplifica suas falas:

A questão da liberdade de horário. Acho que isto é bastante importante, né? Para os alunos, principalmente os que trabalham, estas coisas todas [...] Outra vantagem do ensino a distância [...] é exatamente ter essa liberdade de até ter a quem recorrer, de acordo com o teu perfil. Porque, no presencial, tu tens uma disciplina lá com tal professor e tu vais ter que recorrer a ele e, muitas vezes, os gênios dos dois não são compatíveis e não vai dar certo. Aconteceu, eu já vi. Isto é normal acontecer. E na distância, como tu tens uns tutores que geralmente atuam em todas as disciplinas, na matemática, para todas, eles atuam, eles acabam recorrendo àqueles que eles têm mais afinidade, que eles conseguem se comunicarem legal. E isso eu acho interessante. (Tutor C).

Penso que o Tutor C, embora fale em liberdade, se refere à flexibilidade, relacionando-a com a possibilidade, que se apresenta ao aluno, de escolher o horário de trabalho e o tutor com o qual quer se comunicar – escolha feita de acordo com a afinidade do aluno. O depoimento desse tutor sugere que ele atribui importância às relações afetivas na EAD, embora isso não tenha sido dito diretamente.

O Tutor B, que aponta a participação e a interação como pontos fortes, explica que, diferentemente do que acontece na educação presencial, na qual os alunos podem permanecer inertes na sala de aula, na EAD eles necessariamente têm que participar. Em relação a essa idéia, explica:

Um dos pontos fortes que eu acho, assim, o principal, é a questão da possibilidade da interação que ambiente, que o ensino a distância possibilita [...] da interação não só do professor tutor, dos outros colegas. Possibilita que ele tenha um crescimento bem maior.[...] não é só a questão do professor que ajuda; os colegas se ajudam entre si muito e, normalmente, em uma aula presencial, não vejo muito isso, porque aquele que... no momento a distância, tem um aluno que não se manifesta, ele não está sendo visto; ele tem que chegar

ali e ele tem que escrever, ele tem que digitar, ele tem que se colocar à posição dele. Porque senão, é como se ele não estivesse na sala de aula, ao passo que, numa aula presencial, o professor entra e sai; o aluno está ali, só marcando presença, e a presença na distância é tu participar. Se tu não participar... (Tutor B)

Embora se referindo principalmente à possibilidade de ajuda implicada na interação, pode-se pensar que, a fala do Tutor B sugira também a importância das relações afetivas porque, sem elas, parece não ser possível a ocorrência dessas trocas que ele valoriza.

As opiniões dos alunos acerca dos pontos fortes da EAD, também foram agrupadas em duas categorias: a relativa ao aluno incluía o seguinte aspecto, também mencionado pelos tutores: **aprendizagens para além dos conteúdos das disciplinas (escrita e comunicação)**; a relativa ao curso, apontava: **flexibilidade (em termos de tempo e espaço) e disponibilização de material para estudo.**

5.3 PERCEPÇÃO DA PRESENÇA DE TROCAS AFETIVAS NA EAD

Todos os tutores e três alunos percebem a existência de trocas afetivas na EAD. Apenas o aluno D diz não percebê-las, pelo menos em seu curso. No que diz respeito à exemplificação de ocasiões em que essas trocas ocorrem, os dados coletados mostram o seguinte: tanto os tutores como os alunos, apontam a ocorrência delas **entre os alunos, nos encontros presenciais e em trabalhos em grupo, em situação presencial e a distância, e entre os tutores presencial e a distância e os alunos.**

Os alunos, no entanto, apontaram mais uma situação que os professores não mencionaram: **a presença das trocas afetivas entre colegas, a distância.** Claro que é uma situação vivida pelos alunos uma vez que, dependendo da estrutura do curso, os alunos fazem trabalhos em grupo ou até mesmo se correspondem virtualmente quando têm afinidades. Isso os aproxima e fomenta as trocas de afeto. Talvez os professores não atentem muito para esse aspecto.

O Tutor A, por exemplo, assim se manifesta:

Então há uma família, vamos dizer, de acadêmicos, onde troca-se experiências, onde não se copia muito material divulgado. Nós trocamos experiências, agregamos afetividade para que o ensino saia de uma forma efetiva (Tutor A).

Esse tutor compara, aos encontros de uma família, os encontros presenciais na EAD, nos quais ocorrem trocas de experiências e enfatiza que, a essas trocas, é agregada afetividade, o que parece levar a um bom ensino. Ainda acrescenta:

Forma-se ali relacionamentos profissionais, forma-se ali grandes negócios, grandes empresas se formam, fortalecem-se as empresas porque é a função da Educação no ensino superior (Tutor A).

Com esse depoimento, o Tutor A sugere que essas trocas de experiências nos grupos ajudam o aluno a crescer e a se desenvolver para futuramente saber como lidar com as empresas e seus negócios.

A fala do Tutor C, no exemplo que apresenta sobre a ocorrência de trocas afetivas, ressalta a importância da motivação, em especial dos tutores presenciais, para incitar que o aluno também se motive e portanto tenha uma aprendizagem mais eficaz, levando-o a permanecer no curso.

Eu acho que as trocas ocorrem assim, com bastante naturalidade. É necessário, a gente percebe isso, a presença dos tutores nos pólos. A motivação delas [tutoras] é extremamente importante para que os alunos se motivem [...] A questão relação tutor/aluno do pólo é extremamente importante de ver. O grupo que vai bem é aquele grupo que está sempre unido, que está trabalhando em grupo, que a tutora chama. Aquele grupo onde o tutor não está vestindo a camisa de fato, não está desenvolvendo tanto, isso reflete nos alunos. (Tutor C).

Esse tutor acrescenta outro exemplo de situação na qual as relações afetivas estão presentes: nos vínculos estabelecidos, por cada aluno, com um tutor em especial, que será o seu ponto de referência no curso. Esse tutor, segundo o entrevistado, é escolhido por afinidade, por facilidade de comunicação (ver fala do Tutor C citada na página 54 desta dissertação):

Tem aqueles alunos que acabam elegendo um tutor para eles, vamos dizer assim. Então, sempre eles procuram um ou outro, dependendo do perfil, né? de cada aluno, né? procuram um ou outro professor, ou um ou outro tutor. (Tutor C).

A opinião do Tutor C, possivelmente, sugere que as afinidades entre alunos e tutores influenciam na aprendizagem dos alunos, pois ter afinidade com alguém implica em ter algo em comum com esse alguém: algo que une, que envolve sentimentos, que está relacionado ao afeto. Freitas, Costa e Faro (2003) escrevem que nos processos de ensino aprendizagem é necessário o afeto em relação ao professor para que o aluno se envolva. O Tutor B, por sua vez, também percebe a possibilidade de que existam afinidades entre tutor/aluno, mesmo a distância

porque tu consegues assim perceber alguns alunos... vamos dizer [...] como no presencial tem alguns alunos com os quais tu te identificas mais, na questão a distancia também. Até tem alguns alunos que antes de tu veres, ali, que ele assinou, tu já sabes quem é o aluno que está escrevendo aquilo ali para ti. Então, tu consegues assim estabelecer uma relação com eles. Tu podes até olhar só o conteúdo e, se não tiver assinado, tu podes até identificar a pessoa. (Tutor B)

Mas ele pensa que é o professor tutor que tem que ir atrás daqueles alunos que têm mais dificuldade de participação. Possivelmente, ele esteja querendo evidenciar que é o professor tutor que deve criar oportunidade, aproximação, diálogo para que as trocas afetivas aconteçam. O professor tutor, em parte, é o responsável pela criação de vínculos.

Porque o professor tutor tem que sempre estar atento, buscando aqueles alunos. [...] o tutor que eu acho que poderia, umas duas ou três vezes por semana, estar mandando um e-mail, estar entrando no fórum, postando, assim, estar dialogando com aquelas pessoas que já participaram do curso, colocando algumas observações sobre o que eles postaram, estar instigando sobre novas questões, chamando aqueles que não participaram para que participem do fórum... Então, esta questão aí, vai muito, acho, do professor tutor. (Tutor B)

Penso ser importante atentar para o fato de que se deve ter cuidado com as idealizações que a EAD favorece. Numa comunicação a distância, onde o contato é restringido pela ausência física, é fácil criarem-se afinidades entre professores e alunos, bem como é fácil criarem-se animosidades.

No que diz respeito às relações entre os alunos, o Tutor B assim se manifesta:

[...] mas eles, assim, os alunos entre si é a questão da afetividade apurada. Assim, a gente nota que, se tu marcas um bate-papo, assim, para trocas de dúvidas, assim, de necessidades que eles tenham, ou até de angústias que eles tenham com relação à alguma dificuldade no ambiente ou dificuldade até em relação a algumas atividades, eles se ajudam, sabe? [...] Eles se ajudam, eles enviam material... “Olha, eu já tenho o material” ou “Eu posso te ajudar nisso”. Eles se ajudam bastante e é uma coisa assim, que parece que, no encontro presencial, tu não percebe tanto. As pessoas ficam mais isoladas, mas isto aí... é importante que o tutor esteja atento a isso aí (Tutor B).

Os exemplos de situações nas quais os alunos identificam o aparecimento de trocas afetivas são semelhantes àqueles produzidos pelos tutores, isto é, **nos trabalhos em grupo entre alunos, em situação presencial e a distância, e nas interações entre tutores e alunos – também, tanto presenciais quanto à distância.**

O Aluno A, por exemplo, assim se expressa:

A nossa turma é muito unida. Fazemos muitas atividades em grupos, as atividades em aula, as presenciais. Todo mundo se dá bem em aula, todo mundo brinca. É uma vez por semana, mas todo mundo se conhece, todo mundo se dá bem. Por que todo mundo se dá bem? Por causa dos trabalhos. Às vezes tu faz um grupo com um colega diferente, outro dia com outros colegas. Então, tu vai sendo conhecido e fazendo amizade (Aluno A).

O Aluno B é de opinião que as trocas afetivas são mais fáceis no ambiente de aprendizagem e no contato com os colegas a distância, do que presencialmente, como podemos ver a seguir:

Eu acho até que é mais fácil essa troca afetiva no ambiente [referindo-se ao ambiente virtual de aprendizagem], eu acho que a gente tem mais liberdade de colocar para o colega [...] Eu não sei porque. Eu acho que a gente é mais aberta nesse sentido. Tu colocares para a colega... porque tu colocas. Mesmo que a pessoa não tenha entendido, ela consegue te responder, entendeu? “Ah! isto eu não gosto!”. Eu acho que deveria ser assim e, às vezes, no presencial, as pessoas não dizem [...] eu acho que, no ambiente, é mais fácil. Tu colocas, tu não estás olhando no olho... Eu sinto isso, ao menos eu não tive problema nenhum [...] (Aluno B)

O Aluno C, já no começo de seu relato, faz referência às relações afetivas ao descrever suas tutoras como “as gurias”, como se fossem suas amigas. Com relação às trocas afetivas **entre aluno e tutor a distância**, diz:

as gurias [tutoras] que deram o curso são muito legais, as duas que orientaram são muito afetivas. Até uma delas me convidou para ser amiga dela no orkut e elas entravam ali, na discussão. Quando a gente entrava, elas marcavam um dia para a discussão no MSN. Então, todo mudo entrava e ficava ali, na sala de bate-papo só do curso. E aí tá, as gurias eram bem legais, assim, bem afetivas, assim, com a gente. Sempre tentavam ver qual era o problema, se tu estás com dificuldade para acessar. (Aluno C)

O Aluno A também fala da relação aluno/tutor, mencionando os dois tipos de tutores: de sala⁸ e eletrônicos⁹:

eu nunca tive problema com tutor, eu acho que eles tentam solucionar os problemas o mais breve possível e sempre eles solucionam. Eles sempre mandam respostas, sempre te resolvem o problema que a gente tem. Eles 99% são eficaz na resposta, mas eles ajudam muito no teu trabalho. Se tiver dúvida no trabalho, eles te ajudam, tiram a tua dúvida, mandam e-mail. Às vezes, sem tu perguntares, eles já te mandam dicas para o trabalho: "Para o trabalho tal, vai uma dica para este trabalho". Então, acho que é muito afetivo, tem bastante relacionamento com o tutor de sala e o tutor *on-line*, no caso, tutor eletrônico (Aluno A).

O Aluno A parece equacionar a ajuda do tutor em relação as suas dúvidas, o de dicas para seu trabalho e a eficácia nas respostas, com as inter-relações afetivas.

No relato abaixo, o Aluno D afirma que não há interação (e, conseqüentemente, trocas afetivas) em seu curso, em especial com os tutores, ao responder a pergunta sobre a percepção de trocas afetivas nesse curso:

Não. Eu vou te dizer assim: nessa etapa [programação] a gente quase não tem interação. *Chat*, por exemplo: eu não vi nenhum tutor marcar *chat*. Então fica difícil até os próprios alunos marcarem. Eu tenho visto, assim, o pessoal usando muito o MSN, usando fora do ambiente. Por exemplo, eu tenho uma colega de Santa Catarina. A gente troca mais informações por MSN de alguma prova, de algum exercício... Então, é mais, realmente, MSN. Não tem usado ambiente, até porque o *chat* é difícil tu marcares, saber que a pessoa está ali, naquele momento. Então, no MSN, é bem mais fácil: sabe que a pessoa está conectada. Então, tu acessas a qualquer momento (Aluno D).

Esse aluno D, afirma, claramente, que não tem contato com o seu tutor a distância. Entretanto, é interessante perceber que procura entrar em contato com os colegas para a realização de exercícios e trocas de informações sobre

⁸ Tutor de sala seria o mesmo tutor presencial, aquele que fica na sala enquanto acontecem as vídeoaulas.

⁹ Tutor eletrônico é o mesmo que tutor a distância.

as provas. Aqui se percebe uma menção à necessidade de interação e de trocas afetivas talvez para promover a motivação, para ser ajudado, para partilhar as dificuldades. A ajuda da colega no exercício, que seria a função do tutor a distância parece, no caso do Aluno D, ter sido exercida pela colega de curso.

5.4 PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DAS TROCAS AFETIVAS NA EAD

No tópico que tinha como objetivo investigar a percepção da importância das trocas afetivas na Educação a Distância, em termos gerais, os dados mostram que os todos entrevistados – alunos e tutores – percebem essa importância.

As respostas referentes às razões pelas quais os tutores entrevistados atribuem importância a essas trocas foram organizadas em termos dos seguintes aspectos: **fortalecimento da motivação para melhorar a aprendizagem, diminuição da evasão, auxílio aos alunos que apresentam problemas, maior liberdade de expressar pensamentos e sentimentos.**

Ilustrando as falas referentes ao **fortalecimento da motivação para melhorar a aprendizagem**, é interessante observar o que diz o tutor A:

[em encontros semanais] essa troca afetiva fortalece a motivação, o conhecimento, a força de vontade de estudar, principalmente a força de vontade de aprender! Isso é fundamental, o que não ocorre, muitas vezes, em métodos tradicionais (Tutor A).

Nesse comentário, o Tutor A explica que a importância da afetividade na EAD está relacionada ao fortalecimento da motivação e acrescenta que é nos momentos presenciais que ocorrem as trocas afetivas, que geram motivação. Nessa fala está implícita a idéia de que em grupos, nas trocas de experiências e ajuda mútua, os alunos crescem e aprendem.

Em relação à importância das trocas afetivas para a **diminuição da evasão**, como consequência do aumento da motivação, o Tutor B escreve:

[...] se tu não fizeres muitos contatos, tu não tiveres alguns momentos de cordialidade, até, com eles, de procurar ouvir, no sentido do que está acontecendo... “Por que tu não estás acessando? Em que eu posso te ajudar? Quem sabe outros colegas podem te ajudar?” Se tu

deixares muito, assim, na vontade deles, provavelmente, no final, muitos tenham desistido. Tem que estar sempre puxando, puxando no sentido de estar sempre mandando incentivo, elogiando - claro que quando realmente merecido - mas incentivando, motivando, para que eles continuem. Se não... É porque, senão, o nível de desistência é bem alto, a pessoa se sente muito sozinha, muito isolada. Tem que sentir a presença dos colegas e do tutor (Tutor B).

O tutor deixa clara a importância das trocas afetivas no resultado final dos alunos, possivelmente se referindo à evasão dos mesmos, gerada pela ausência de contato com o tutor.

É interessante notar que o Tutor C equaciona as relações afetivas na EAD com a possibilidade de **auxiliar alunos que apresentem problemas** de diferentes ordens. Na fala que segue, ele se refere aos alunos cuja estrutura familiar lhes induz a uma “deficiência na afetividade”:

é extremamente importante, eu acho. Principalmente para aqueles que já tem uma deficiência dessa afetividade, né? Porque aquele aluno que tem uma boa estrutura familiar por trás, percebo isto até no presencial, é bem nítido isto, o aluno parece que vai embora, né? Às vezes uma pequena conversa com o aluno, paralela ao conteúdo, faz uma diferença extremamente significativa no processo de aprendizagem dos alunos. Então, eu acho que tem tudo a ver, principalmente para os alunos que têm uma certa carência afetiva, que já vêm com alguma carência familiar do passado, ou do momento, sei lá! Uma pequena conversa, depois da aula, totalmente informal, sem grandes coisas, dá uma repercussão grande no aprendizado do aluno. Eu já vi acontecer isto no presencial. No a distância é a mesma coisa e o que eu percebo é exatamente a questão da estrutura familiar (Tutor C).

Ainda com relação a isso, o Tutor C comenta a importância do resgate dos alunos “desvirtuados e desmotivados”, embora seja difícil um relacionamento mais próximo com todos os alunos do curso:

Infelizmente, a gente não consegue conhecer todo mundo a ponto de intervir, porque, se a gente conseguisse fazer isso com todos, porque nem todos se abrem... Para começar, é difícil também andar apenas meio caminho. Tu anda um pedaço, ele tem que andar outro, eu acho, nesta história. E às vezes o aluno não se abre. Acho que isso às vezes impede um pouco mais a melhora e se conscientizar do processo, nessa linha [...] o professor, hoje, nessa parte afetiva - não que não precisasse ter afetividade - acho que este processo tem que ter afetividade, o aluno e o professor tem que gostar do que faz, tem que estar motivado para isso e tem que demonstrar isso, né? Porque, senão, o aluno vai acabar se desmotivando, né? Mas, hoje em dia, eu percebo que há... que o professor tem que ir um pouco além de simplesmente isso, ele tem que ir um pouco mais pro lado afetivo, para resolver, para poder resgatar um aluno meio desvirtuado, vamos dizer assim, meio desmotivado. Mas é difícil! Isso não é uma coisa trivial e tem que ter abertura dos dois lados (Tutor C).

O Tutor C, mais adiante, ressalta também que, em alguns casos, os alunos se abrem mais quando estão *on-line* do que presencialmente, situação em que apresentam **maior liberdade de expressar pensamentos e sentimentos**.

em alguns casos, a distância pode facilitar pelo fato que é mais fácil você se abrir conversando via MSN do que cara a cara. Por isso que hoje a rede ORKUT, esse negócio de MSN, conversas desse tipo aí tão em alta. Tem jovens que nem saem mais para a rua. Não sei é uma opinião minha, nunca pesquisei, mas é que eu acho que é mais fácil o ser humano se abrir com outra pessoa, desabafar, colocar para fora o que ele sente a distancia não olhando olho no olho. Então, por esse motivo, no ensino a distância, talvez essa relação [professor/aluno] melhore... talvez (Tutor C).

As explicações encontradas nas falas dos alunos a respeito da importância das trocas afetivas na EAD foram o fato de elas gerarem: **maior liberdade de expressar pensamentos e sentimentos, melhorar a comunicação (por meio das trocas com o tutor), entre colegas para facilitar a realização dos trabalhos, motivação e na aprendizagem**.

No tocante à **maior liberdade de expressar pensamentos e sentimentos**, o Aluno B falou o seguinte:

Eu acho assim, eu acho que até é mais fácil essa troca afetiva no ambiente. Eu acho que a gente tem mais liberdade de colocar para o colega, né? [Por que tu sentes assim?]. Eu não sei porque. Eu acho que a gente é mais aberta nesse sentido, né? Tu colocares para a colega. Porque tu colocas, mesmo que a pessoa não tenha entendido, ela consegue te responder, entendeu? “Ah, isto eu não gosto”, né? Eu acho que deveria ser assim e as vezes no presencial as pessoas não dizem, né? E isso aí eu tenho experiência, porque como a gente sempre esteve envolvida com projetos na escola eu sinto isso (Aluno B).

As trocas afetivas na EAD são importantes para a Aluno B porque ele diz se sentir mais à vontade e com mais liberdade para se expressar. Essa liberdade é percebida como ocorrendo mais facilmente no ambiente a distância porque ali as manifestações se efetivam por meio das palavras, sem implicar em uma relação olho no olho que poderia gerar constrangimentos. Entretanto não se pode generalizar, porque também há alunos que têm dificuldade em expressar suas idéias e sentimentos por meio de palavras, na EAD.

Em relação às possibilidades de **melhorar a comunicação (por meio das trocas com o tutor)**, o Aluno A explica:

Tu tens um bom relacionamento com o teu tutor, o teu tutor vai te tirar todas as tuas dúvidas, ele vai ser preciso contigo, ele vai te responder sem nenhum problema. Como tu tens um bom relacionamento com ele, vai sempre ser eficaz na tua resposta, não te xingando e sendo grosseiro. [...] Às vezes é imediata a resposta, chega a vir em menos de quatro horas, a resposta. Porque nem sempre eles estão *on-line*, também. Eles dão aula, eles têm outras atividades, também. [E se não tem um bom relacionamento com o tutor tu achas que não vem tão eficaz a resposta?] Eu acho que não vem tão eficaz, às vezes tu és grosseiro e tu vais ser o último que ele vai ler o teu e-mail (Aluno A).

O Aluno A descreve a importância do bom relacionamento principalmente com o tutor e isso implica em interações afetivas positivas. A partir desse bom relacionamento, diz que percebe que o que o aluno consegue ser melhor atendido em suas dúvidas, dificuldades. Ao sentir que o tutor está atendo às suas necessidades, o aluno talvez fique mais motivado para aprender e investir nos estudos.

O aluno C faz observações sobre a importância das trocas afetivas **entre colegas para facilitar a realização dos trabalhos**

É que eu acho assim: quando tu tens alguma afetividade com a pessoa, tu consegues fazer mais coisa no trabalho, é melhor. Tanto que tudo que eu conseguia fazer tinha a ver com o meu colega, porque a gente trocava idéias. Mas é porque a gente mora na mesma cidade, trabalha na mesma escola. Então, o que a gente fazia, trocava, ele comentava: "Tu vistes tal assunto, que legal?". [Tá, então esta questão da importância das relações afetivas na educação a distância?] Eu acho que é importante porque a relação de aprendizagem precisa ter isso (Aluno C).

Com relação à influência das trocas afetivas na **motivação e na aprendizagem**, o aluno escreve:

Eu me auto-motivo, mas tem pessoas que não têm essa capacidade de auto-motivação. Qualquer trancada ela é capaz de desistir. Então eu acredito que uma turma, um encorajando o outro: Não, não desiste, eu te ajudo! Acho que facilita bastante. [E o que te motiva?] Eu fiquei muitos anos só com o meu curso técnico. Eu trabalhava manhã e tarde e dava aula à noite. Nunca consegui fazer universidade. Aí, quando alguns anos atrás... bom agora está na hora de parar e me preocupar com a minha formação, então eu tenho alguns projetos nessa área de Educação a Distância. Por isso que eu

fico tão envolvido aqui com a EAD. Eu trabalho há muitos anos nessa área de Design e de programação e eu não tinha nenhum curso válido e isso é uma coisa que dificulta até uma relação com a empresa. Isso me motiva bastante, terminar rápido esse curso. E a outra é que eu estou pagando (Aluno D).

O Aluno D, embora não vivencie isso, pensa que as trocas afetivas são importantes na EAD para a motivação dos alunos.

5.5 PERCEPÇÃO ACERCA DA RELAÇÃO AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Ao investigar a opinião dos entrevistados especificamente sobre a relação entre aprendizagem e afetividade, em geral, as respostas foram unânimes tanto entre os tutores, quanto entre os alunos: todos percebem que as duas são interdependentes, como mostram os extratos a seguir.

Os tutores assim se manifestaram:

Para mim, a relação, ela é mútua, uma depende da outra, né? (Tutor A)

Há relação entre as duas: aprendizagem e afetividade. Bom, tanto com relação ao ensino a distância ou o ensino presencial, que elas não conseguem estar distantes, né? Porque eu acho assim... o professor, tanto o professor como o colega, se tu não tiveres aquela disposição, aquela vontade de estar ensinando, de estar buscando coisas que possam estar enriquecendo o teu aluno, o teu colega, se a afetividade não estiver presente tu não vais conseguir avançar, conseguir o teu objetivo: a construção do conhecimento do aluno. Tudo aquilo que tu fazes tem que fazer com dedicação, com amor, com vontade. Eu acho muito difícil estas duas coisas andarem separadas. (Tutor B)

Elas estão extremamente ligadas, eu acho, principalmente naqueles casos onde o aprendiz tem essa carência. O aluno que tem uma estrutura familiar boa por trás, não têm tanta necessidade disso, porque ele próprio já está bem estruturado e tu não precisas interferir muito, porque ele já sabe o que ele quer, ele já sabe, entendeste? [...] É uma coisa bastante complexa. Isso não é uma coisa tão trivial, mas que existe essa relação aprendizagem e afetividade, eu não tenho a menor dúvida. É uma relação forte e é necessária existir na educação. Não adianta só o professor frio ir lá, claro que a demonstração da afetividade pode ocorrer de várias formas [...]. Mas o jeito dele atuar deixa transparecer isso, a forma de demonstrar essa afetividade. Ela tem várias formas, cada um tem o seu jeito. (Tutor C)

Penso ser interessante comentar que, embora a relação tenha sido

reconhecida como importante pelos três tutores, o Tutor C acrescenta um elemento não mencionado pelos outros: a importância da afetividade para os alunos que ele denomina “carentes”, ou seja, aqueles que não têm uma “estrutura familiar boa por trás”, aspecto que havia sido exposto anteriormente.

O Tutor B descreve que a relação da aprendizagem com a afetividade ocorre em três situações, são elas: por parte do professor, ao buscar informações que enriqueçam seu aluno provavelmente esse professor tem prazer em ver seu aluno aprender e isso o move no seu trabalho; e por parte do aluno, ao buscar ajudar o colega, influenciando sua aprendizagem.

As opiniões dos alunos são apresentadas a seguir. Note-se, novamente, que os alunos B e D manifestam-se como professores:

Eu acho que é muito importante. O aluno, ele tem muito mais possibilidades de aprender, né? aquilo que realmente ele está tendo interesse, né? [...] porque, às vezes, tu ensinas e eles não aprendem, né? e hoje a gente tem, assim, convicto que eles, além de não estarem motivados, eles são muito desinteressados, mal educados, né? Então esta parte desse relacionamento afetivo professor-aluno é de suma importância, porque eles têm que gostar do professor, sentirem o professor como um amigo. A gente sabe, a gente também gosta disso e isso é muito difícil hoje [...] Então esta parte afetiva é muito importante: tu sentires, tu chegares perto do teu aluno, né? para a aprendizagem dele. (Aluno B)

é essencial, sabe. O aluno, ele tem que gostar do professor, de alguma maneira, ele gostar... Quando eu digo gostar, é esse envolvimento afetivo, de alguma coisa que o professor falou e ele se lembrou, de algo da vida dele, da casa dele, de alguém, de alguma coisa importante para ele emocionalmente. (Aluno C)

Eu tenho uma amizade muito grande aqui com os meus alunos, então tudo o que eu peço eles fazem. Até uma coisa que eu acho importante: aqueles professores que não têm essa interação, essa amizade, tudo que o professor faz eles levam à ponta de faca: o professor fez isso, o professor fez aquilo. Eles acabam te considerando um conselheiro deles. Então a minha relação afetiva com eles é assim, é grande. [...] Eles podem até não gostarem da matéria que eles estão vendo, mas se eles gostam do professor eles acabam interagindo muito bem. [...] Então essa relação, com certeza, influencia sim nas notas deles. (Aluno D)

eu acho que sempre tem que ter um ambiente bom para tu aprenderes, teu ambiente tem que ser o melhor possível, porque senão, tu não consegues aprender. [...] Aí tu tens uma dúvida; se não tens relacionamento, tu não chegas e pergunta para a pessoa, tu vais querer tentar resolver sozinho e, às vezes, tu demoras mais para aprender tendo que resolver sozinho. E com tutor é a mesma coisa: se tu não tens um bom relacionamento com ele, tu não queres perguntar para ele, tu queres tentar resolver o problema individual, aí ou tu não consegues, ou tu custa a responder, né? Às vezes no trabalho tu queres uma dica ali, às vezes é um colega que te dá a dica, ou o tutor de sala ou o tutor eletrônico. (Aluno A)

Percebe-se que os quatro alunos acreditam que, se há uma ligação de afetividade entre professor-aluno, isso influencia de maneira positiva a aprendizagem. É interessante notar, na fala do Aluno D, que ele aponta também para o inverso: se a ligação de afetividade entre professor e aluno for ruim, há reflexos negativos sobre a aprendizagem.

Ao investigar a opinião dos entrevistados acerca da relação entre aprendizagem e afetividade especificamente na Educação a Distância, obtive respostas semelhantes às dadas à questão anterior. Elas não incluem elementos novos. O Tutor A é o único que parece acreditar que a afetividade é mais importante na EAD do que na educação presencial, chegando mesmo a quantificar a influência da afetividade sobre o sucesso dos alunos.

[afetividade] na Educação a Distância se torna fundamental, né? porque o encontro é uma vez por semana, principalmente. Então se torna fundamental o relacionamento ou a afetividade dos colegas. Dali, 10, 15 % depende desse fator para progredir com o sucesso no mercado de trabalho e isso é fundamental nesse nível de ensino a distância (Tutor A).

5.6 PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE MOTIVAÇÃO PARA PERMANECER NO CURSO E REALIZAR AS TAREFAS E AS TROCAS AFETIVAS

Ao opinar sobre esta relação, os três tutores responderam que ela existe. Entretanto, os tutores A e C acrescentaram que motivação para permanecer no curso e realizar tarefas depende do aluno também. Inclusive, o Tutor C parece considerar a motivação intrínseca do aluno como o principal fator. O Tutor A, da mesma forma, refere-se à importância da estrutura do curso para a motivação do aluno, enquanto que o Tutor C enfatiza, na segunda parte de sua fala, a importância das trocas afetivas para a motivação mútua entre os alunos:

motivação é um critério individual, né? Nós sabemos que a motivação, ela pode existir tanto a distância como no ensino presencial. O que eu acredito é que, no ensino a distância, por ser um encontro semanal, por ter um relacionamento distante, mas ao mesmo tempo próximo, né? via tecnologia, eu acredito que a motivação depende desse sistema de aprendizado e interação dentro da sala de aula. E, outra coisa, depende também, para permanecer, depende que o aluno saiba que aqui o ensino não é brincadeira. (Tutor A)

O maior motivo [para os alunos permanecerem no curso] é eles aprenderem, terem uma profissão. Acho que é esse um dos motivos maiores: eles querem ser mais, eles querem melhorar, evoluir, vamos dizer assim, entendeste? (Tutor C)

um motiva o outro. O trabalho em grupo, um motiva o outro. Quando um está desanimado, o outro vem: “Vamos lá!” Os tutores também, quando vêem que a coisa tá meia... “Vamos lá! Que dia vai ser? Que grupo vai vir estudar? Vamos ajudar vocês! Vamos, que dúvidas há? Vamos tentar sanar!”, né? Então, por isso que eu acho importante aquelas tutoras. Porque todos estão desanimados, a tutora é que vai levantar a moral deles. Porque acontece, foram mal em uma prova, ou têm muita coisa para fazer. A maioria deles trabalham, chegam lá, estão cansados. Se não tem algo que motive, que cutuque, vamos dizer assim, vão desanimar. Sozinho é difícil. Acho que isso é natural. Sozinho é muito difícil continuar em um curso a distância. Tem exceções, tem alunos que realmente gostam de estar sozinhos, estar no canto deles e conseguem se organizar, mas a maioria das pessoas não gostam de estarem sozinhas. Eles precisam do outro, da motivação do outro, para se motivar e, de repente, amanhã o outro está desmotivado, mas ele está no pique. Isso passa, é contagioso isso. (Tutor C)

O Tutor B também dá relevância à função dos tutores como incentivadores dos alunos:

só tu mandares um e-mail no fim de semana: “Olá pessoal, tenham um bom início de semana!” não adianta nada. Só para tu te lembrares que tu és tutora. Acho que tu tens que levantar algumas questões: “Aí, como estão realizando as atividades?” Claro, aí tu pode até falar que tenham uma boa semana, mas tu tens que puxar por questões, tentar descobrir, ver se o grupo tá precisando de algum bate-papo, porque isso aí eles adoram (Tutor B).

Ainda em relação a isso, o Tutor B acredita que os alunos necessitam de um espaço nos cursos a distância para conversarem sobre outros assuntos e expressarem suas dificuldades e angústias. Nesse contexto ele argumenta, em relação aos “bate-papos” na EAD:

porque ali é o momento que eles têm, vamos dizer assim, para colocar as angústias, as dificuldades deles e ter um contato mais direto com os colegas (Tutor B).

Tenho ouvido professores de EAD dizer, ao se referirem às ferramentas de tipo “bate-papo”, que elas são importantes para que os alunos possam se conhecer e conhecer os seus professores. Eles dizem isso porque percebem, em suas experiências durante as sessões de “bate-papo”, que, muitas vezes,

os alunos acabavam conversando sobre outras coisas que não eram o propósito da comunicação que se estabeleceu. O Tutor B, relata que, para criar um espaço de conversa e de encontro *on-line* para os alunos, criou o que chama de “momento do cafezinho”

tanto que agora, no [Mídias na Educação] a gente colocou um fórum, assim, específico, para deixar para eles usarem para qualquer dúvida, para qualquer coisa que eles queiram. a gente sentiu a necessidade de eles terem um momento para eles. Teve um fórum tipo cafezinho, separado, que a gente criou... teve um módulo que a gente criou dentro dele, estilo cafezinho. Deixou assim: “Aqui é o horário do recreio, horário do cafezinho. Aqui vocês podem conversar, tirar dúvidas, mandar mensagem”. Ali sempre tinha mensagens, ali tinham mensagens de alunos que às vezes não participavam diretamente nas atividades. É aquela coisa: dentro da sala de aula, tu não tá quieto. Lá não está a fim de participar, ou não leu o conteúdo, não quer falar porque acha que, de repente, tu não vais contribuir... ao passo que tu saís para o horário do recreio, está todo mundo tagarelando, né? Contando uma novidade, isso ou aquilo. Então isso aí tem que ter no... esses momentos o ambiente tem que propiciar. Se não tiver, a gente tem que fazer (Tutor B).

Também acredito que o tutor deve saber como lidar com seus alunos *on-line* de forma afetiva para que as trocas aconteçam e para que os alunos realizem suas atividades. O Tutor B explica como fazer isso, principalmente com os alunos que têm dificuldades. Sua fala alerta, assim, para a importância da tutoria

[...] o aluno que tem dificuldade eu procuro sempre, vou vendo os trabalhos que são desenvolvidos, tento sempre que eles consigam enviar todas as atividades. Mas o que não está dentro do que foi solicitado, eu costumo dizer: “olha, teu trabalho não está totalmente errado”, ou “não era isto que foi previsto, não”. Eu sempre tento enviar ou às vezes devolver: “Olha, estou te enviando novamente. Acho que tu tens condições de acrescentar alguns pontos que a gente discutiu, tu tens condições de melhorar o teu trabalho, porque já em outras participações eu vi que tu colaborou com isso, com aquilo”. Então eu procuro despertar nele alguns pontos positivos, como forma de incentivar a melhorar e elaborar o trabalho. Mas nunca dizendo: “Olha, teu trabalho não é dentro do que foi previsto”. Sempre eu vou colocar assim, que aquilo que foi recebido, vamos dizer de uma maneira sem tentar lembrar o aluno, não desmotivar ele, porque a gente sabe que o ensino a distância é uma questão muito difícil, assim. Eles às vezes não têm persistência. Então enviam a atividade, não era isso, então não vou enviar mais. Então, eu sempre procuro dar uma orientada. Às vezes até oriento: Ah! tem o fulano e o sicrano, os colegas, que já enviaram o trabalho. Que tal trabalho é bem legal. Quem sabe dá uma olhada. Acho que tu tens condições de fazer um bom trabalho, tu tens condições de elaborar um trabalho de forma mais completa e tal”. Dessa forma, eu oriento. E aqueles que não fazem o trabalho eu estou sempre mando e-mail.

Se não tiver e-mail, tiver telefone, eu entro em contato pelo telefone quando há possibilidade, assim, de fazer um encontro presencial. (Tutor B).

O cuidado que o tutor mostra ter ao fazer seus comentários com relação às tarefas dos alunos é algo saliente e, na minha opinião, bastante importante, principalmente na EAD em que se enfrenta, constantemente, o problema da evasão.

Ainda sobre a relação entre as trocas afetivas e a motivação para permanecer no curso e realizar as tarefas, apareceram as seguintes idéias, por parte dos alunos, em relação à sua própria situação: os alunos A, B e C disseram que têm como objetivo chegar ao fim do curso devido a metas que eles próprios estabeleceram interiormente e que não dependem das trocas afetivas que venham a ocorrer nos cursos que freqüentam. O aluno A quer continuar seus estudos, fazer um mestrado; o Aluno B tem interesse em ter formação continuada, por ser licenciado em pedagogia; aluno D quer realizar projetos de trabalho para os quais a graduação que realiza a distância é pré-requisito. Entretanto, apesar de salientar a motivação intrínseca como fator de permanência no curso, o Aluno B fala que em educação nada se faz sozinho e que é preciso ter alguém com o mesmo objetivo para que o processo tenha êxito. Assim, ele ressalta a importância de ter um outro que ajude.

Bom, eu acredito assim que a gente só conclui aquilo que tu estás com o interesse em concluir, está motivado e que tu tens alguém... Porque a gente não faz nada sozinha, é muito difícil, né? Todo mundo com o mesmo objetivo para alcançar e essa motivação é muito importante. Se tu também não estás motivado, aí tu não vais chegar a lugar nenhum. Então eu acredito que existe esta relação da motivação e da afetividade e do interesse. A gente tem que ter um objetivo, uma meta a alcançar. Isso é importante. (Aluno B)

O Aluno A também faz comentários acerca do valor das trocas afetivas, ao descrever sua turma, no contexto da questão que está sendo discutida, embora ele atribua a motivação principalmente à causas internas:

eu acho que a minha turma é bem harmoniosa, no caso, a gente tem bastante afetividade com todo mundo, troca idéias. Às vezes a gente se reúne no intervalo vai ali, toma um refrigerante, uma cervejinha, um cafezinho. No final da aula também. Então, quer dizer que eu me relaciono bem com todo mundo. Faço as minhas atividades porque eu quero seguir, depois, na área de administração (Aluno A).

O Aluno C, por seu lado, mostra a relevância de ter um colega presencial em um curso a distância, para compartilhar experiências e auxílios.

Eu só terminei o curso conclui porque o meu colega estava junto. Porque aí, como eu estava travada em algumas coisas, eu não sabia o que fazer. Eu perguntava: “Tá e aí! Tu lestes tal texto? Não, eu não consegui” Eu não sabia o direcionamento de algumas coisas, como fazer. Ele me ajudou bastante eu realmente terminei o curso porque a gente fez junto e foi importante. Ele acabava [as atividades] ele comentava alguma coisa. Fica bom quando tu estás em um curso a distância e tem o presencial, que tu tens alguém para compartilhar. Essa é a diferença. Se eu tivesse fazendo sozinha, não sei se eu teria terminado (Aluno C).

Os quatro alunos mencionaram a importância das manifestações afetivas por parte dos tutores, sugerindo a importância de sua relação com a permanência no curso e realização das atividades

Eu achei o curso lá das meninas [tutoras] muito... pela parte delas elas foram afetivas sabe assim todo o possível depois no final a gente tirou foto e elas sempre muito abertas no primeiro dia não foi tanto mais ao longo do tempo que elas mandavam algum e-mail algum comentário sabe as vezes tu estavas meio devagar no curso elas mandavam alguma coisa te incentivando tu vias que aquilo era uma coisa afetiva também e até quando o curso terminou a gente pediu que se elas fizessem um outro a gente faria com elas se tivesse uma continuidade para aquele curso, porque o curso assim a liderança do curso que foram essas meninas do mestrado foi muito boa essas coisas assim [...] mas elas foram bem legais muito corretas assim (Aluno C).

acho assim que o papel da tutora, nessa parte afetiva, ela manda mensagem. Se ela dá um incentivo: “Ah não desistam!” isso aí é importante (Aluno B).

mas tem professores assim que são eficientes, por exemplo, com relação ao retorno de mensagens. Aquele “bom dia, quase todos os dias manda mensagens para os alunos e “obrigado”. Acho que isso desperta bastante essa parte afetiva com o professor eu noto que as mensagens que mandam no final do curso: “Professor você foi o melhor professor” e você nem conhece pessoalmente (Aluno D)

a afetividade influencia. Como eu te disse, é tu teres um bom afeto com o teu tutor eletrônico. Às vezes faz a diferença, né? [...] Se tu não tens dúvidas, tu não perguntas para ninguém, faz o teu trabalho ali, normal. Aí, se tu tens dúvidas, no meio do trabalho apareceu uma dúvida, aí tu falas com o tutor eletrônico ou com o tutor de sala (Aluno A)

O Aluno D ao descrever a troca afetiva *on-line*, relata que ela pode acarretar em representações das pessoas que estão a distância e que, muitas vezes, tais representações não são reais

Quando tu estas fazendo uma comunicação com uma pessoa via internet tu traças todo um perfil que as vezes não é nada daquilo, mas é essa visão que tu tens naquele momento até do próprio professor. Tem professores que a gente acha assim que sujeito antipático sabe quando tu já detestas o professor no primeiro dia, a primeira mensagem que ele te manda assim tu já monta o perfil do sujeito e as vezes não é nada disso (Aluno D).

Esse aspecto parece interessante porque, possivelmente, é baseado nesse perfil criado tanto pelo aluno como pelo professor, que as afinidades serão estabelecidas. Na educação presencial também muitas vezes criamos perfis sobre nossos professores e colegas que não são reais, mas acredito que na EAD é mais fácil imaginar características de alguém que não são reais. Dependendo da identificação do aluno com o perfil criado, haverá maior ou menor facilidade de interações e laços afetivos, o que sabemos que facilita a aprendizagem.

6 REFLEXÕES FINAIS

Nesta dissertação, em primeiro lugar, descrevi minha trajetória até chegar a Educação e à EAD. Sou formada em Ciência da Computação e me envolver mais a fundo na área da Educação e principalmente fazer uma dissertação nessa área foi um desafio. Este desafio contribuiu para meu crescimento, pois mesmo atuando na área do ensino técnico e tecnológico presencial, também estou envolvida com a EAD, já que trabalho como professora conteudista e tutora nessa modalidade de ensino, tanto em cursos de graduação como de extensão.

Penso que os resultados da pesquisa realizada (estudo piloto e estudo principal), embora não possam ser generalizados para todos os tutores, alunos e cursos de EAD, trouxeram contribuições importantes para quem está envolvido nessa modalidade de educação, na medida em que enriqueceram as informações sobre alguns dos aspectos relacionados às trocas afetivas e sua importância na aprendizagem e permanência nos cursos a distância, aspectos esses pouco estudados pelos pesquisadores da área.

Ao contrário do que as pessoas que não estão envolvidas com a EAD possam pensar, as trocas afetivas são possíveis nessa modalidade, embora, como comentam Martins e Batista (2006) e Serra (2007), essas trocas são produzidas de maneira diferente daquela que ocorre em situações presenciais (atualmente, isso é principalmente feito por meio das diferentes formas escritas, do uso de símbolos - como *emoticons* -, por exemplo, entre outras

formas). Na percepção de todos os entrevistados (assim como dos participantes do estudo-piloto), as trocas afetivas ocorrem sim, nos cursos a distância, em diferentes situações. Os tutores e alunos entrevistados disseram que essas trocas acontecem entre os alunos - nos encontros presenciais e em trabalhos em grupos - e entre os alunos e os tutores - tanto presencialmente como a distância. A essa percepção, os alunos acrescentaram a da presença das trocas afetivas entre colegas a distância, talvez por ser esta uma experiência vivida, e portanto percebida, pelos alunos e mais significativa para eles. Embora a possibilidade de trocas afetivas nos ambientes virtuais tenha sido apontada, parece que, tanto no estudo piloto quanto em algumas entrevistas, os contatos presenciais foram os mais enfatizados como geradores de tais trocas, dado que aparece também na pesquisa de Serra (2007). Talvez isso ocorra porque a EAD é uma modalidade nova, em que as formas de comunicação virtual estão ainda em desenvolvimento e transição, enquanto que a realização dessas trocas em contatos presenciais é algo comum.

Nota-se a importância atribuída aos tutores presenciais ou a distância, percebidos como responsáveis pela promoção das interações interpessoais que ocorrem na EAD, envolvendo trocas afetivas positivas e, conseqüentemente, a criação de vínculos com e entre os alunos. Esta idéia não consta nos trabalhos sobre o assunto e é importante no contexto da multiplicidade de funções docentes exigidas pela EAD e que são divididas entre vários profissionais, apontada por Belloni (2006). Os achados desta pesquisa parecem valorizar o trabalho do tutor, para além de organizar atividades e tirar dúvidas dos alunos. Portanto, acredito que os tutores devem ter especial cuidado em relação as suas atitudes frente aos alunos, refletindo sobre as mesmas, pois se pode pensar que elas têm grande potencial para influenciar as atitudes dos alunos em relação ao curso. Os tutores devem sempre atentar ao grau de participação de cada aluno, buscando resgatar aqueles menos motivados, mais distantes, menos participativos. É possível que esse comportamento seja entendido pelo aluno como sinal de afeto, de interesse, por parte do tutor e isso é fundamental para a motivação, impulsionando a aprendizagem discente. Em um ambiente marcado pelo afeto positivo, é mais fácil, também, expressar sentimentos e pensamentos com liberdade. Por outro

lado, um comportamento que denote falta de interesse, pode ter efeito negativo, inibindo a expressão e desmotivando o aluno.

Os entrevistados percebem que as trocas afetivas são importantes na EAD, assim como o são na modalidade presencial. Ao referirem-se aos pontos fracos da EAD, alguns entrevistados apontaram dificuldades de organizar trabalhos em grupo *on-line* e falta de interação entre professores e alunos, ocasionando o isolamento destes, o que é considerado um fator de evasão nos cursos. Quando explicam as razões dessa importância, apontam em primeiro lugar, o fortalecimento da motivação para melhorar a aprendizagem. Em relação a isso, constata-se, que as idéias de Vigotski (2003) sobre a relação entre afetividade e aprendizagem ainda se mantêm atuais, bem como o que escreveu Paulo Freire (1996) sobre esse mesmo tema. A extensa revisão de literatura realizada por Arantes (2007) também indica a importância da relação afetividade/aprendizagem. Um aluno motivado se envolve mais no que está aprendendo e, conforme os dados desta pesquisa, essa motivação é influenciada pelo bom relacionamento entre tutor e alunos e entre alunos. Esse bom relacionamento, gerado por intercâmbios positivos e permeados de afetividade, possibilitam a realização de trabalhos em grupo – tanto presenciais quanto *on-line* -, cujo papel na aprendizagem vem sendo também enfatizado por autores como Vygotsky (1982), Wells (2001), Lévy (1999), Palloff e Pratt (2004), Carvalho (2007), Kenski (2003), por permitir trocas de idéias e experiências, além de ajuda mútua.

Um segundo fator relacionado com a importância das trocas afetivas na EAD, mencionado pelos entrevistados e pelos participantes do estudo piloto, foi a motivação para permanecer no curso e a realização de tarefas. Todos os entrevistados percebem que é importante o aluno estar motivado para se manter nos cursos de EAD, pois estes exigem disciplina e esforço discente. Entretanto, é interessante observar que a grande maioria dos deles (tutores e alunos) aponta as motivações internas dos estudantes como o principal fator para a permanência. A idéia da importância da motivação interna ou intrínseca como fator que influencia os alunos a se manterem em seus cursos a distância foi apontada por Carvalho e Alves (2006) como fator inicial. As autoras acreditam, no entanto, que trocas afetivas (fatores extrínsecos), que criam um ambiente marcado por interações e laços de amizade seriam os fatores

principais nessa manutenção. Neste sentido, os dados desta investigação contrastam com os de Carvalho e Alves, pois dão ênfase às motivações intrínsecas.

Penso ser interessante comentar um dado que apareceu nos depoimentos corroborando os achados de Nascimento (2008). Sobre a importância da criação de espaços para as atividades tipo “bate-papo”: uma das pessoas entrevistadas mencionou também a importância desses espaços. Esse fato, ainda que apenas relacionado indiretamente com as trocas afetivas, confirma a importância delas na medida em que alerta para a necessidade de criação de um espaço onde elas podem acontecer.

Ao terminar e refletindo sobre o trabalho realizado, julgo que minha pesquisa talvez tomasse um rumo diferente se ao invés de professores e alunos de cursos distintos, tivesse dirigido minha coleta de dados a comunidade virtual de aprendizagem, pois, talvez, em tal comunidade fosse mais fácil investigar as trocas afetivas. Entretanto, por dificuldades de acesso, isso não foi possível de ser realizado. Pela limitação de tempo, não foi possível trabalhar com um número maior de sujeitos, o que também poderia ter enriquecido mais os achados desta pesquisa. Apesar dessas limitações, considero que a pesquisa trouxe elementos significativos para a discussão acerca da importância da afetividade na EAD, assunto que, por sua relevância, merece ser mais investigado em trabalhos futuros.

7 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962. 976p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006. 115p.

BRASÍLIA. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=61&Itemid=190>. Acessado em: 02 ago 2006.

BORBA, Jean Marlos P. Como desenvolver afetividade com o aluno de EAD. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=10566>>. Acessado em: 10 mar 2006.

CARVALHO, Adriana dos S. Caparróz; ALVES, Denisia de Souza. Motivação Em Cursos a Distância. Disponível em: ead.mackenzie.com.br/mackvirtual/file.php/7/moddata/forum/2091/14593/i-adrianacaparroz.doc>. Acessado em: 28 jul de 2006.

CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Os Múltiplos Papéis do Professor em Educação a Distância: Uma Abordagem Centrada na Aprendizagem. Disponível em: <http://www.techinfo.eti.br/bee/MULTPAPEAD.doc>>. Acessado em: 08 novembro 2007.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 12ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2004. 263p.

DAMIANI, Magda Floriana; GIL, Robledo Lima; PROTÁSIO, Michelle Reinaldo. A metacognição como auxiliar no processo de formação de professoras: uma experiência pedagógica. **UNIrevista (UNISINOS. Online)**, v. 1, p. 1-14, 2006.

DAMIANI, Magda Floriana. **Entendendo o Trabalho Colaborativo em Educação e Revelando Seus Benefícios**. No prelo, 2007.

FERNANDES, Synésio S. e outros. **Domínio Afetivo na Escola**. Rio de Janeiro: ER Editora, 1978, 105p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

FREITAS, Edna Caldas Lima; COSTA, Samuel Correia; FARO, Silene Nascimento. Onde está a motivação do Aluno...e a do Professor? 2003. 79f. Especialização (Informática na Educação)-Laboratório de Estudos Cognitivos-LEC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: **<http://pontodeencontro.proinfo.mec.gov.br/mono_edna.pdf>**. Acessado em: 05 mai 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999. 206p.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 2ª ed. Campinas: São Paulo: Papirus, 2003. 157p.

KRAMER, Érika A.W. Coester. **Educação a distância da teoria à prática**. Porto Alegre: Alternativa, 1999. 151p.

LAFORTUNE, Loise; SAINT-PIERRE, Lise. **A Afectividade e a Metacognição na sala de aula**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 294p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999. 260p.

MARTINS, Márcio; BATISTA, Lúcio José Carlos. Uma Busca da Presença da Afetividade nas Mensagens de um Ambiente Virtual. Disponível em: **<<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/015tcf4.pdf>>**. Acessado em: 13 de outubro de 2006.

MINAYO, M. C. de S. 1992. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed., São Paulo - Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 269p.

MORAN, José Manuel; Masetto, Marcos T.; Behrens, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8ª ed. Campinas: São Paulo: Papirus, 2000. 173p.

_____.Educação inovadora presencial e a distância. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov_1.htm>. Acessado em: 03 jan 2006a.

_____.O que é Educação a Distância. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm>>. Acessado em: 23 jun 2006b.

_____.O que é um bom curso a distância? Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/bom_curso.htm>. Acessado em: 23 jun 2006c.

_____.**A educação que desejamos:novos desafios de como chegar lá.** 1ª ed. Campinas: São Paulo: Papirus, 2007. 173p.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; SILVA, Roberta Scaramussa da; BARBOSA, Paola Vargas. Dimensão Sócio-afetiva da Interação à Distância. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~sbie2001/figuras/artigos/a288/a288.htm>>. Acessado em: 13 jan 2008.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione,1997. 111p.

OLIVEIRA Marta Kohl de; REGO, Tereza Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. IN: ARANTES, Valéria Amorim (org). **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003, p.13 a 34.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno Virtual – um guia para trabalhar com estudantes on-line.** Porto Alegre: Artmed, 2004. 216 p.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição.** São Leopoldo: Unisinos, 2003a. 400 p.

_____. **Didática do Ensino a Distância.** São Leopoldo: Unisinos, 2003b. 400p.

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza; MARTINS, Onilza Borges. In Curso de formação em educação a distância. Módulo1. Unirede e Universidade Federal do Paraná, 2000. Fundamentos epistemológicos da educação a distância. Disponível em: <www.ricesu.com.br/colabora/n5/artigos/n_5/id02e.htm>. Acesso em: 27 mar 2007.

SALTINI, Cláudio J. P., **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: DP&A Editora,1997.142p.

SERRA, Daniela Tereza Santos. Afetividade, Aprendizagem e Educação Online. Disponível em: <

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf.
Acessado em: 20 nov 2007.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **As implicações das emoções, dos afetos e dos sentimentos na Prática Pedagógica a partir da psicologia sócio-histórica.** IN: XIII ENDIPE, 2006, Pernambuco. p.1-12.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21472.pdf> <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21472.pdf>. Acessado em: 12 ago 2006.

VEIGA, Marlene Teresinha Zanotto da; WEIDUSCHAT, Iries. A Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem. Disponível em www.icpg.com.br/hp/revista/download.exec.php?rpa_chave=16b4bf61461ec647ff34. Acessado em: 08 nov 2007

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001. 561p.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003. 311p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento Y Language . In: _____. **Obras Escogidas II.** 1.ed. Moscú: Editorial Pedagógica, 1982 p. 287-348.
SEED- Secretaria de Educação a Distância. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=153&Itemid=290>. Acessado em: 13 fev 2007.

UAB - Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: <http://www.uab.mec.gov.br/>. Acessado em: 05 mai 2006.

WELLS, Gordon. **Indagación Dialógica: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación.** Barcelona: Paidós, 2001.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista de professores/alunos

- 1 Dados pessoais (sexo, idade, formação)
- 2 Falar sobre a estrutura do curso no qual está envolvido (área, nível).
- 3 Pontos fortes e fracos da EAD
- 4 Percepção sobre a presença de trocas afetivas no curso no qual está envolvido (situações/exemplos)
- 5 Percepção da importância das relações afetivas na EAD.
- 6 Relação entre aprendizagem e afetividade
- 7 Relação entre aprendizagem e afetividade em EAD.
- 8 Relação entre motivação para permanecer no curso e realizar as tarefas e as trocas afetivas que nele acontecem

Apêndice B - Questionário Piloto

1 Com a tua experiência na Educação a Distância percebes alguma presença de afeto ou o processo é puramente formal:

☐ Sim ☐ Não

2 Se caso positivo dê exemplos de situações em que houve a troca de afetos, de interações afetivas.

3 Qual a importância das relações afetivas na Educação a Distância?

4 Qual a relação entre motivação, para permanecer no curso e realizar as tarefas, e as trocas afetivas que nele acontecem?

ANEXOS

ANEXO A - ENTREVISTA DO ALUNO B

1- Então tu poderias dizer a tua idade e formação?

Cinqüenta e seis anos. Sou pedagoga, tenho o curso de Ciências Sociais Licenciatura Curta e Sou aposentada em 40 horas e estou na ativa em 20 horas que trabalho no laboratório de informática.

2- Fala um pouco da estrutura do curso a distância do qual participaste. Já tinhas feito algum curso de Educação a Distância?

Não eu não fiz, nunca tinha feito até achei interessante o que eu achei de difícil foi o tempo, né? Que eles dizem que são cinco horas aulas semanais, só que na verdade são bem mais, né? Para a gente estudar realmente, né? Se aprofundar a gente precisa de mais horas. **Como é o nome do curso que tu fizeste?** Mídias na Educação, o ciclo básico. **Como era a estrutura do curso?** Eu tinha uma tutora e tinha a coordenadora geral e nós éramos divididas em turmas, né? E a tutora é que coordenava o nosso trabalho e a gente entrava em contato com os colegas, né? Muitas vezes fazia trabalhos em grupos, né? Tudo através da internet. **E tiveram encontros presenciais?** Tivemos um, no início e, depois, um no final do curso, né? Que é uma das coisas assim que a gente também tem mais dificuldade porque... porque eu encontrei isto, porque no final do curso que eu tive que montar um projeto, né? Eu fiquei com uma moça de Herval e três de Santa Catarina, entendesse? Então às vezes não coincidem os teus horários disponíveis e os horários deles, né? Para tu poderes entrar em um bate-papo, né? E poder trocar idéias, aí fica aquela história, tu mandas recado e as pessoas mandam de volta. A gente montou o projeto, assim, essa é a dificuldade, se tu tivesses uma pessoa mais perto, tu poderias assim eu vou ter um encontro presencial com o grupo, né? Vamos discutir, né? Esta foi a dificuldade, mas deu tudo certo, né? Claro que aí demora bem mais tempo para a gente fazer isso. **E as atividades como eram, tu colocavas lá no ambiente?** Eles te passam a tarefa, eles te dão o conteúdo do módulo, aí tu estuda, né? Têm vídeos também que a gente assistiu os vídeos, têm os textos, né? E aí a gente estuda aqueles textos e depois têm as

atividades relacionadas aquele assunto né? Muitas vezes a gente tinha que montar projeto e também aplicar esses projetos na escola né? No início foi mais assim, atividades depois a gente começou a montar o projeto e aplicar o projeto. Foi uma das coisas que também eu tive um pouquinho de dificuldade, porque como eu não tenho sala de aula, eu trabalho no laboratório de informática, também não que fosse tão difícil encontrar parceiras na escola, né? Que não estavam fazendo o curso para que eu conseguisse montar o meu projeto. **Por que aqui no laboratório os alunos vêm quando querem é assim ou eles vêm aplicar trabalhos?** Aqui no laboratório é assim: o professor programa alguma atividade né, da sua sala de aula e complementa com a tarefa no laboratório ou eles vem também como pesquisa né? Eles vêm montar trabalhos coisa assim aqui no laboratório. Mas é independente do meu trabalho, que eu estava fazendo a distância, entendesse? Então eu tinha que ter alguém parceira que tivesse sala de aula para eu executar o meu projeto. Não foi assim muito difícil até porque eu estou bastante tempo aqui na escola, entendeu? Só que... se tu estás na tua sala de aula é muito mais fácil né?, Porque tu conheces o teu aluno, tu sabes como tu vais aplicar o quê ...só que eu não conhecia os alunos, então ficou um pouco difícil.

3- No teu ponto de vista, quais são os pontos fortes e pontos fracos da Educação a Distância?

Eu acho assim que os conteúdos são assim muito bons né? A parte de bibliografia que eles nos fornecem né? Muito bom só o ponto fraco eu acho que é o tempo realmente né? Até porque a distância poderíamos ter mais tempo né? E também essa dificuldade da gente entrar em contato com os colegas né? Porque aí a gente trocava através do MSN, através do bate-papo que era marcado né? Mas às vezes por exemplo marcava às 21:00 horas e tinha alguém que trabalhava à noite, tu entendes? então ...aí já fica difícil...andaram marcando às 16 h, mas também 16 h? Então fica meio complicado. Como as dificuldades eram por parte da tutora, sem problemas de ... ela tu podias passar um e-mail. Eu tive uma ocasião em janeiro que ou melhor dezembro eu quebrei os pulsos, os dois pulsos e a gente ainda estava em curso não teve problema, eles me deram mais prazo de entrega, né? Até o médico deixar que

eu pudesse mexer com os dedos, tinha um período que eu não podia nem fazer isso...eles me deram prazo de entrega, né? De trabalhos só que claro ...e ela foi excelente assim, né? Ela me passava e-mail, me incentivava que eu não desistisse, nesse ponto eu acho assim que o papel da tutora é muito importante, né? E eu acho assim que agora todo mundo está fazendo esses cursos a distância e a gente ouve assim comentários “ah cursos a distância isso não aprende nada” isso se ouve muito, mas eu acho assim que eu cresci muito como pessoa, inclusive, assim ...a maneira de tu escreveres, de tu te expressar, eu acho que isso aí para mim foi muito bom, porque o que faz o curso a distância, tens que ler, né? Sozinha tu tens que elaborar o texto de resposta ou para a tua colega ou para a tua tutora, né? Ou para uma tarefa e aí tu tens que ir a busca, né? Como que tu vais desenvolver isso então aí te leva a estudar, porque se tu não estuda, se tu não lês os teus conteúdos, como é que tu vais ter embasamento di...então eu acho que neste sentido eu cresci muito e gostei, mas não sei se isto vai depender de cada aluno né, não sei como é que funciona. **Lembras de mais algum ponto forte ou ponto fraco?** Ponto fraco, a falta de tempo é muito pouco tempo e dificuldade de poder conversar com os colegas no mesmo horário porque às vezes não coincidia, porque às vezes eu estava livre na quarta e o meu colega não estava. **Tu dizes em relação aos grupos?** Aos grupos, porque as atividades muitas eram feitas individuais, mas por exemplo, é o último, os últimos mesmos todos em grupos, entendeu? Então aí dificulta...aí dificulta. Aqui na escola nós éramos sete, quando começamos a fazer o curso e só ficou eu, todo mundo foi desistindo. Desistindo porque as pessoas ou trabalhavam 40 horas e não conseguiam, né? Fiquei eu e outra colega e eu até ajudei bastante ela e ela nem era da minha turma, era de uma outra turma, né? E a gente se reunia assim para debater e montar as respostas juntas, mas ela não conseguiu, ela desistiu disse que não dava né? Aí eu fiquei sozinha na escola, entendesse? Então isso dificulta inclusive no projeto final, até para montar os grupos, né? Porque nós precisávamos de um grupo que montasse um projeto e executasse o projeto nas diferentes realidades, esse foi o projeto final do ciclo básico, então tu tinhas que ter contato com as pessoas. Aqui o pessoal foi muito parceiro, porque duas colegas elas se engajaram comigo no projeto, montei o projeto, elas estavam interessadas e aí a gente concluiu, né? Inclusive a gente continua, a gente vai

até o fim do ano com o projeto, né? Com as outras colegas. E essa moça de Herval também ela fez alguma coisa, mas o pessoal de Santa Catarina, eles tiveram problema de paralisação, né? Mas também fizeram, parece que agora eles iam continuar o projeto. Ficaram de nos mandar alguma coisa para a gente concluir, né? Ver como é que ficou, né? Porque na verdade a gente já entregou o trabalho todo, né? E a parte de apresentação foi feito em Santa Catarina primeiro do que aqui, então aí eu troquei imagens e o PowerPoint e tal e uma das dificuldades que a gente encontrou no programa do curso foi a gente colocar as imagens, sabe ele tinha um limite, então, aí a gente tinha que mandar aos poucos, sabe, claro que para nós aqui é fácil, porque aí a gente colocou num cd, chegou lá e apresentou, né? Na nossa apresentação, no encontro presencial, né? Só que para o pessoal que estava lá em Santa Catarina eu tive que mandar aos poucos e mandei até por e-mail, porque eu não consegui mandar e enviar pelo ambiente, né? Alguma coisa ficou no ambiente. Na verdade o curso que orientava que a gente tinha vários espaços no ambiente que era para fazer essas trocas só que isso aí a gente teve dificuldades do ambiente, inclusive, agora, uma das coisas ...que está começando o intermediário, todos também encontraram essas dificuldades no ambiente que eles dizem que agora vai ser melhor, vamos ver. É que a máquina, tu sabes, não é muito fácil, né? Inclusive agora a gente tem um cafezinho que eles chamam então é assim é onde é uma coisa mais descontraída onde a gente pode conversar e fica conhecendo um ao outro. **E é chat ou é fórum?** Não. É fórum. Então às vezes aparece o que tu colocas com a fotografia da outra então é um problema do ambiente do recurso, de vez enquanto tu perdes alguma coisa, daí eles conseguem recuperar, mas eu achei bem interessante eu até disse que não ia continuar, né? O curso até porque eu já com 56 anos né, meu marido me cobra muito nesse sentido assim é o horário que eu fico em casa, porque às vezes as 5 horas semanais que eu procuro fazer as tarefas não dá, ou ambiente não está funcionando...mas ele cobra, ele incentiva, faz parte.

4- A percepção que tu tens das trocas afetivas no teu curso (situações/exemplos).

Eu acho assim, eu acho que até é mais fácil essa troca afetiva no ambiente eu acho que a gente tem mais liberdade de colocar para o colega né? **Por que tu sentes assim?** Eu não sei o porquê. Eu acho que a gente é mais aberta nesse sentido, né? Tu colocares para a colega, porque tu colocas mesmo que a pessoa não tenha entendido, ela consegue te responder, entendeu? “ah isto eu não gosto” né? Eu acho que deveria ser assim e às vezes, no presencial, as pessoas não dizem, né? E isso aí eu tenho experiência porque como a gente sempre esteve envolvida com projetos na escola eu sinto isso inclusive nesse projeto que é o mesmo que a gente fez e que está dando continuidade né? Nós tivemos mais pessoas que quiseram participar e nós abrimos, né? Interdisciplinar todas as pessoas que podem que estão dispostos a gente acolhe, né? e às vezes nós fizemos as reuniões e aí as pessoas não colocam tudo o que pensam, né? Inclusive várias vezes eu digo “e porque tu não colocou isso, se tu estavas pensando isso” eu acho que no ambiente é mais fácil, né? Tu colocas, tu não estás olhando no olho, eu sinto isso, ao menos eu não tive problema nenhum com o pessoal do grupo, até porque eu nem conhecia o pessoal de Santa Catarina também, mas eles foram assim excelentes, mandavam idéias, né? Aí colocavam quem sabe tu fazes assim, diferente né? E a moça aqui de Herval ela me chama a “ a Senhora” então eu disse para ela não é mais para me chamar de senhora e agora nós nos encontramos em um outro curso e ela disse “eu não posso te chamar de senhora”. Mas eu acho que é mais fácil essa abertura no ambiente. Bom já respondi as duas aí. **A percepção da importância das relações afetivas na EAD.**

6- Qual a relação que tu vês entre aprendizagem e afetividade sem ser na EAD?

Eu acho que é muito importante o aluno, ele tem muito mais possibilidades de aprender né? Aquilo que realmente ele está tendo interesse né? E no momento que o professor é transmite ou através da sua afetividade, a importância daquilo para o aluno com certeza a aprendizagem vai ser bem mais certo que ele vai aprender, porque às vezes tu ensinas e eles não

aprendem, né? E hoje a gente tem assim convicto que eles além de não estarem motivados eles são muito desinteressados, mal educados, né? Então essa parte desse relacionamento afetivo professor-aluno é de suma importância porque eles têm que gostar do professor, sentirem o professor como um amigo, a gente sabe, a gente também gosta disso e isso é muito difícil hoje. Agora uma pena é que eu acho que na escola pública falta esse trabalho com os professores, né? Para o professor tomar conhecimento de novas técnicas sabe, eles ficam muito apegados ao que aprenderam há 30 anos ou 20 né? E têm dificuldade de entender o nosso aluno e a gente sabe que, na nossa escola pública, nós temos várias realidades, né? E isso aí má...às vezes a gente se depara, agora mesmo nesse projeto nós nos deparamos com um menino que ele estava pedindo socorro no texto dele e aí a professora achou um horror ele ter feito aquele texto aí nós tentamos mostrar para a professora que ele, na verdade, o texto dele não estava como ela queria que estivesse escrito né? Mas era o que ele tinha para passar, né? E ele estava pedindo socorro então esta parte afetiva é muito importante, tu sentires, tu chegares perto do teu aluno, né? Para a aprendizagem dele.

7- Qual a relação que tu vês entre aprendizagem e afetividade na EAD?

Eu acho que é importante, né? Até porque isso é bem claro porque aquela que tu te identificas melhor né? Aquela colega, né? Que tu te identificas melhor, tu tens mais facilidade de trocar experiência né? Do que a que é mais fechada, eu particularmente sou muito até parece que eu sou muito falante, mas eu não sou, eu fico meio constrangida às vezes, né? Então tenho dificuldades depois que eu começo e que eu entro aí tudo bem, né? Mas eu custo um pouquinho, eu sou um pouquinho antipática como dizem as minhas filhas, né? Assim no primeiro momento, né? Mas depois sim tudo bem. E acho assim que o papel da tutora, nessa parte afetiva, ela manda mensagem se ela dá um incentivo “ah não desistam” isso aí é importante. **Ainda mais tu que tiveste problemas nos pulsos?** Com certeza, até porque eu estava emocionalmente eu estava bem abalada eu até estava em casa tinha todo o tempo do mundo, né? Para fazer as coisas, mas emocionalmente era meio complicado porque eu não conseguia fazer nada sozinha, né? Até que depois

eu comecei a digitar, daí eu digitava um pouco cansava e a tutora mandava dizer assim “faz assim quem sabe”, então eu acho que foi bom.

8- E relação entre motivação para tu permaneceres no curso e realizar as tuas tarefas com as trocas afetivas que tu tiveste?

Bom eu acredito assim que a gente só conclui aquilo que tu estás com o interesse em concluir, está motivado e que tu tens alguém porque a gente não faz nada sozinha é muito difícil né? Até porque como é que eu vou desenvolver um projeto, imaginar um projeto se eu não tenho alunos, se eu não tenho um colega que vai fazer parceria comigo né? Então Educação se faz em conjunto né todo mundo com o mesmo objetivo para conseguir alcançar e essa motivação é muito importante se tu também não estás motivado aí tu não vais chegar a lugar nenhum então eu acredito que esta relação da motivação e da afetividade e do interesse. A gente tem que ter um objetivo uma meta a alcançar isso é importante. **Qual era a tua meta nesse Curso?** Sabe que eu gosto, né? A verdade assim eu gosto, eu não tenho pós-graduação, né? Eu fiz estudos sociais eu trabalhei muitos anos com história aí depois eu fiz pedagogia porque eu senti assim a necessidade desse relacionamento desta descoberta com o aluno, sabe eu senti essa necessidade e aí eu fiz pedagogia. Realmente foi onde eu me realizei como pedagoga e depois eu trabalhei vários anos como professora de História onde eu montava projetos sempre incentivava os alunos eles descobriam quais os talentos que eles tinham então isso aí foi importante para mim. E como eu tinha as crianças pequenas e trabalhava sessenta horas então eu nunca fiz uma pós-graduação, né? Então como agora eu estou só com 20 horas então surgiu a oportunidade que eu possa fazer o intermediário e depois... às vezes até eu fico pensando assim eu vou me aposentar em já em seguida porque, mas eu acho que é uma realização pessoal, né? E é uma coisa assim que eu gosto, eu gosto de trabalhar com o computadores por exemplo: filmes passar filmes e trabalhar com o aluno, né? o que ele viu de bom, o que aquele filme mostrou-se. Então todos esses recursos audiovisuais que a gente pode utilizar na sala de aula e também ajudar os outros colegas, né? Que estão na sala de aula.

ANEXO B - ENTREVISTA DO PROFESSOR C

1- Podes dizer a tua idade e a tua formação?

Tenho trinta e sete anos e sou Licenciada em Matemática e mestre e doutora em Engenharia da Produção na área de Inteligência Artificial.

2- Fala um pouco da estrutura do curso que tu trabalhas em Educação a Distância, o que tens de professores, atividades?

Temos professores que produzem materiais didáticos, que são professores da própria UFPel e de outras Universidades conveniadas com o projeto aqui. Temos os tutores que trabalham na sede, que são os tutores a distância, e temos os tutores que trabalham nos pólos, que são os tutores presenciais, cada pólo tem um coordenador de pólo, né? E os professores que aqui atuam diretamente na execução das disciplinas daí não só na produção de material didático, eles atuam diretamente com tutores sem haver esta assim uma discriminação, entendesse? Eles trabalham da mesma forma, eles vão para o pólo dar aula, no caso videoconferência têm assim o mesmo nível de atuação praticamente assim. A única diferença é que os tutores têm que corrigirem as provas, eles elaboram, a gente só revisa, mas no contexto geral eles têm as mesmas funções, vamos dizer assim está no mesmo nível de hierarquia, vamos dizer assim. **Como são as atividades e avaliações dos alunos?** As avaliações seguem semelhantes ao presencial, no mínimo, duas avaliações presenciais em cada disciplina. **No Pólo mesmo?** No pólo mesmo. Quem assiste, cuida as provas são as tutoras de lá elas lacram, mandam de volta, a gente corrige, manda as notas para eles, têm as atividades que são cobradas também que tem uma porcentagem na nota e mais uma avaliação que as tutoras locais fazem que valem um por cento da nota também como elas estão direto em contato com os alunos também conhecem um pouco melhor o processo como um todo, então, tem uma nota que elas dão que considera 10% da nota do aluno se passar tem a média se não passar tem exame. A estrutura

geral é a mesma da UFPel do presencial. **E vocês trabalham com qual ambiente?** Moodle desde o começo.

3- Na tua visão, quais seriam os pontos fortes e pontos fracos da Educação a Distância no geral, que tu vês?

Bom os pontos fracos, eu diria talvez seja ainda a questão da capacitação ainda não temos profissionais com consciência suficiente para trabalhar em um curso a distância, nós temos aqui no curso professores que já vestem a camisa já sabem como lidar com o curso a distância, mas ainda têm aqueles que não são tão presentes vamos dizer assim e eu acho que o ensino a distância requer um professor mais presente porque tem que estar abrindo o ambiente todos os dias ver se algum aluno deixou alguma mensagem se tem alguma dúvida, mas têm professores que ainda não fazem isto, a gente consegue contornar isto via tutores cada disciplina tem um tutor que fica 24 horas, 24 não, mas entre aspas todo o tempo monitorando isto, mas alguns professores ainda não entenderam este processo ainda que é extremamente importante.

Na parte dos alunos, também ainda têm alunos que não caiu ainda a ficha de que eles têm que estudar, porque não é porque é a distância que o curso ele vai e não precisa estudar. Ele precisa estudar igual ter uma dedicação mínima de quatro horas por dia que a gente tem que exigir dele, se ele segunda não estudou às quatro horas na terça ele tem que estudar oito para não acumular então têm alunos que ainda não entenderam isto aqueles que entenderam estão indo super bem no curso. Então eu acho ainda o ponto fraco ainda é a conscientização de que o ensino a distância o objetivo é o mesmo do ensino presencial que a aprendizagem do aluno né e aqui requer um professor mais presente, não que no presencial não queira agora que no fato que no presencial o professor é obrigado lá estar apto para cumprir os horários da aula presencial né no a distância tem alguns professores que ainda não entenderam que eles também têm que estarem ali, que precisam de um tempo dedicado a isto e talvez um pouco maior a dedicação do professor eu acho, tem que ser maior que no presencial porque na realidade o aluno pode colocar dúvida a qualquer momento e é bom que ele não leve mais que vinte e quatro horas para receber uma resposta senão ele vai desanimar como no ensino a

distância respeita mais o tempo do aluno né, então alguns professores não entenderam isto ainda e alguns alunos também não entenderam que tem que estudar, que não é brincadeira que não é um curso fácil. **E o ponto forte então?** Eu acho assim que o ponto forte é exatamente esta liberdade. Ao mesmo tempo que tem mais liberdade ele é mais controlado. Todo o material está disponível no ambiente de aprendizagem as pessoas têm acesso, os tutores têm acesso tudo escrito o que o professor falou a resposta no fórum está escrita então tem que ter mais cuidado com o que ele fala, o aluno tem que ter mais cuidado com o que escreve, né? Vai estar tudo registrado isto eu acho interessante, né? Que o professor toma mais cuidado e o aluno toma mais cuidado também, né? A questão da liberdade de horário acho que isto é bastante importante, né? Para os alunos principalmente os que trabalham estas coisas todas. Outro ponto forte é levar o ensino a distância para pessoas que jamais poderiam fazer um curso a distância, um curso de graduação se não chegasse o curso lá, né? Eu vejo assim hoje no presencial nós temos 120 alunos no curso a distância começamos com 120 alunos, hoje nós já temos 600 alunos, lógico nem todos vão se formar não vai ter uma grande desistência, vai por quê? Porque ainda não tem esta consciência dos alunos que tem que estudar estas coisas todas e nem todo mundo nasceu para fazer o curso de matemática e talvez não se encontre estas desistências tem vários motivos a gente percebe a desistência que aconteceu até hoje é porque realmente não era o curso que queria, porque tem que trabalhar e não tem tempo para se dedicar mesmo tendo esta liberdade de horário, de estudo têm pessoas que trabalham e não têm condições de achar este horário para estudar e não vai para frente ou não sabe se organizar e este é um outro ponto extremamente necessário no ensino a distância o aluno tem que ser muito organizado, disciplinado para montar seu horário porque senão passa a semana e ele não faz nada e como ele não tem que cumprir horário presencial certo ele que tem que fazer seu horário e ele fazer cumprir este horário que ele determinou que às vezes não acontece. **Então estás dizendo que por isso que aconteceram as desistências, por causa desses fatores?** É por esses fatores. Até agora foi o que a gente percebeu, alguns que se mudaram de cidade, por exemplo, teve alunos excelentes que se mudaram complicado até a gente tentou manter o acompanhamento, mas não funcionou por o apoio das

aulas presenciais acabam motivando o aluno. O aluno foi lá para o Mato Grosso e perdeu o contato com o grupo e tudo isso é importante no processo, ficou sozinho lá teve que estudar sozinho embora tivesse todo o apoio daqui a distância né ele acabou eu acho se desorganizou eu acho, era um cara muito bom e acabou desistindo por causa disso. Tem aqueles que ficaram doentes e não puderam mais voltar, outros tiveram filhos não teve mais como arranjar tempo, têm alguns fatores assim e têm aqueles que não se encontraram mesmo pensaram que era um passeio e falaram isso mesmo pensaram que era isso e desistiram. **Tem mais algum ponto forte ou fraco que tu te lembres assim?** Um dos pontos não que isso não possa ser levado para o presencial, mas aqui o aluno sai mais autodidata, acho que o que ele aprende ele aprende melhor eu acho, os alunos estão assim me surpreendendo assim os alunos que estão levando a sério realmente, eu estou dando uma disciplina agora em bacharelado de matemática e eles têm que participarem de fóruns e eu vejo que eles estão escrevendo bem, eles estão pegando o espírito do curso, entendesse? Bem eles estão no quarto semestre já pegaram assim coisa o que é ser professor o cuidado que eles têm que ter, eles vão aprendendo, tem uma resposta bem positiva, então ele aprende a escrever e a se comunicar melhor, ele tem que escrever, ele tem que colocar em palavras o que ele pensa e o que ele sente, o que ele pensa das coisas sobre o ponto crítico e isso eu acho que ajuda bastante no desenvolvimento do aluno, né? O domínio das tecnologias, porque ele sai dominando as tecnologias então é outro ponto forte do curso a distância e não necessariamente...poderia ter no presencial também, né? Até esta questão do aluno ser autodidata a gente percebe que tem aluno que busca, que vai atrás, que resolve, que pesquisa que vai além da sala de aula, porque tem aluno na sala de aula que também se destaca. Só que aqui no curso a distância isto é necessário não é só para que ele possa seguir adiante.

4- E qual a percepção que tu tens sobre a presença das trocas afetivas no curso no qual tu estás envolvida e me diz algumas situações em que aconteceram isto?

Eu acho que as trocas ocorrem assim bastante ...com naturalidade é necessária a gente percebe isso a presença dos tutores nos pólos a motivação delas é extremamente importante para que os alunos se motive a gente percebe isto claramente nos três pólos tem características próprias de cada pólo a questão relação tutor aluno do pólo é extremamente importante de ver o grupo que vai bem é aquele grupo que está sempre unido que está trabalhando em grupo que a tutora chama, aquele grupo onde o tutor não está vestindo a camisa de fato não está desenvolvendo tanto isso reflete nos alunos a gente percebe isso. Tem aqueles alunos que acabam elegendo um tutor para eles vamos dizer assim então sempre eles procuram um o outros depende do perfil, né? De cada aluno, né? Procuram um ou outro professor ou um ou outro tutor tem alunos que procuram mais tem alunos que procuram menos, tem alunos que procuram mais o João, tem alunos que procuram mais a Taís, tem alunos que procuram a Silvia ah tem aluna presencial manda a Silvia a outra a não manda a Taís entendesse porque tem essa afinidade maior então aqui outra vantagem do ensino a distância agora que eu me toquei falando isso é exatamente ter essa liberdade de até ter a quem recorrer de acordo com o teu perfil, porque no presencial tu tens uma disciplina lá com tal professor e tu vais ter que recorrer a ele e muitas vezes os gênios dos dois não são compatíveis e não vai dar certo aconteceu eu já vi isto é normal acontecer e na distância como tu tens um tutores que geralmente atuam em todas as disciplinas na matemática para todas eles atuam eles acabam recorrendo a aqueles que eles tem mais afinidade que eles conseguem se comunicarem legal e isso eu acho interessante. **E tu te lembras de alguma situação assim que te chamou atenção ba, mas aconteceu comigo assim alguma situação de troca?**

Várias vezes, eu tinha um aluno que ele desistiu do curso porque ele fazia um outro curso o curso de letras em Santa Maria e trabalhava e tinha um monte de atividade e depois foi transferido da cidade onde ele morava, que era militar e que também saiu tipo assim de madrugada a gente discutindo coisa de matemática, filosofando, discutindo outras coisas, né? Era muito interessante de madrugada isto acontecia, pois logo que começou o curso eu trabalhava bem mais do que hoje que a coisa estava sendo estruturada ainda então eu

ficava muitas vezes até mais tarde e ele entrava de madrugada para estudar então a gente ficava discutindo assim era bem interessante.

Outro dia mesmo eu tenho um aluno que é bastante carente assim todo mundo percebe ele tem a Silvia como professora dele predileta assim, né? Acho que ela dava mais atenção era carinhosa ele mora sozinho ele tem mais de 25 anos já, mas ele é carente tu percebes e outro dia eu conversando com ele, ele perguntou uma coisa e eu comecei a conversar com ele perguntou do meu filho como é que ele estava porque ele tem diabetes e eu falei normal com ele assim e ele disse sabia que eu tenho uma filha e eu não sabia que ele tinha uma filha é um aluno nosso e eu não sabia que ele tinha uma filha, né? Olha que legal daí ele foi me falando e tal e aí ele agradeceu por ter falado comigo e que tinha chorado falando comigo no MSN e agradeceu muito por eu ter dado atenção para ele e tu percebes que ele é carente, né? E ele vivia tentando sabotar a videoconferência assim que ele entrou no curso ele era o problema ele dizia que era o Hacker e queria saber de tudo e na verdade ele não era tudo isso, mas ele estava querendo chamar a atenção e tentou boicotar a videoconferência ele tenta boicotar algumas coisas e eu comecei a conversar com ele depois que ele começou a sabotar algumas coisas, comecei a conversar com ele mais ah não faz mais isso esse é um curso teu é como se fosse a tua casa, ele disse tá bom professora não vou fazer mais depois daquele dia que a gente conversou bastante e que ele falou da filha dele e perguntei o nome dela e ele me mandou uma foto e ele agradeceu muito e depois outro dia ele me mandou um e-mail para mim, para o João, para o Mauricio, pedindo desculpas por tudo o que ele tinha feito quer dizer que o fato de ter ficado umas duas horas conversando com ele isto já deu um reflexo dele mandar um e-mail pedindo desculpas por tudo o que ele tinha feito no curso foi muito interessante assim e todos sabiam dessa falta de afeto essa carência dele todos percebiam isso. Ele vai para um congresso e ficou todo o tempo do lado de um professor que conversou com ele por alguns momentos ele ficou todo o tempo do lado dele o tempo todo conversando às vezes até ele é meio chato, mostra a carência dele.

Têm alunos que entram e dizem “oi professora tudo bem?” e eu digo “oi tudo bom, bom dia” e pára por aí, quer dizer é só para dar um oi; também tem bastante disso. Tem aqueles que no começo tinham vergonha e entrar no MSN

e começar colocar as dúvidas conversei com ela e ela a que legal professora foi muito bom eu tinha vergonha, agora não vou ter mais vergonha. Tem alunos que até hoje ainda não entram porque tem vergonha os que estão indo bem são os que entram e não tem vergonha, então é bem interessante.

Agora que começamos com as videoconferências os alunos dizem bá está muito legal a videoconferência, mas eu estou com saudades dos encontros presenciais e dos bate-papos paralelo a aula ou no intervalos das aulas porque acaba a gente trocando...a gente fez churrasco em todos os pólos em cada pólo a gente foi os pólos mais unidos, foram bons outros que estavam mais desintegrados já não aconteceu com tanto sucesso em Jaguarão já fizemos duas vezes.

E a videoconferência permite a interação? É mais uma teleconferência, mas permite que eles lá no momento sincronamente eles possam perguntar, perguntando mesmo falando mas não todos ao mesmo tempo um cada vez, a gente não vê os alunos todos assim, mas está funcionando é difícil para eles no começo eles levaram um choque, mas eles estão se acostumando com a idéia e a gente também fazer uma videoconferência é bastante difícil porque tu estás dando aula para as paredes, tu tens que realmente ...como se fosse uma representação, mas é interessante.

5- Qual a percepção que tu tens das relações afetivas na Educação a Distância?

É extremamente importante eu acho principalmente para aqueles que já tem uma deficiência dessa afetividade, né? Porque aquele aluno que tem uma estrutura familiar por traz percebo isto até no presencial é bem nítido isto o aluno que tem uma estrutura familiar por traz ele parece que vai embora, né? Agora aquele que ...e hoje em dia tem a questão familiar está muito destruída eu acho em muitos casos, né? E às vezes uma pequena conversa com o aluno paralela ao conteúdo faz uma diferença extremamente significativa no processo de aprendizagem dos alunos então eu acho que tem tudo a ver principalmente para os alunos que têm uma certa carência afetiva que já vem com algum carência de familiar do passado ou do momento, sei lá esses alunos faz uma diferença bastante grande porque eu não sei se aquilo motiva eu não sei que

efeito causa nele, mas dependendo de cada caso talvez seja uma situação, mas eu já vi situação assim mesmo no presencial de uma pequena conversa depois da aula totalmente informal sem grandes coisas dar uma repercussão grande no aprendizado do aluno, eu já vi acontecer isto no presencial, no a distância é a mesma coisa e o que eu percebo é exatamente a questão da estrutura familiar se o aluno tem uma estrutura familiar por traz no presencial também a gente percebe ... aqueles casos que mesmo casado que fala dos filhos, que fala da esposa lá ele vai embora e tem aqueles que estão meio perdidos como esse menino que eu falo que é carente os pais moram em Porto Alegre me parece que ele tem um irmão que mora com ele em Jaguarão, mas tem uma carência tu percebes isso.

Infelizmente a gente não consegue conhecer todo mundo, né? A ponto de intervir porque se a gente conseguisse fazer isso com todos porque nem todos se abrem para começar e difícil também chegar e meio caminho tu andas um pedaço ele tem que andar outro eu acho nesta história e às vezes o aluno não se abre acho que isso as vezes impede um pouco mais a, melhora, eficiência do processo nessa linha. Acho que se todos viessem como uma estrutura familiar boa de casa talvez não precisasse tanto. Hoje, do professor nessa parte afetiva, não que não precisasse ter afetividade, acho que este processo tem que ter afetividade, mas o aluno e o professor têm que gostar do que fazem, tem que estarem motivados para isso e têm que demonstrar isso, né? Porque senão o aluno vai acabar se desmotivando, né? Mas hoje em dia eu percebo que há ...que o professor tem que ir um pouco além de simplesmente isso ele tem que ir um pouco mais por lado afetivo para resolver, para poder resgatar um aluno meio desvirtuado vamos assim, meio desmotivado, mas é difícil isso não é uma coisa trivial e tem que ter abertura dos dois lados, têm aluno que se abrem mais comigo, tem alunos que se abrem mais com o Artur ou com outro professor. Conseguir fazer essa comunicação a mais é bem interessante isso.

6- Qual a relação que tu fazes entre aprendizagem e afetividade sem ser na educação a distância?

Elas estão extremamente ligadas eu acho, principalmente naqueles casos onde o aprendiz tem essa carência. Os alunos que tem uma estrutura familiar boa por traz não têm tanta necessidade disso porque ele próprio já está bem estruturado e tu não precisas interferir muito, porque ele já sabe o que ele quer, ele já sabe, entendesse fato talvez não seja só este o fator é a falta do afetivo. Eu acredito que, quando tem uma estrutura familiar por traz que esteja bem, né? A afetividade dele ta legal também não é só a questão afetiva o fato de ter alguém com quem conversar alguém que dê apoio pra ele, ele também está sabendo onde ele quer chegar e às vezes o aluno está ali perdido talvez nem só por carência, mas às vezes por não ter alguém que dê o caminho. É uma coisa bastante complexa isso não é uma coisa tão trivial, mas que existe essa relação aprendizagem e afetividade eu não tenho a menor dúvida. É uma relação forte e é necessária existir na educação. Não adianta só o professor frio ir lá, claro que a demonstração da afetividade pode ocorrer de várias formas o professor às vezes pode parecer frio, mas não é, ele pode vir aqui dar aula falar ...falar virar as costas e dar tchau para os alunos, mas o jeito dele atuar, deixa transparecer isso, a forma de demonstrar essa afetividade ela é ..têm várias formas cada um tem o seu jeito.

7- E a relação afetividade e aprendizagem na Educação a Distância?

É a mesma coisa não vejo diferença no ensino a distância no presencial em qualquer processo de ensino seja ensino a distância objetivo principal e a aprendizagem do aluno então não tem diferença entendesse talvez tenha diferença nos meios nos métodos, mas o fim é o mesmo. **E tu achas que ela facilita a afetividade facilita em qualquer um dos dois?** Em alguns casos, a distância pode facilitar pelo fato que é mais fácil você se abrir conversando via MSN do que cara a cara por isso que hoje a rede ORKUT, esse negócio de MSN conversas desse tipo ai tão em alta tem jovens que nem saem mais para a rua, não sei é uma opinião minha nunca pesquisei, mas é que eu acho que é mais fácil o ser humano se abrir com outra pessoa desabafar colocar para fora o que ele sente a distancia não olhando olho no olho. Então por esse motivo o ensino a distância talvez essa relação melhore...talvez.

8- E a relação entre motivação para a pessoa permanecer no curso e realizar as tarefas que ela tem que realizar com a trocas afetivas?

Essa afetividade do professor tem que estar a fim daquilo que ele está fazendo, tem que estar motivado, isso vai refletir no aluno, a organização do curso como um todo, as coisas não podem estar jogadas tem que ter organização se vai mudar uma programação tem que avisar com antecedência tem que respeitar todos envolvidos no processo professor, tutores, alunos todos, né? Então esta questão toda ...a organização é importante até para não quebrar todo este ciclo. **E o que motiva o aluno a permanecer no curso tu achas assim?** O maior motivo é eles aprenderem terem uma profissão acho que é esse um dos motivos maiores eles querem ser mais eles querem melhorar, evoluir vamos dizer assim entendesse ...porque tem muitos alunos que continuam no curso embora tenha outros que digam assim porque que eu vou me matar estudando, eu ouvi, eu vou me matar estudando vou vir aqui todos os sábados tem que estudar...se eu posso lá pagar um curso e saber que daqui a quatro anos eu tenho certeza que eu tenho o diploma aqui eu não tenho eu tenho que estudar muito, posso reprovar...sei o que lá. Porque então tem alunos que sabendo que tem aquele curso barato, 200 reais tem condições de pagar por que não vão lá, por quê? Porque eles sabem que eles vão ter um diploma e que vão ter uma profissão e vão ser algo diferente, vão fazer diferença na sociedade, né? Não é simplesmente ter diploma e ser mais um eles vão ter o diploma, mas não vão ser simplesmente mais um. Eu acho que isso motiva eles também o fato de ter um ...eles falam assim nós somos alunos da UFPel, eles falam assim nós somos alunos da Universidade Federal, eles falam isso com muito orgulho tu percebes isso entendesse então acho que é isso muitos alunos que acho que seria o principal para eles se formarem e serem o diferencial na sociedade. **E tu achas que essas trocas afetivas ajudam a fazerem as tarefas?** Claro. Até vai além das trocas afetivas é a questão de que um motiva o outro o trabalho em grupo um motiva o outro quando um está desanimado o outro vem, vamos lá, os tutores também quando vem que a coisa tá meio ...vamos lá que dia vai ser que grupo vai vir estudar, vamos ajudar vocês, vamos que dúvidas há, vamos tentar sanar, né? Então por isso que eu acho importante aquelas tutoras porque todos estão desanimados a tutora é que vai levantar a moral deles, por

que acontece foram mal em uma prova ou tem muita coisa para fazer a maioria deles trabalham chegam lá estão cansados se não tem algo que motive que cutuque vamos dizer assim vão desanimar sozinho é difícil acho que isso é natural sozinho é muito difícil continuar em um curso a distância. Têm exceções, têm alunos que realmente gostam de estar sozinhos, estar no canto deles e conseguem se organizar, mas a maioria das pessoas não gostam de estarem sozinhas, eles precisam do outro, da motivação do outro para se motivar e de repente amanhã o outro está desmotivado, mas ele está no pique isso passa é contagioso isso. **Vocês fazem trabalhos em grupos nos pólos?** As atividades são feitas em grupos, na maioria das vezes, e tem a porcentagem das atividades que são feitas em grupo que, no começo, eram feitas individual cada um fazia o seu lês podiam se reunir em grupo. No início, foi bastante incentivado o trabalho em grupo. Exatamente para a questão da motivação para quando um está desanimado o outro levantar a peteca e tocar adiante, né? Mas o que começou a acontecer é que os alunos que eram melhores começaram a fazer e os outros copiavam e mandavam a tarefa. Então a gente cortou isso agora a atividade é feita no pólo diante dos tutores podem ainda serem em grupos um ou dois mais não se aceita. Depois então há a troca entre o grande grupo, porque senão acabava dois ou três fazendo era cópia no ambiente todos os trabalhos, estou cortando é em grupo ainda vai continuar o trabalho em grupo para motivar para ajudar para motivar o aluno cria motivação eu acho porque já no grande ...no só no presencial mas no ensino a distância o grande gargalo da Educação hoje da aprendizagem que é o objetivo é a questão da motivação se a pessoa está motivada ela vai embora. Por isso que é importante que todos os que estejam envolvidos estejam motivados e ter esta organização e o respeito por isso que eu acho importante ter essa estrutura bem organizada porque não estão trabalhando com 10 ou 20 alunos em uma turma, né? São 30 em Jaguarão, 30 em Canguçu e 30 Turuçu e isso é hoje a realidade a partir do ano que vem nós vamos ter 17 pólos. Então se tu não estiveres extremamente organizado e respeitando os tutores locais, os tutores daqui e os alunos em hipótese alguma vai funcionar, furar a programação é a pior coisa que tem e muito ruim mesmo então a organização é extremamente importante para motivação ainda para mim influencia na motivação. Eu não sabia como é que mudaram a data da prova e eu não fiquei

sabendo porque não é uma coisa que tu podes fazer de um dia para o outro num instante é diferente do presencial que tu muda de um dia para o outro e não tem problema nenhum, mas a distância não é assim, então a organização e o planeamento é extremamente importante também para evitar a desmotivação.